

Foice Bittencourt

HERDEIROS MALAMAM

Belinda

Entregue à você



Herdeiros Malamam

Livro 5

Belinda
entregue a você

por Joice Bittencourt

Copyright © 2019 *Joice Bittencourt Romances*.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, a distribuição e o armazenamento, no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora. A violação dos direitos autorais é crime previsto na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Obra:

Belinda – entregue a você

Série:

Herdeiros Malamam

Livro 5

Autora:

Joice Bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Joice Bittencourt Romances

Junho de 2019

#ficaadica

Temos aqui um romance, uma obra de ficção, onde coloco o fruto da minha mente imaginativa e inquieta. Desejo que você se afaste do peso da realidade e mergulhe de cabeça na história. Retire o cinto de segurança, desative o paraquedas e deixe a emoção te levar.

Qualquer semelhança com a realidade, nomes, pessoas, fatos, datas ou situações terá sido mera coincidência. Ou muita sorte! A história é de minha autoria, mas, como dizem: a vida imita a arte e a arte imita a vida.

Todos o meu respeito aos médicos e policias. As duas profissões fazem parte da trama e enriquecem cada passagem.

Leia com o coração, vista a pele do seu personagem favorito e embarque nessa aventura. É isso que espero e desejo. Se nas páginas deste livro, eu conseguir passar os sentimentos vividos por Rael e Belinda, estarei realizada.

Aprecie sem moderação!



Prazer...

Meu nome é Joice Bittencourt e, apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, moro desde criança no Espírito Santo. Sou aquariana literal. Casada, mãe de dois filhos e um cachorro. Comecei a escrever por distração, precisava de algo que me desligasse das atribulações do dia a dia. Assim nasceu o meu primeiro livro, "No Limite do Prazer". Um detalhe: foi escrito no celular.

Certo dia, buscando informações sobre um famoso romance, encontrei uma plataforma literária onde qualquer pessoa poderia disponibilizar suas histórias, contos e ideias. A primeira coisa que fiz foi começar a ler as tantas opções postadas gratuitamente. Eram muitos livros, histórias emocionantes e divertidas. Mas, como aquariana que sou, vivia elaborando mentalmente finais alternativos para os livros que lia.

No início de 2014 postei o meu primeiro romance. Nunca esperei que alguém pudesse gostar do que saía da minha fértil

cabecinha, mas... Foi um grande sucesso de leituras. A partir daí nunca mais parei.

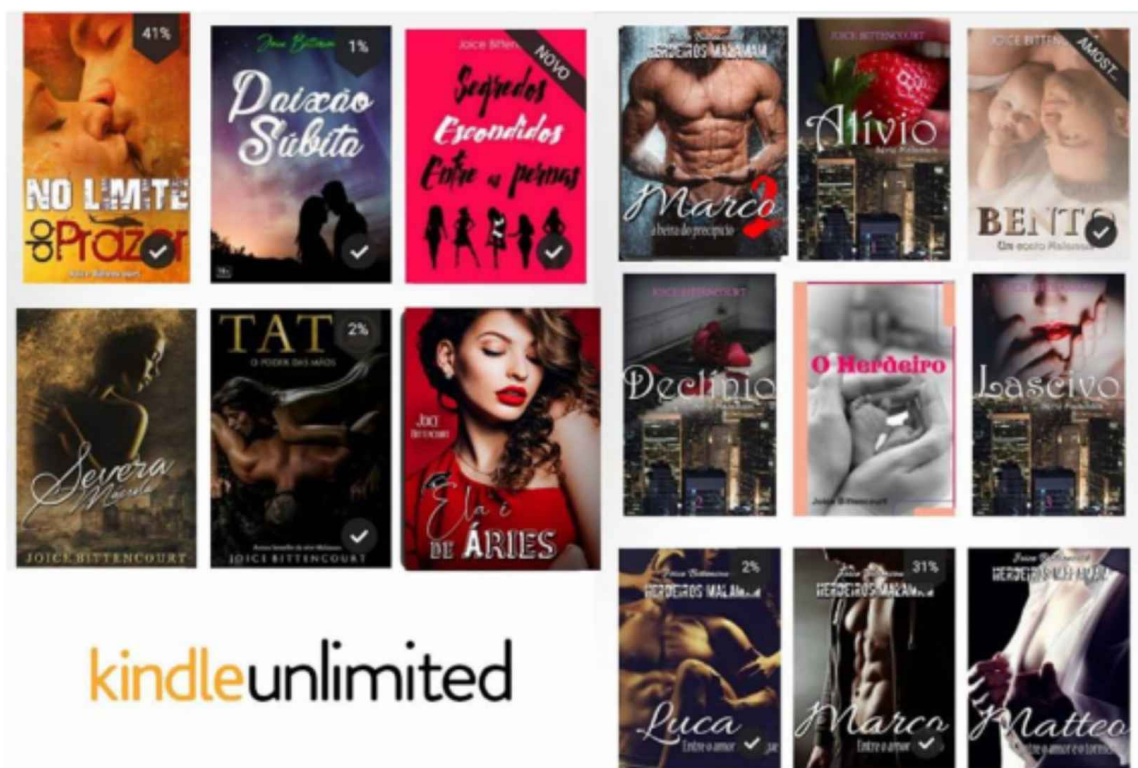
Até agora, são 15 romances escritos, muitos leitores e um coração realizado. Meus livros mais conhecidos são os títulos que compõe a Série Malamam. Se quer uma dica, aprecie essa família de médicos fortes e determinados assim que terminar Ela é de Áries.

Que venham mais histórias e muita inspiração!

Me siga nas redes sociais

Instagram: @joice_bittencourt

Facebook: Joice Bittencourt



Sinopse

Índice

Conselho de mãe

Belinda

Quando você tem treze anos e o seu primeiro amor troca de escola, parece que o mundo vai desaparecer, que a vida está escorrendo entre seus dedos e nada mais será como antes. Tudo fica cinza, triste e sem graça.

— Você não pode ficar tanto tempo dentro desse quarto, Belinda. O Lucas seguiu o caminho dele, assim como o seu também seguirá. Ano que vem serão outros amigos, gente nova, caras novas. Muitos meninos ainda vão fazer parte da sua história.

Essas foram as palavras da minha mãe.

Talvez o meu drama estivesse passando um pouco dos limites. Afinal, estávamos todos da Casa di Tutti, casa de férias oficial da família, e ninguém conseguia me tirar do quarto.

Por mais que tentassem, a dor era real. Eu estava sofrendo a minha primeira perda e não conseguia administrar os sentimentos de outra forma que não fosse me debulhando em lágrimas. Era a própria imagem do sofrimento. Branca demais, loira demais, minhas veias ao redor dos olhos saltavam como raízes grossas e as bochechas vermelhas como maçãs.

— Filha, — minha mãe usou aquele tom. O tom que só as mães sabem ter quando querem nos dizer algo que devemos guardar na bagagem e levar para o resto das nossas vidas.

— Eu já sofri assim também. — olhou-me com empatia — Parecia que a vida não continuaria e que um mar de tristeza seria a minha nova realidade.

A confissão deu a ela um pouco da minha atenção.

— E passou? — perguntei, com a voz trêmula.

O choro incessante tomava o meu ar.

— Demorou muito. Cheguei a pensar que jamais me apaixonaria novamente. — a encarei ansiosa e ela sorriu — Só que o tempo não espera por ninguém, não volta e não freia. Podemos

até fazer um pouco de pirraça e chorar sem aceitar alguns fatos. Mas a verdade? A verdade é que se a gente não sacudir a poeira e entrar na roda da vida novamente, ela vai embora sem ao menos sentir a nossa falta.

Minha mãe foi clara e direta, como sempre.

Houve um tempo que eu cheguei a sonhar com uma pessoa fofa e que me contasse que meninas eram como rosas. Pouco tempo. Logo eu entendi que a minha mãe era uma mulher diferente, prática, forte e direta. Se eu caísse, ela me mandava levantar. Se eu não entendia uma matéria, dizia que eu precisava me esforçar mais.

Dona Safira nunca foi um doce, mas aprendi a enxergar a beleza da sua sinceridade.

— Mãe, e se ele encontrar outra menina?

— Isso com certeza irá acontecer, Belinda. — ela nem pensou antes de jogar a realidade na minha cara — Provavelmente já esteja com uma durante as férias e encontrará outra na escola nova. Ele irá seguir a vida dele. Homens são assim.

— Não, mãe! — gritei e abri a boca a chorar.

— Sim. — ela segurou o meu queixo — E você fará o mesmo assim que cicatrizar o seu coração. Então ele será quebrado de novo e de novo, até que o seu par apareça e te faça enxergar que valeu a pena seguir em frente. Todos os outros serão apenas lembranças. Belinda, você nem se lembrará que um dia chorou por esse moleque.

Eu não tinha certeza se queria passar por tanto sofrimento, mas entendia a ideia.

— Foi assim com a senhora e com o papai? — perguntei.

— Quase...

— Conte-me. Já tenho treze anos, sou uma mulher. Estou pronta para conhecer a história de vocês.

— Ainda não é uma mulher, Belinda. É uma pirralha de coração partido. — virei de costas para que ela começasse a trançar

meus cabelos — Mas vou ver o que posso fazer por você.

— Oba!

Nem em um milhão de anos eu esqueceria aquele momento. Foi especial para mim. Os momentos de mãe e filha eram os meus favoritos, apesar de não muito frequentes. Com as muitas horas de trabalho administrando o hospital da família em Belo Horizonte, ela se fazia presente como conseguia, mas milagres não aconteciam.

— Vou começar dizendo que, enquanto ajudava meus pais na roça, não tive muito tempo para o primeiro amor como você. Comigo as coisas demoraram um pouco mais, era um outro ritmo, outros tempos.

— Com quantos anos se apaixonou? — perguntei explodindo de curiosidade.

— De verdade? — pensa um pouco — O meu primeiro amor foi o seu pai.

Parecia o início da mais perfeita e linda história de amor.

— Ah! Que sortuda! — olhei-a por cima do ombro — Eu tenho um conto de fadas dentro de casa e nem sabia. É isso que eu quero, mãe. Quero encontrar o meu príncipe e ser feliz com ele, igual a você e ao papai.

A risada sarcástica e divertida foi imediata.

— Está muitíssimo enganada, mocinha.

— Estou?

— Completamente.

— Não entendo. Se o meu pai foi o seu primeiro amor e vocês estão casados e felizes até hoje, não tem como não ser um conto de fadas. — o contrário me parecia impossível — A vida inteira ouvi a senhora e minhas tias contarem como era a vida colhendo morangos e andando quilômetros até a escola no interior. Olha a nossa vida hoje. Todos os anos vocês viajam para uma nova lua de mel, meu pai só falta te carregar em uma bandeja. Ele é o seu príncipe.

Os dedos de minha mãe pararam imediatamente e por curiosidade me virei em sua direção. Seu rosto tinha muitos sentimentos aparentes, mas por conhecê-la bem, pude ver o único que se escondia e tentava não emergir à superfície; a dor.

— Seu pai foi o meu primeiro amor. O único amor verdadeiro. Mas não pense que ele chegou como um príncipe. Houve um tempo em que ele me fez viajar até o inferno e sofrer mais do que achei que suportaria.

Era a primeira vez que eu ouvia a revelação.

— Nenhum de nós estava pronto para o que sentíamos. Ainda faltava exatamente o que te falta. Experiência, vivência... maturidade. Belinda, você é apenas um bebê querendo sair do ovo. A vida vai se mostrar para os seus olhos, mas esteja ciente que nem tudo será rosa e brilhante.

— Não devo me apaixonar?

A pergunta me pareceu simples. Não era exatamente um problema de matemática como os que o professor Tenório passava no nono ano.

— Se for esperta? Não, não deve. Mas aí entra uma escolha importante. Sem paixão a vida é pacata, organizada e previsível em tons discretos.

Aquilo me parecia triste.

— Eu gosto de brilho, de cor e de barulho.

— É... eu sei do que gosta. — mais uma vez ela volta a trançar os meus cabelos — Por isso sei que se apaixonará, que derramará muitas lágrimas e terá o seu lindo coração quebrado. Com a paixão vem as cores, o brilho, o calor... nada pode ser previsto ou controlado.

— Acho que vale as lágrimas. — digo sorrindo.

— Vale cada uma delas quando encontramos a pessoa certa. Essa pessoa não te fará sofrer por querer, mas por medo ou por imaturidade. Ou...

— Ou o que? — pergunto, entusiasmada.

— Ou você pode ser uma daquelas sortudas que encontra o príncipe e é feliz para sempre.

— Vou torcer por isso.

— Eu também, meu amor. Eu também.

Vida nova.

Belinda

Eu odeio obra! Eu odeio obra com todas as minhas forças! Não é nada bom cuidar de uma obra, muito menos ter que lidar com os problemas de uma. Prefiro cirurgias.

Não acredito que uma pessoa bem da cabeça goste de ter estranhos dentro de casa, de depender da boa vontade das pessoas ou de ficar à mercê da irresponsabilidade alheia. Eu odeio.

Definitivamente, detesto qualquer coisa que faça eu me sentir boba, despreparada ou que pareça brincar com o meu tempo. Se em alguma outra vida eu me meter em reformas novamente — porque nesta não será — espero ter mais sorte... ou mais conhecimento.

Tony, o meu irmão mais velho, fez o projeto do jeito que eu sempre sonhei. As perspectivas de como o apartamento ficaria quase me fizeram agonizar de ansiedade. E olha que eu poderia mesmo ter agonizado, porque sou a personificação da palavra ansiedade. É difícil até de explicar.

Antony é o melhor arquiteto que conheço. Acredito que se ele estivesse aqui, acompanhando todo o processo, seria bem mais rápido.

Infelizmente, ter um homem à frente de certas coisas, costuma ser melhor mesmo. Não sei se pela minha cara de menina ou pela voz enganosamente doce, frequentemente sou subjugada pelas pessoas que acreditam poder passar por cima de mim. Uma meleca!

E foi assim com o meu apartamento.

Contratei uma empresa para fazer a reforma com base no projeto feito por Tony. Aparentemente não tinha o que dar errado, mas eu estava redondamente enganada. No segundo dia de obra eles apenas conseguiram entupir a privada com entulho, e ninguém soube dizer como os pedaços de tijolo e cimento foram parar lá. E para melhorar, uma parte desceu pelo encanamento, provocando uma inundação no apartamento de baixo.

Resultado: tive que pagar os prejuízos da minha vizinha e de quebra ganhei a inimizade da mulher e dos seus cinco gatos. Quem tem cinco gatos? Só mesmo alguém que não aceita os milhares de pedidos de desculpas da mais nova moradora do prédio.

Antony quase surtou quando contei. Não só pelo absurdo causado pelos caras da obra, mas também por eu ter arcado sozinha com o custo do problema depois que eles abandonaram o serviço. É uma coisa louca, mas eu não firmei nenhum contrato, foi tudo definido de boca. Um dia eles estavam aqui e no outro não estavam mais.

Achei melhor resolver o problema pagando o prejuízo para me livrar logo daqueles péssimos profissionais.

Tive que contratar uma nova empresa? Tive. Mas, dessa vez lembrei de pedir referências e exigir um contrato.

De certa forma, o problema foi resolvido e vida que segue.

Algumas semanas depois do que pareceu ser um caos sem fim, vivendo temporariamente com os meus tios, a reforma acabou e pude finalmente me mudar. Venci! E sabe... foi bom, valeu a experiência.

Saí da casa dos meus pais em Belo Horizonte com um plano em mente. Vendi meu carro, algumas joias e coisas pessoais para dar entrada no meu apartamento. Ok, meu pai me ajudou um pouco, mas eu me esforcei. Para mim, depois de anos sendo o bebê de todos, chegou a hora de me impor.

Acho que acompanhei de perto o que Marco passou sendo residente no MAH, e escolhi fazer um caminho diferente. Quem sabe eu seja “a do contra”? Inscrevi-me em no programa de outro hospital, estudei e dei o meu máximo. Quando recebi o resultado foi como um banho gelado, me sacodindo para as novas possibilidades.

Aceitei.

Tive tempo de me planejar e traçar um objetivo. Posso ser falante demais, animada demais e intensa demais... porém, também sou teimosa demais e quando decido por algo, ninguém me tira.

Surpreendendo a todos. Até mesmo a mim. Vim para São Paulo e dei o primeiro passo solo na minha vida. Isso não é demais? Sou oficialmente adulta. Sou responsável por mim mesma.

Só não sei como me adaptar ao silêncio do meu novo lar.

Passam das 23h e eu ainda tenho que encontrar a caixa com os meus pijamas. Meus pais vieram de BH para cá com a caminhonete trazendo todos os meus pertences, incluindo a penteadeira que tenho desde os dez anos. Trouxe de uma viagem que fizemos para a Bélgica. Lembro-me como se fosse ontem, do problema que deu para garantir a chegada do móvel vintage em segurança.

Caramba! As caixas nunca terminam.

Talvez eu tenha me precipitado ao não aceitar a ajuda de Damaris e Pérola para arrumar as minhas coisas no lugar. Marco e Matteo ajudaram a subir tudo e deixaram as caixas espalhadas pelo apartamento. As meninas queriam ficar, abrir um vinho e ajudar. Gostei da ideia, mas recusei.

Não é que eu não os queira por perto. Quero. Mas neste momento, pretendo escrever cada vírgula da minha própria história; por mais irrelevante que ela seja. É importante para mim colocar a mão na massa, desempacotar, desembulhar, guardar. Tem que ser eu, quero fazer tudo por minha conta.

A vida toda, vivi na sombra de alguém, sempre com ajuda ou supervisão de outra pessoa. Já chega. Não preciso mais que garantam a minha segurança ou o sucesso das minhas ações. Não importa se é abrir um pote de azeitonas, pregar alguns quadros ou mudar o sofá de lugar, eu quero fazer por mim mesma.

— Eu deveria ter nomeado as caixas depois de enchê-las. É a terceira vez que a etiqueta não casa com o que tem dentro. Nunca vou encontrar meus pijamas.

Vasculho mais duas malas e uma caixa, onde a etiqueta dizia: roupas miúdas, mas na verdade continha dois casacos de neve e uma raquete de tênis rasgada.

Por que raios eu trouxe isso?

É oficial, eu preciso melhorar as minhas táticas de organização. Inclusive comprei um livro sobre isso uns dias atrás... só não me lembro onde enfiar. Nunca fui boa com tarefas domésticas.

Entre os livros e arrumar minhas gavetas, sempre preferi os livros. Na adolescência era fácil me encontrar lendo no chão, enquanto minha cama estava tomada por uma montanha de qualquer coisa que jamais deveria estar lá.

Vou até o banheiro, tomo um banho frio, porque esqueci de pedir que a administradora de gás viesse instalar a máquina. Apenas um detalhe, considerando que a noite a temperatura cai bastante.

Eu e minha exímia organização.

Sem toalha no banheiro, saio escorrendo água pela casa. Meus pés não firmam, escorrego e caio de bunda no chão.

Bufo. Olho para cima e ergo os braços, murmurando:

— Tá bom já, hein! Entendi o recado, Deus. Vou dormir pelada porque a culpa disso é dos meus pijamas fugitivos.

Com o bumbum doendo e com os cabelos molhados, na falta do secador, deito-me na cama, acendo o abajur de estrela e fico admirando a minha casa. Meu primeiro apartamento sozinha.

Ah que amor! Espero não o incendiar antes do primeiro ano.

Teto branco, paredes rosa millennial, metais em rose gold. Não tem uma poeira diferente do que eu queria e imaginava. Tony me mandou de presente um aparelho de telefone retrô, que coloquei estrategicamente sobre a mesinha plotada de pink para o contraste. Os dois conversam bem, apesar das diferenças.

Estou tão feliz e eufórica que o sono não vem. Meus olhos vão para todos os cantos, buscando contemplar um pouco mais. Parece mentira.

Será que acordarei e tudo não terá passado de um sonho?

Estou tão empolgada.

Amanhã é o grande dia. Uma nova fase que se inicia. Até o ensino médio tudo era simples e acontecia de maneira natural. O vestibular foi o meu primeiro desafio realmente, e me saí muito bem. Fui aprovada em medicina, ficando em 4º lugar geral na federal. Apesar de muita gente não acreditar na “menina espevitada”, eu consegui. Concluí o meu curso, e no tempo certo.

O processo foi longo, árduo e competitivo, mas eu consegui. Formei como médica e me orgulho do meu diploma. Sinceramente? Foi ali, no dia que recebi o meu canudo, o exato momento em que entendi que precisava de espaço para abrir as minhas asas.

Quem diria? A menina que colocou areia no motor do carro do irmão por vingança, se formou em medicina. E não foi só isso. Eu era terrível! Na escola, fui suspensa por vender colas das provas e contrabandear trabalhos de casa.

Eu usava o dinheiro para comprar maquiagens e esmaltes de unha. Não que eu precisasse, mas eu gostava.

Desde sempre fiz o que me desse na telha. A bola da vez é morar sozinha na grande metrópole e me formar em anestesiologia.

Velhos hábitos

Belinda

Acordo com uma ligação de Tony. Mesmo longe, meu irmão é uma das pessoas mais presentes na minha vida.

Não me preocupo em olhar o relógio. O céu está nublado e pela claridade que entra através das janelas, acredito que seja super cedo. Tony deve ter ido para a balada e está me ligando no meio da madrugada californiana.

— Bom dia, mais velho!

— Bom dia, mais nova!

— Será que um terremoto te acordou no meio da madrugada ou você estava na farra? — pergunto, sorrindo ainda na cama.

— Está na hora da minha caminhada. Você deveria tentar, faz bem.

— Que horas são?

— No Brasil? Umas 6h20min, pelas minhas contas. Dizem que Deus ajuda, quem cedo madruga.

Isso não está acontecendo. Perdi a hora.

— Meleca!

Meu celular deveria ter despertado há duas horas.

— Fico feliz de saber que te acordei. — Antony usa o seu belo sarcasmo para me alfinetar. — Está atrasada? Velhos hábitos nunca mudam.

Coloco o celular no viva voz, deixo sobre a pia do banheiro e corro para me arrumar. Eu já deveria estar com os dois pés na Santa Casa e não aqui.

— Tony, eu deveria me apresentar às 6h. Não acredito!

— Mais nova, já era de se esperar. Por isso liguei. — ele fica em silêncio — Estou ouvindo o seu xixi?

Involuntariamente travo o jato e reviro os olhos.

— Você é muito invasivo. Tchau, Tony. Falamos a noite.

Para um primeiro dia, as coisas estão realmente muito conturbadas por aqui. Por sorte existem aplicativos de motoristas... por outro lado, estamos em São Paulo e não em BH. Se eu achava que o trânsito era ruim lá... tudo pode piorar.

Piorar bastante diga-se de passagem.

— Por favor, será que não tem um caminho mais rápido? — pergunto ao motorista. Ele me encara pelo retrovisor aparentando pouca paciência.

— Você não é daqui, certo?

— Sou de Belo Horizonte.

— Que horas é o seu compromisso?

— Às 6h. — respondo, fecho os olhos e tombo a cabeça contra o banco.

— Acho que a culpa não é do trânsito, mocinha.

Mocinha?

Que forma irritante que as pessoas têm de se dirigir às outras. Ninguém gosta de ser chamada de mocinha. Parece que quebrei um porta-retratos e fui pega no flagra. Imagine se eu falasse com ele dizendo motoristazinho?

Meleca! Mil vezes meleca!

Irritada com o comentário do motorista e ainda mais irritada com o meu atraso, me calo, arrancando o esmalte das unhas enquanto vejo a chuva cair.

Minha credibilidade despencará igual a chuva antes mesmo de começar a residência.

Depois de intermináveis vinte e cinco minutos, passo pelas portas da Santa Casa. Já estive aqui algumas vezes, fiz as provas, apresentei documentos, fiz até o reconhecimento do terreno como se estivesse no jardim de infância. Ontem mesmo estive aqui para me apresentar.

Eu estava preparada, juro. Não tinha a menor chance de dar alguma coisa errada.

Por favor, que não seja tão ruim quanto parece.

Este ano apenas três vagas para residência em anesthesiologia foram abertas e depois de muito estudar, eu passei. Estou aqui entre os três e lutei muito por isso.

Faço o sinal da cruz em busca de toda ajuda possível e vou com a cara e a coragem. Mas, ao virar o primeiro corredor, dou de cara com o doutor Ushyro Taoka, meu supervisor.

— Você está atrasada. Tem uma boa razão para isso, senhorita Barcelos?

Acho que só um atestado de óbito seria o suficiente para justificar uma hora de atraso.

Pense, Belinda. Pense.

— Eu... — amarro o meu cabelo às pressas e tento formular a resposta mais coerente possível — Houve um acidente horrível no caminho. Um ônibus... Bem...

Só percebo o erro quando ele me encara com as suas profundas rugas na testa e seus olhos orientais que pouco me permitem interpretar suas expressões. Estou realmente impressionada. Se ele não estivesse de pé e tão aborrecido bem na minha frente, eu diria que é um cadáver: gelado e impassível.

— Antes de mentir, lembre-se que se algum acidente grave tivesse acontecido nas redondezas do hospital, nós saberíamos. Por tanto, vou fingir que não ouvi o seu patético discurso e começar novamente. — ele encara sua prancheta e depois os meus olhos — Tem uma boa justificativa para o seu atraso, senhorita Barcelos?

— Sinto muito. Eu perdi a hora. Isso não irá se repetir, prometo. — é tudo que tenho em minha defesa.

— Pouco me importo com suas desculpas, senhorita Barcelos. — recebo um olhar de peixe morto que realmente me incomoda — Se quer a minha opinião: Muitos desistem no caminho por não se adequarem à realidade pós-formação. Isso aqui é a vida adulta, então cresça ou vá embora.

Ele se vira e sai caminhando sem me dar qualquer chance de defesa. É como se eu tivesse acabado de levar um sonoro tabefe bem dado e não pudesse nem chorar.

O doutor Taoka não me deixará esquecer disso. Se eu quiser me formar, precisarei ser a melhor.

Sobrevivo ao primeiro dia.

A primeira semana no hospital passa num piscar de olhos, pior do que eu imaginei ser possível. Foi mais intensa, mais desgastante e mais emocionalmente caótica do que contam.

As pessoas deveriam nos preparar para o que vem depois. Ninguém fala que vai ser tão difícil assim... Ou não escutam quando falam.

Tenho feito 12/24 e parece que as doze horas dentro do hospital são noventa e que as vinte e quatro horas de folga são vinte minutos, porque a única coisa que consigo fazer é tomar um banho, estudar e dormir. É óbvio que eu já sabia a carga horária e já tinha uma ideia do programa, mas... saber o quanto cansa, não é sentir na pele.

— Bom dia, Belinda!

— Bom dia, Silva. Bom dia, Carlos Magno.

Cumprimento os outros dois residentes que entraram comigo no programa deste ano. Como eu já esperava, são homens e têm a competitividade no olhar. Carlos Magno vem do sul e pela forma como se porta, parece vir de uma família muito rica. Silva é um cara comum, nem muito em cima e nem muito embaixo, simplesmente mais um dentre tantos de jaleco branco. O tipo de pessoa que não chama muita atenção e passa facilmente despercebido.

— Não tive tempo de comer nada hoje. Parece que a minha semana durou um mês. Vocês também estão assim? —diz Silva, entre bocejadas.

Estamos todos destruídos.

Eu pretendia compartilhar o meu pensamento, quando a voz de Carlos Magno sobressaiu a minha.

— Começando assim, não durará dois meses. Eu estou de boa, preparado para tudo.

Olho-o sem acreditar na sua falta de empatia.

Todos nós estamos esgotados e sentindo o peso dos primeiros dias, mas com o tempo iremos nos acostumar. É só um momento de adaptação. Pelo menos é o que eu espero.

Aí vem esse almofadinha do mal destilar o seu veneno? Me poupe! Se me enfezar, falo umas verdades na cara dele.

— Está escorrendo, Calos Magno. — digo, com a minha melhor cara de doçura.

— O que está escorrendo, guria? — até a voz dele é tediosa.

Estico o braço e enceno limpar o canto da sua boca.

— O seu veneno. Agende uma consulta no Butantam.

Foi como jogar um balde de gasolina em um incêndio.

Ele me encara com raiva e chacoalha a cabeça. É espantoso como as pessoas conseguem ficar feias e intragáveis apenas com o que colocam para fora.

Calos Magno é o tipo de homem que tem tudo para ser bonito: é alto, tem olhos claros e cabelos cheios, dentes estranhamente brancos e visual elegante. Seu único defeito é o coração. Podre, feito seu hálito fétido de cigarro mal encoberto por chiclete de menta.

— Eu não estou aqui para fazer amigos, Belinha.

— Meu nome é Belinda.

Mais uma vez ele me encara com soberba. Seus grandes olhos azuis lançando flechas em minha direção.

— E de que importa?

Não é porque sou mulher ou porque sou pequena que vou me calar para o que esse escroto diz. Meu sangue chega a ferver de raiva. Se não estivéssemos no hospital, eu já teria gritado umas verdades na cara dele.

Silva, se mete entre nós dois para apartar a discussão.

— Vocês estão parecendo adolescentes do ensino médio. — ele se vira para mim — Vai perder tempo com ele?

— Não, não vou.

— Ótimo! Vamos trabalhar.

Antes que eu o questione, ele passa o braço ao redor dos meus ombros e seguimos até o hall dos elevadores. Foi melhor assim. Conheço-me o suficiente para saber que se Carlos Magno apertar os botões certos, sou capaz de virar a mão na cara dele.

As horas passam e nem percebo. Sair da cama é a parte mais difícil, mas quando entro no hospital não sobra espaço para mais nada, até mesmo o sono e a fadiga vão embora. Sinto-me empolgada e útil aqui. Cada segundo, um novo conhecimento. Nada pode ser mais revigorante.

Aqui não importa quem sou, porque ninguém sabe de onde venho. Sou Belinda Barcelos, uma residente de anestesiologia como qualquer outra. Não sou filha de dono de hospital, muito menos membro do clã Malamam. Esse estereótipo não me pertence mais.

Um leão por dia

Rael B. Leão

Enquanto a população dorme em suas casas, nós trabalhamos para garantir a segurança de todos. Enquanto muitos estão em escritórios, festas, ou seguindo suas vidas seja lá como tenham escolhido, nós lutamos para manter a ordem. Minha vida sempre está em risco, meu pelotão sempre está em risco. O trabalho nunca termina, mesmo quando a escala acaba.

Eu fiz um juramento, honro a minha boina negra. Sou um homem de palavra. Não importa o que aconteça, quando você é um militar, sempre estará de prontidão.

As minhas últimas doze horas foram de trabalho intenso, pressão e stress. Não é uma novidade, estou adaptado a minha rotina. Quando o sangue esfria, as dores e o cansaço chegam para cobrar o preço de tanto esforço.

Na televisão os telejornais não falam em outra coisa que não seja o roubo a um carro forte que aconteceu esta noite. Os criminosos renderam e depois mataram o motorista do veículo, trocaram tiros com os seguranças, matando dois deles. O roubo estava quase concluído quando interceptamos e recuperamos o carro forte. Não foi simples, mas era a nossa missão.

Ao final de três horas de perseguição, o saldo: cinco bandidos mortos e carga recuperada. Eu e meus homens cumprimos a nossa missão sem falhas, sem perdas.

É uma pena que nem todos enxerguem assim.

Como eu já imaginava, a notícia chegou longe. Meu celular vibra sobre a bancada e não preciso olhar para saber quem está do outro lado da linha.

— Alô!

— Graças a Deus, meu filho! — é minha mãe— Acabei de ver o jornal da manhã. Meu coração não aguenta isso, Rael. Achei que buscaria o seu caixão.

Para ela, cada dia de serviço será o último. Dona Fátima nunca se acostumará com a minha realidade.

— Estou bem vivo, mãe. Não tem motivo para sofrer.

— Mas tem gente morta. Eu vi que cinco pessoas entre dezoito e trinta anos morreram, filho.

— Meus homens estão vivos. Cada um na sua casa são e salvo. Eu mesmo já conferi. É o que importa.

Percebo que afasta o telefone para reclamar com Deus, questionar o meu coração duro.

— E aqueles meninos, Rael. São cinco vidas, meu filho. Diz que foi outra pessoa, que suas mãos estão limpas, por favor. Oro tanto para Deus te perdoar, filho.

Ah, não! De novo isso.

Deus tem que me perdoar pelo que aconteceu com os “meninos” que passaram dois meses organizando um roubo? Eles deixaram de ser meninos há tempos. Os pobres inocentes que executaram o motorista de um carro forte com um tiro na nuca sem chance de defesa, além de atirar em vários outros trabalhadores, matando dois deles? Meninos inocentes.

Essa não é uma discussão que quero ter agora.

Há meses estamos acompanhando essa quadrilha e eles não têm piedade de quem se coloca no caminho do objetivo deles. Hoje foram cinco, mas pelo que sabemos, o grupo é formado por mais de trinta pessoas... trinta bandidos e não meninos.

— Mãe, eu preciso dormir. Falamos mais tarde?

— Claro, filho. Eu lhe amo muito, viu? — diz ela, em seu jeito simples de mulher do interior.

— Eu também te amo, mãe. Sua benção.

— Deus te crie.

As vezes perco a noção, mas não posso negar que não nos vemos há quase dois anos. O meu trabalho consome todo o meu tempo e energia, e mesmo nas férias acabo ficando por aqui. Os motivos dela são mais profundos e dolorosos.

Meus pais vieram para São Paulo atrás do sonho de uma vida melhor. Naturais do Tocantins, eles tinham a ilusão de conseguir dar

uma vida melhor para os meus irmãos, que ficaram lá aguardando condições melhores que nunca chegaram.

Menos de dois meses depois de desembarcarem aqui, descobriram que eu estava a caminho. Tudo ficou um pouco mais difícil. Com a barriga, minha mãe não conseguia trabalhar. Era impossível viver apenas com o que meu pai ganhava fazendo bicos na construção civil. Os dois começaram a fazer comida para fora, coisa simples. Carregavam uma caixa de isopor pela selva de pedra em busca de uma chance de sobrevivência.

Nunca ouvi isso da boca deles. O que sei, descobri lendo um caderno amassado que encontrei dentro da velha mala que meu pai trouxe quando veio do Tocantins. Palavras escritas a lápis, garrancho difícil de entender, porém, o sentimento em cada linha era como poesia.

Eu tinha apenas quatorze anos e havia acabado de enterrar o meu maior exemplo de vida em uma cova rasa, sem direito a nada, nem mesmo um ramo de flores. As únicas honras que meu pai recebeu após a sua morte, foram as nossas orações.

Minha mãe não suportou continuar, era pesado demais. Se eu não fizesse alguma coisa, a veria definhar de tristeza como um peixe agonizando há poucos metros da água. Então engoli minhas lágrimas e saí em busca de qualquer serviço que me rendesse o suficiente para uma passagem de volta para casa.

Foi um tchau com cara de adeus. O que ela chamava de casa não era familiar para mim. Escolhi ficar. De lá para cá sou apenas eu e Deus olhando por mim.

Na televisão, música para sair do "personagem". As vezes só tirar a farda não é o suficiente. A pressão, o medo e a dor são coisas que transpõem as tramas do tecido. Se engana quem acha que o super-homem não esconde suas feridas por baixo da capa.

Esqueça o "super". É ilusão colocar tanta expectativa em um ser humano. É cruel esperar de um semelhante mais do que você mesmo seria capaz de fazer.

Deixo as sacolas que trouxe sobre a bancada, lavo as mãos.

A vantagem de morar em um apartamento pequeno, é conseguir assistir a tv de onde quer que eu esteja. É o meu ritual particular. Faca, temperos, panelas e uma taça de vinho. Não importa se são oito da manhã, porque o meu relógio biológico está desajustado há muito tempo.

Cardápio de hoje: espaguete à carbonara.

Como eu já esperava, três batidinhas sobressaem à música. Olga não falha.

— Chegou a sem teto. — abro a porta.

— E com fome. Senti o cheiro da sua comida lá de baixo, Rael.

Olga é minha vizinha de porta e tem uma rotina de trabalho tão louca quanto a minha. Ela é bartender em um bar super movimentado da moda, onde nos conhecemos quando precisei resolver uma pequena confusão na minha folga. De lá para cá, ficamos amigos e a indiquei para ocupar o apartamento da frente.

Eu não acreditava muito em amizade entre homem e mulher, mas paguei a língua com Olga. Não é que nunca tenha rolado. Já transamos, mas não vai acontecer novamente.

Não precisamos de mais do que uma vez para descobrir que o sexo precisava ficar de fora da nossa relação. Por um motivo simples: eu uso o sexo como droga e Olga como moeda de troca.

— Entra. — digo e vou até a cozinha — Estou fazendo um espaguete à carbonara.

— Você é o meu anjo da guarda, Rael. Já disse que te amo?

Olho-a sério, meu rosto fechado como se as palavras me aborrecessem.

— Sempre que te alimento, trombadinha.

Olga se joga no sofá sem retirar os sapatos sujos de rua. É um hábito que muito me irrita e ela sabe bem. Sirvo os dois pratos, equilibrando-os em cada mão. De baixo do braço, uma garrafa de vinho e taças.

— O que fiz para te merecer? — pergunta esticando os braços para a comida.

— Porra nenhuma. E se não tirar esses sapatos, vou comer tudo sozinho.

Olga chuta os sapatos para longe imediatamente.

— Esfomeada.

— Chantagista. — rebate — É crime sabia, seu polícia?

— Minha casa, minhas regras.

Olga ensaia uma continência malfeita, quase arranca o prato das minhas mãos e começa a comer. Seus olhos reviram quando o sabor atinge a língua, expressando quão bom está.

Tem sido assim nos últimos dois anos. Eu cozinho, colocando na comida mais do que somente ingredientes soltos... e ela finge ter somente a fome para saciar, quando eu sei que não é apenas isso.

Olga é uma típica menina ferida guardada a sete chaves dentro de uma mulher de aço.

— Como foi a sua noite? — ela pergunta.

Termino de mastigar e tomo um gole de vinho.

— Perseguimos uma quadrilha que estourou um carro forte. Eles têm feito isso há algum tempo. Não prendemos todos os integrantes, mas os cinco do roubo de hoje estão no inferno. Noite movimentada.

Ela arqueia as sobrancelhas com perspicácia.

— Quase igual a minha. — rimos juntos — Considerando que transmitimos uma luta de UFC, e depois uns caras decidiram reproduzir o que viram no octógono, só que, no bar... Acho que empatamos hoje, grandão.

— Sem dúvidas. — concordo, debochando.

Curiosa, ela repete a pergunta de todas as noites.

— Qual era o nome dela?

— Você sabe que não perguntei.

— Não é porque são prostitutas que não merecem um tratamento melhor, Rael.

— E quem disse que foram maltratadas? O combinado não sai caro, Olga.

— Não é disso que estou falando.

Por que ela acha que devo perguntar os nomes?

— Elas me prestam um serviço, eu pago por ele e fim. É como o frentista do posto de gasolina. Elas dizem o preço e pronto.

Demonstrando toda a sua frustração, Olga bufa.

— Rael, você não acha esquisito transar toda vez que deixa o serviço? Sei lá...

— Eu não “tenho que”. Só gosto. É só resultado da adrenalina acumulada.

— Se diz...

— Digo.

Depois de comer e deixar os pratos na pia, Olga vai para a sua casa do outro lado do corredor. Limpo a sujeira, fecho as cortinas, desligo tudo e vou para cama, que fica por trás do sofá.

É um processo necessário que aprendi com o tempo. Não é como se eu fosse chegar em casa, bater na cama e dormir como um anjo. A minha vida é diferente da maioria das pessoas. Cada vez que chego em casa e coloco minha farda dentro da máquina, agradeço por ainda respirar, por estar de pé depois de ter derrubado quem me queria morto.

Minha folga passa como uma flecha.

36 horas depois, chego ao batalhão uma hora antes do meu início de serviço, estaciono a moto e vou até o alojamento de tenentes. Quase tudo na polícia é dividido ou determinado a partir da sua patente. A hierarquia é um dos pilares que sustentam essa instituição centenária.

— Rael, — Diniz me chama — o ministério público está em cima daquela ocorrência.

— Estou ciente.

— Vai terminar tudo bem.

— Estou com a consciência tranquila. Não há nada de errado para aparecer.

Diniz coça a cabeça.

— Quando eu estava fechando o portão da minha garagem, a vizinha me parou para me dar os parabéns por tirar 5 bandidos de circulação.

Ele está me sacaneando. Não participou da ação.

— Está ganhando os louros da minha equipe, tenente?

— É raro, mas é bom.

Lembro imediatamente da minha mãe.

Eu e Diniz nos conhecemos no canil, pouco depois de entrarmos na polícia. Desde então, somos amigos.

Comando uma equipe de cinco viaturas, cada uma delas com quatro policiais. Vinte homens sob a minha responsabilidade e as minhas ordens. Quando estamos em serviço funcionamos como uma orquestra bem ensaiada e por isso nossos resultados são tão satisfatórios.

O serviço de inteligência e as denúncias trazem as informações, os casos de grande peso. Assaltos a banco, roubo a carro forte, caixas eletrônicos, postos de gasolina. Nossos alvos são quadrilhas, grupos fortemente armados e gangues de alta periculosidade.

— Tenente Leão. — dou meia volta para encontrar com tenente coronel Brito, comandante do batalhão — Parabéns pelo sucesso no último serviço.

Presto continência.

— Obrigado, coronel.

Ele acena com a cabeça, ajeita o seu bigode e diz:

— Os jornais estão em polvorosa, tenente. O pessoal da P5 tem muito com o que lidar. Um repórter está plantado na calçada. Cuidado com o que diz ou com o que posta nas redes sociais, porque pode ser interpretado da maneira errada e usado para te

execrar no jornal de meio dia. Se você tiver um problema, o batalhão terá um problema, eu terei um problema. Não queremos isso.

Claro que eles querem qualquer razão para me culpar. Abutres. Se morre um policial no exercício do seu dever, ninguém fala nada. Se o bandido morre depois de executar trabalhadores a sangue frio, logo vem os donos da verdade.

— Estou ciente, coronel. Não concederei entrevista ou comentarei a ação. Fiz o que fui treinado para fazer e não houve excesso.

— Está seguro disso?

— Absolutamente.

— O inquérito definirá o que ocorreu.

Sem dizer mais nada, ele acena com a cabeça e sai.

À Meia noite saímos do quartel. A P2 está monitorando a ação de uma quadrilha há semanas e recebemos a informação de que hoje eles irão roubar uma garagem de ônibus. Dez viaturas e um total de quarenta homens. A ação é toda orquestrada, mas estamos sujeitos a tudo.

Que da mesma maneira que saímos, regressemos. — é a minha rápida e silenciosa oração.

Foi sorte?

Belinda

— Está precisando de alguma coisa, Belinda? Podemos te ajudar com qualquer coisa que precise. Não sou seu pai, mas aqui é a sua casa.

— Eu sei, tio Leônidas. — coloco o meu guardanapo sobre a mesa — Não estou precisando de nada mesmo. Já faz um mês que me mudei e tenho me virado bem.

Ele me encara com seus olhos profundamente azuis. Parecem com os olhos do meu pai, assim como do meu outro tio, também como eram os olhos no meu avô. Acho que é uma marca de família.

— Fez amigos em São Paulo?

Oh, por favor.

— Acho que a vizinha de baixo me odeia e a síndica já deixou dois recados reclamando do som alto. — reviro os olhos — Mas, Damaris e Pérola são minhas grandes amigas aqui. Falo muito com Milena pelo telefone e com Tony também.

— A família sempre será presente, Belinda. Perguntei se fez amigos.

— Farei.

— Que bom! Avise-me se precisar matar alguém.

Oh, claro!

Não é sempre, mas de vez em quando venho nos almoços de domingo na casa dos meus tios. É uma maneira de garantir a todos que estou viva. Aposto que minha tia Sarah liga para casa e faz um relatório aos meus pais com coisas do tipo: ela está muito magra.

É até engraçado, considerando que minha mãe não faz o estilo dengosa e protetora.

Como toda reunião de família que se prese, nosso almoço se estica e só consigo deixar o condomínio dos meus tios no início da noite. Matteo e Pérola me dão uma carona.

— Obrigada, gente! — digo ao descer do carro — Estou entregue.

— Se precisar de qualquer coisa, ligue.

— Pode deixar, primo.

— Semana que vem está de pé?

Durante o almoço combinamos de passar um dia com Damaris e ajudá-la a passar um tempo pensando em coisas que não sejam casa e filho. Decidimos fazer um spa para recuperar a dignidade e colocar os assuntos em dia.

— Super de pé. Hiper de pé. — grito, erguendo os braços na calçada — Minhas pernas precisam ser depiladas e minha sobrelha já está quase uma monoselha.

— Nem me fale.

Debruço-me novamente na janela.

— Ainda não achei uma depiladora aqui em São Paulo. Estou quase um ursinho carinhoso lá embaixo.

Matteo se engasga e começa a subir o vidro.

— Eu não precisava dessa informação, Belinda. Vai para casa.

Fico de pé na calçada observando o carro sumir no meio dos outros e rindo de mim mesma.

É bom ser independente. Mas também é bom ter parte da família por perto.

Semana após semana repeti a minha rotina que não envolvia muito além de manter minha casa organizada, trabalhar, estudar e tentar desesperadamente aprender a fazer minha própria comida.

Cozinhar nunca foi a minha prioridade... até agora.

Estou determinada a viver com a bolsa de estudos que ganho. Não é muito, principalmente se tratando dos custos de vida de São Paulo, no entanto, tendo um apartamento próprio, imaginei que conseguiria com facilidade.

Quanta ingenuidade.

Quando as contas do primeiro mês chegaram, levei um baita susto. Pelo amor de Deus! Eu nunca estou em casa, meu apartamento é minúsculo e para completar, quase não recebo visitas. Como posso gastar tanto com energia? E a água?

Inacreditável.

O jeito foi segurar as pontas. Nunca me imaginei cronometrando um banho quente, refletindo sobre a necessidade de dormir com o ar-condicionado ou até mesmo apagando lâmpadas pela casa.

Acho que me tornei uma versão loira da minha mãe. Uma pessoa que olha a conta de luz se perguntando onde dá para economizar.

Que coisa, mano. Vida adulta.

Morar sozinha me fez descobrir fatos óbvios, porém, desconhecidos no universo de quem mora com os pais. Mercados ou estabelecimentos que vendem comida são sumidouros de dinheiro. Definitivamente eu gasto grande parte do que ganho com comida.

Hoje, cinco meses depois, ainda não descobri qual a quantidade certa de comida comprar e cada vez que preciso jogar um pé de alface ou uma banana fora, fico desapontada comigo mesma.

A questão não é ter dinheiro. Eu tenho de onde tirar, tenho a minha parte dos rendimentos dos negócios da família. Meu pai só esperou que eu e Antony completássemos a maioridade para nos incluir nas empresas, o que foi ótimo. A questão é: eu quero viver do que estou ganhando aqui, quero ser capaz de me sustentar com o que eu ganho.

Deixo o hospital às 10h. Cada dia é um dia e meus horários são confusos e desordenados. Oitenta por cento da residência é prática e os outros vinte, teoria em sala de aula. Difícilmente sei como será a minha grade de uma semana para a outra. Definir tarefas corriqueiras não é simples.

Hoje preciso aproveitar para ir ao banco e tudo se encaixou para isso. Graças a Deus!

— Quer uma carona, Belinda?

Silva aparece para me salvar.

— Ah, que tudo! Silva, você salvou a minha vida.

Ele sorri discretamente sem negar a timidez característica.

— Toda essa felicidade por uma carona?

— É. Na verdade eu vou ao banco e preciso chegar lá assim que abrir. Não quero perder a minha folga em fila de banco, né.

— Acho que te salvei então.

Caminhamos juntos até o estacionamento e conto a ele sobre o meu mais novo tormento.

— Clonaram o meu cartão e por isso precisei cancelar. O novo chegou no banco e tenho que ir lá retirar, fazer as senhas, assinatura eletrônica. Enfim, uma bela meleca.

— Isso já aconteceu comigo. Sorte que não tinha nada para gastarem de verdade. Fizeram uma compra no Paraná, mas foi coisa de trezentos reais. Era o limite que tinha.

As palavras dele são ditas com simplicidade. Qualquer um percebe o seu total desapego. Isso me encanta e me faz querer tê-lo por perto. Nos últimos meses Silva tem se mostrado um grande amigo e alguém muito importante para a minha adaptação.

Costumamos almoçar juntos, dividir livros e dúvidas. É uma troca legal e o início de uma amizade que me faz feliz.

— Esse cartão é onde cai a minha bolsa. Preciso pagar as minhas contas e há uma semana estou lisa e sem tempo de vir ao banco. Não dá mais para adiar.

Entramos no carro dele.

— É simples, mas anda.

— Seu carro é ótimo. Pare de bobagem.

— Ele é ótimo para mim, mas não sei em que tipo de máquina está acostumada a andar. — ele tamborila no volante — Esse aqui foi parcelado em 72x, mas paguei cada uma delas vendendo bombom caseiro na faculdade.

— Sério? Que incrível! Na minha turma tinha uma colega que vendia bolo de fubá. Lembro que na colação de grau ela fez um discurso agradecendo a todos que compraram e contribuíram com a formação dela.

Nunca esquecerei.

— E você, vendia alguma coisa?

Fico vermelha.

— Trabalhos e cola das provas no colégio. — cubro o rosto — Fora isso, nunca vendi nada.

Por ser muito transparente e sincero, Silva não é uma pessoa de rodeios. Quando desconfia ou estranha alguma coisa, ele simplesmente fala.

Talvez a característica que eu mais aprecie nele.

— Como você consegue morar naquele prédio, andar assim... sempre bem vestida, se depende da bolsa para viver. Seus pais são fazendeiros em Minas? — ele me encara sorrindo com as sobrancelhas erguidas. — Só pode.

A sua dúvida não me espanta.

Semana passada reclamei que a minha torneira estava vazando e ele se ofereceu para ajudar. Ao chegar ao meu apartamento completamente decorado, ficou evidente o seu estranhamento. Na ocasião Silva não disse nada, mas desde então ele me sacaneia com apelidos como Barbie, Polly e Penélope cor de rosa.

— Está dizendo que em Minas só tem fazenda?

— Também tem queijo e tutu de feijão, Barbiezinha.

Rimos juntos.

Cruzo os meus braços em protesto, dou uma cotovelada em seu braço e acrescento.

— Esqueceu de mencionar que somos muito bons em cachaça.

— Verdade.

Com o trânsito e nenhuma vaga disponível, Silva me deixa rapidamente em frente ao banco e vai embora. Às 10h02min atravesso a porta giratória, dando graças a Deus pelo tempo otimizado.

Espero que eu consiga passar no supermercado, na lavanderia e na farmácia antes da hora do almoço. Assim poderei dormir durante a tarde.

Seria um sonho.

— Eu preciso buscar um cartão novo e fazer as senhas e assinaturas? — digo ao rapaz com colete de “posso ajudar?”

— Contas especiais são no segundo piso. — diz, após um breve julgamento visual.

Com certeza pensou: loira, olhos claros e roupas caras. Tem conta especial.

Até poderia ser; se esse não fosse o meu cartão da bolsa. Mas independente disso, detesto julgamentos de imagem. Seja ele depreciativo ou não.

A conta que tenho para receber os ativos das empresas da família é em outro banco. Neste é a que o hospital abriu quando fui aceita no processo.

— A minha conta é simples. — explico sobre o cartão clonado e conto toda a história.

O rapaz verifica em um computador depois de me avaliar dos pés à cabeça.

— Você irá ao caixa pegar o cartão, depois ao atendimento para fazer as senhas, e por fim precisa assinar lá naquele outro setor.

— Tudo isso com este mesmo papelzinho? — tento parecer simpática.

— Não, querida. Cada atendimento tem uma fila diferente.

Senti o desprezo gritando no “querida” prolongado.

— Mas assim vou perder todo o meu dia aqui. — reclamo, indignada.

— Isso aqui é um banco.

— Jura? Achei que fosse o inferno.

Já atendendo a próxima pessoa, ele me ignora.

Engraçado. Quando eu era a possível cliente especial, fui tratada com simpatia. Agora que ele descobriu que sou cliente simples, perdi a importância.

Humanos e seus defeitos.

Enquanto espero, mexo no celular, olho meus e-mails e mando uma foto fazendo bico de tédio para Antony com a legenda *“Eu não gosto de ser adulta, mais velho.”*

A resposta dele me faz sorrir.

“Você ainda não é uma. Está só brincando de gente grande, mais nova.”

— Palhaço.

Pelo canto do olho, vejo seis homens vestindo roupas pretas passarem pela porta giratória. Ela trava em todas as vezes, mas o vigilante, que está com uma das mãos dentro do bolso, faz um discreto movimento com a cabeça e na sequência a porta volta a girar.

Será que ele tem algum controle dentro do bolso e está liberando a porta? É o que parece.

Percebo que um dos homens parece se comunicar visualmente com uma senhora. A mulher, na casa dos 70 anos, usa cadeira de rodas e está com as pernas cobertas por uma manta volumosa.

Estou fantasiando coisas.

Volto ao meu celular, mas a angústia não me permite tirar a atenção da senhora, e mesmo sem querer, continuo vigiando os movimentos suspeitos do grupo. Eles não estão juntos, cada um foi para um lado, no entanto, vejo as trocas de olhares.

Pode ser coisa da minha cabeça. Já atendi tanto baleado essa semana que fiquei impressionada. É possível. Pelo amor de Deus, estamos em uma região movimentada. Quem seria idiota o suficiente para roubar um banco no meio da cidade?

Outras pessoas entram. Entre elas, conto mais sete que parecem pertencer ao mesmo grupo suspeito. Uau! Estou tipo CSI. Juntando os fatos para solucionar um crime... que no caso ainda não aconteceu.

Pego o meu celular e começo a digitar uma mensagem, quando ouço a porta travar novamente. Mais uma vez a segurança enfia a mão no bolso e ela destrava magicamente. Os últimos três caras carregam bolsas grandes.

Ah, chega! Tem que ser algo errado.

Mando uma nova mensagem para Antony.

“Tenho a sensação de estar em um filme. Acho que eu estou ficando paranoica de sono.”

Antony responde com uma interrogação.

Guardo o celular. Pelo número do painel, ainda faltam vinte e seis pessoas serem atendidas antes de mim. Isso em um dos setores que preciso ir.

Talvez seja melhor ir para casa, repor o meu sono e retornar outro dia.

Enquanto pondero o que devo fazer, meu irmão me liga.

— Diga, mais velho.

— O que está acontecendo, Beli. — sua voz é preocupada.

Nem de longe ele me deixa. Sempre atencioso.

— Nada demais. — falo baixinho — Acho que as séries estão fundindo meus neurônios. Sabe quando você tem a sensação que algo muito errado vai acontecer? Pois é, estou assim.

— Viu alguma coisa? — ele parece ainda mais preocupado.

— Não realmente. Tem uma velhinha suspeita e uns caras que parecem se comunicar com ela por olhares.

— Caras?

— É. Eles chegaram em grupos separados, mas acho que estão juntos. Já contei mais de dez. Alguns chegaram com bolsas e o segurança liberou a porta discretamente sem nem olhar. — um riso de nervoso escapa — Na minha cabeça, ele já faz parte do plano.

Tony respira fundo. Não falamos nada por dois segundos, até que ele diz:

— Belinda, sai daí. Vai dar uma volta no quarteirão, tomar um café, depois você volta e vê se sua senha está longe. Não fica dando bobeira dentro de banco.

— Isso soa tão louco. Você tem visto mais filmes do que eu.

— Filmes eu não sei. Jornal, com certeza.

— Culto.

— Sério, mais nova. Vai dar uma arejada, comprar uns sapatos e volta daqui meia hora. — seu tom é de brincadeira, mas muda — Não gosto de como estou me sentindo. Sai logo daí.

Conheço-o para saber que está preocupado.

Mais uma vez tenho aquela sensação de que algo muito errado está para acontecer. Junto minhas coisas, dou uma última olhada na senha e caminho em direção à porta.

— Estou saindo. — digo e desligo o telefone.

A sequência de acontecimentos do momento em que me levanto até chegar à porta giratória é muito rápida.

Em um segundo estou guardando o celular, no outro ouço uma rajada de tiros, gritos e mais gritos. As ordens diretas mandam que todos se deitem no chão com as mãos na cabeça.

Eu estava tão perto de sair.

Olho ao redor. As pessoas estão deitadas, muitas imploram por calma e misericórdia, outras rezam. Os funcionários estão imóveis com as mãos para cima e os olhos arregalados. Um horror! No curto espaço de tempo, vejo os homens de antes vestindo máscaras, cada uma de um político. Todos de preto com armas nas mãos.

Eu estava certa.

As bolsas que entraram sem revista estão no chão, abertas. Elas carregavam as armas. A senhora da cadeira de rodas não faz nada, mas tenho certeza que ela fazia parte do plano. Ela está muito calma.

— Deita, vadia! — um dos homens grita comigo e empurra a minha cabeça para o chão. Meu rosto se choca contra o piso.

Minha bolsa cai aberta e tudo que estava dentro se espalha. Um caos se instaura e o silêncio só é estabelecido quando outro tiro é disparado. Um bandido usando um relógio dourado, caminha entre todos com uma arma apontada para a cabeça da gerente rendida. Eles vão em direção ao caixa.

Atrás dele, outro esbraveja.

— Qualquer gracinha e muita gente vai morrer. Gritos histéricos, choro alto ou quem tentar fugir, morre. Se alguém quiser bancar o herói, morre também. Fui claro? — ninguém responde e ele repete, dessa vez aos gritos — FUI CLARO?

— Sim. — é uníssonos.

Com o coração acelerado e a respiração fora de controle, espio o que acontece. Encostado em uma coluna, um garoto segura o próprio braço. Ele está sangrando, mas parece bem. Eu gostaria de poder ajudar, mas preciso zelar pela minha segurança.

— Cara no chão, loirinha. — ouço a voz, vejo a bota de borracha ao lado do meu rosto, mas não me arrisco a olhar para cima.

Por favor, não me mate.

— Eu sou médica. — tento falar sem gaguejar e com o rosto voltado para o chão — Tem um rapaz sangrando.

Percebo que o homem inclina o corpo para falar mais perto de mim.

— E a próxima será você, se não ficar bem quietinha. — o desgraçado desliza o pé pela minha bunda — Ou posso me divertir um pouco no seu cu rosa. O que acha?

Isso não pode ser real.

Por favor, Deus! Isso não pode ser real. Não pode.

— Azul, temos dois minutos. — outro bandido grita. De onde estou, parece que ele está olhando o celular. É como se estivesse monitorando. — Rápido com isso, Azul.

O outro que arrastava a gerente responde.

— Só preciso de 75 segundos e estaremos fora.

Não sei o que acontece, não consigo ver. Mas, ouço tudo ao meu redor. O tal Azul grita, mandando que a gerente seja rápida ou irá morrer. O homem do celular canta os segundos que faltam e o que estava passando o pé na minha bunda, caminha ameaçando os clientes.

O terror é absoluto.

Sem misericórdia

Rael B. Leão

— Dignidade acima de tudo. — brado aos meus homens e eles respondem no mesmo tom.

As viaturas saem do pátio do batalhão em alta velocidade. É um espetáculo à parte, pessoas param nas calçadas para admirar a sincronia dos nossos homens todos os dias. Em seus rostos sorridentes percebe-se a ignorância. Se verdadeiramente entendessem que somos humanos nos colocando na linha de frente, talvez não sorrissem.

Mentalmente faço uma prece para que todos voltem da mesma maneira que saíram.

Rua após rua, avenida após avenida, percorremos as ruas de São Paulo como águias durante a caçada. Cortamos o trânsito com destino certo e sangue nos olhos. A missão de hoje requer total entrosamento e eficácia, pois temos muitas vidas em risco.

Neste exato momento, três assaltos a banco acontecem simultaneamente. As mesmas características, o mesmo poder de fogo e, sem sombra de dúvida, a mesma quadrilha.

Eles são petulantes, se arriscam mais do que quaisquer outros. Um roubo a banco às 10h da manhã não é para qualquer um.

Pelo rádio, sou informado que os ladrões foram surpreendidos por uma equipe da polícia, que coincidentemente atendia a um chamado de briga de trânsito no mesmo quarteirão. Quando um dos bandidos tentou deixar a agência a pé com uma mochila, deu de frente com a guarnição. Foi aí que um dos policiais decidiu abordá-lo. Apavorado, o desgraçado sacou a arma, iniciando assim uma troca de tiros. Ele morreu no local. Ao se darem conta da situação, os outros vagabundos permaneceram dentro da agência e mantiveram os clientes e funcionários como reféns.

E foi assim que o crime perfeito deu errado. A minha folga foi para o saco. E dezenas de pessoas estão em risco.

Após o chamado, chegamos rapidamente. Dez viaturas, quarenta homens em total entrosamento e prontos para o trabalho.

Um dos reféns foi liberado, carregando com ele uma lista de exigências. Aguardo. É dever do negociador tentar todo o possível para evitar o confronto. Mas eu não sou o negociador. Meu pelotão não negocia com bandido, entramos para resolver. Neutralizamos o problema.

Estamos a postos, armas em punho e olhos atentos. Cada som, cada movimento não escapam aos nossos olhos. A minha direita, um homem se aproxima fazendo sinal de calma com as mãos.

Ele pensa que sou um cachorro?

— Seus homens precisam ficar mais distantes. Não podemos atijar mais os ânimos, tenente.

— E você, quem é?

— Sou da comissão de direitos humanos.

Eu não esperava nada diferente.

Sorrio.

— Então faça o seu trabalho, que eu faço o meu.

Essa é uma discussão que eu quero evitar; pelo menos aqui.

A minha visão é de dentro e não de fora. Não olho para o caos da janela da cobertura ou pelas telas da televisão, eu estou mergulhado no caos até o pescoço. De dentro tudo é mais pesado, mais sujo e mais complexo.

— Tenente, eu ordeno que afaste os seus homens.

Ele ordena. Que interessante.

— Enfie suas ordens e o seu diploma onde lhe der prazer. Não sou subordinado a você. — emparelho nossos rostos frente a frente

— Por que não oferece um café a eles? Pode ser que ajude.

Sem mais, volto ao meu trabalho.

As horas passam, se arrastam minuto a minuto enquanto as negociações não têm qualquer resultado. Luz e água já foram cortadas do prédio. O único refém liberado nos informou que aproximadamente 80 pessoas estão sob a mira de armas e bandidos impacientes.

Eles estão cansados, divergem entre si e começam a demonstrar os primeiros sinais de rendição.

Em determinado momento, quando já atingíamos a terceira hora, um movimento alerta a todos. Pela porta giratória saem duas pessoas. Uma delas é uma mulher loira, pequena e aparentemente bem. Ela serve de escudo para o verme.

O negociador se aproxima com cautela. Toda a equipe está com os olhos grudados em cada milimétrico movimento. É uma situação tensa e delicada. Qualquer erro pode custar uma vida.

A mulher está visivelmente abalada, parece em choque. Seu rosto molhado por lágrimas, os cabelos bagunçados e roupas sujas. Pelo subir e descer do seu peito, sei que respira com dificuldade.

— Tenente, estou com ele na minha mira, não tem erro. — ouço o atirador no meu ponto.

— Quer fuder com a operação? Siga as minhas ordens.

— Entendido.

A conversa entre os dois prossegue, mas não consigo escutar o que eles dizem. Entre o bandido e o negociador, a mulher loira parece estar a ponto de desmaiar. Sua pele branca como vela, os olhos de um azul tão expressivo que cega quem os encare. Seu rosto é um desenho hipnotizante.

Pude ver o pavor nos olhos do vagabundo quando se deu conta que eu meu pelotão estava em formação. Ele não é tão burro quanto parece, e sabe que quando chegamos a brincadeira acaba.

Agora é tarde para se arrepender.

Em uma janela de um prédio próximo, vejo a câmera de um fotógrafo mirar o rosto da jovem. Ele está longe, mas sei que

conseguirá a imagem que deseja; a face do desespero para a manchete de amanhã.

A expressão dela é de puro terror. Olhos enormes e molhados, lábios trêmulos, roupas desalinhadas. Ela mal consegue erguer o queixo, parecendo desistir. Quando finalmente esboça o menor sinal de vida, seus olhos admiravelmente expressivos buscam por socorro e congelam ao encontrar os meus.

Ela não parece me enxergar, mas seus olhos estão fixos em mim e por dois segundos sinto uma conexão forte. A energia vem em minha direção e sai como um raio incendiando tudo o que sou.

De repente, quero protegê-la, guardá-la em meus braços para garantir que esse sofrimento nunca mais se repita.

— Eu vou te tirar daí.

— O que disse, tenente?

Encaro um dos meus soldados, parado ao meu lado. Ele claramente não compreendeu o que eu falei.

— Nada.

O bandido começa a recuar dando passos para trás. Ele não solta ou afrouxa o braço ao redor do pescoço da mulher em nenhum momento. São como uma pessoa só, ela faz as vezes de um colete. Batendo contra os vidros, eles desaparecem na porta giratória.

Como coice de cavalo, sinto uma melancolia imediata. Procuro-a com os olhos, tentando enxergar através da persiana ou dos poucos espaços livres.

Preciso encontrá-la.

Com o insistente pensamento, me reúno aos demais comandantes de cada equipe. Estratégias são traçadas, riscos avaliados e um plano de ação definido. É uma ação que prioriza a vida humana. O objetivo principal é que todos os inocentes sejam liberto sem danos. Feito isso, chegamos ao segundo ponto: capturar os criminosos com vida.

Bom... com vida ou não eles não sairão impunes.

Diniz para ao meu lado.

— Acabei de ouvir no rádio que outro grupo explodiu um carro forte a caminho de Ribeirão Preto. Fugiram com três milhões.

— Desgraçados. É uma ação conjunta em várias cidades. Algum ferido?

— Não. Os seguranças se renderam. — Dinis esfrega o rosto — Até agora este é o único na capital.

— Até agora.

— Que seja o último antes da minha hora de ir. — diz ele com um sorriso no rosto.

— Quando vai embora?

— Em duas semanas, se Deus quiser. — ele retira a boina e esfrega a cabeça — Já estou com as passagens compradas, vou levar meus garotos para a Disney.

— Uau! Sério? Em que polícia que você está trabalhando? Com certeza não é a mesma que a minha.

Diniz é pai de dois garotos, gêmeos de uns 12 anos. Eu lembro bem dele já ter comentado que junta dinheiro desde o parto dos meninos para levá-los para essa viagem.

Cada um com os seus sonhos.

— É só não gastar tudo o que ganha com putas. Vai ver como o seu dinheiro vai render.

— Acho que prefiro ficar com elas.

Conheço a expressão em seu rosto. Diniz é um sujeito família, daqueles que quer ver todos os amigos casando e tendo filhos como coelhos. O tipo de pessoa que faz excursão para a praia nos feriados.

Nem sempre foi assim. Há uns 15 anos atrás ele gastava tanto ou mais do que eu com putas. Isso só mudou quando Débora, um oficial dentista, cruzou o caminho dele. Além de cuidar dos dentes,

ela também cuidou do coração dele e menos de cinco meses depois estavam se casando.

— Diz isso porque não sabe o que é chegar em casa e ter alguém te esperando. Rael, você não é mais um garoto.

— Claro que sou. Você é mais velho do que eu, Diniz.

Ele aponta para a minha cabeça.

— Estou vendo um fio branco escapando por essa boina, negão.

Isso é ridículo. Eu não tenho cabelo branco. Acerto a boina no lugar e fecho a cara para ele.

— Vai trabalhar, vai. Terá tempo demais para falar do cabelo dos outros na reserva.

Rimos juntos. Ele se vira para sair, mas depois de responder uma mensagem no celular, retorna com a tela virada para mim.

— Débora disse que teremos nhoc no jantar. Você está convidado.

Por convidado, entende-se: intimado.

— Se isso acabar em tempo, estarei lá. Jamais recusaria um convite desses.

Diniz olha no relógio.

— Acho que dá sim.

— Tomara.

A esposa de Diniz é uma mulher incrível. Os dois são. Acho que de todos os casais que conheço, eles são uma fonte de inspiração para qualquer um. Ir à casa deles é um evento em qualquer ocasião, não importa se é para pouca ou muita gente, é um evento.

— Vou voltar para a minha equipe.

Diniz virou as costas. Abaixei para pegar uma moeda que vi no chão e ouvimos o primeiro disparo vindo de dentro da agência.

Quase que imediatamente, outro e então uma sequência de disparos.

Ao meu sinal, meus homens avançam.

Por um fio

Belinda

Durante todo o tempo em que eles contavam os segundos e enfiavam pertences dos clientes e maços de dinheiro do caixa nas mochilas, eu cronometrava junto. Segundo a segundo. Eles iriam embora e tudo teria passado.

Só que isso não aconteceu como parecia.

Com a mochila cheia, o primeiro bandido saiu pela porta da agência como se nada tivesse acontecido. Provavelmente esperava se misturar ao resto da população e desaparecer sem deixar rastro.

Respirei aliviada ao vê-lo passar pela porta.

Em menos de um minuto, disparos. Os outros homens, que já se preparavam para sair, entraram em pânico. Eram como ratos sem rumo. Ratos fortemente armados, perigosos... sem nada a perder.

— Que porra é essa, irmão? — um deles berrou, apontando a arma para todos os lados — Isso não estava no planejamento.

— São os *homi*, meu irmão. Alguém chamou os *homi*.

Abaixo a cabeça. Não, por favor, não! Meu coração trupicando e a respiração acelerada. Controle os dedos desses marginais, meu Deus.

Um deles se arrasta pelo chão até o vidro e espreita pela persiana. Posso ver o revólver tremer em sua mão. Todos estamos descontrolados.

— Washington tá morto, mané. Ele está morto. A PM tá aqui, David. Acabou para a gente, David! — diz, nervoso.

Pelo porte e pela voz, acho que ele é o mais jovem. Vai saber se realmente entende o peso do que está fazendo. Vai saber os motivos que o trouxeram até aqui.

— Tu falou o meu nome, menor?! — os dois se encaram — Tu. Falou. O. meu. Nome? Eu sabia que não podia confiar.

Eu não vejo, está fora do meu campo de visão, mas outros dois argumentam com o cara exaltado. Repetidas vezes eles alegam que o “menor” estava nervoso. Não tem jeito. Com um tiro no pescoço, o garoto é abatido.

Abafo o grito. Nunca pensei ver algo tão brutal.

— Quem ligou para a polícia? — grita ferozmente, um deles. Ninguém responde — Quem foi o filho da puta que ligou para a polícia? Ou fala, ou mato um por um até encontrar.

Irado, o sujeito anda pisando duro entre as pessoas deitadas no chão. Com a arma em punho, ele mira como se fosse atirar, chutas outras sem qualquer piedade e até pisa propositalmente na mão de uma mulher. É muita crueldade.

— Espero que o espertinho saiba que assinou a nossa sentença de morte. Se eu cair, levo todo mundo comigo.

Há momentos na vida em que enxergamos a maré mudar, o destino fazer a volta e de repente tudo se transforma. Foi exatamente o que eu enxerguei ali. O que parecia chegar ao fim, ganhou um novo desenho.

Três clientes foram recrutados para montar uma barricada com armários e cadeiras, enquanto um dos bandidos arrastava a gerente para os outros andares, a fim de descobrir possíveis saídas alternativas.

Ao mesmo tempo, outro deles grita com os policiais do lado de fora, avisando que vai morrer gente.

Rezo, implorando a Deus que eles encontrem uma saída e sumam.

Os bandidos não tiveram pena nem mesmo das senhorinhas ou das grávidas. Ao meu lado uma criança chora alto e a mãe tenta de todas as maneiras acalmá-la, mas é impossível. Quem pode culpá-la? Se eu, que já sou bem grandinha, estou segurando as lágrimas, imagine a menininha.

— Quem olhar para cima, leva tiro. Entenderam? — um dos homens grita. Vejo apenas as botinas passarem ao meu lado —

Entenderam?

— Sim. — respondemos.

O suor escorre até a ponta do meu nariz, mas estou tão concentrada em não me mover, que nem mesmo cogito limpar. Preciso me manter calma.

Como foi que eu vim parar nessa situação?

A minha vida estava normal. Eu vivia tranquilamente na casa dos meus pais com todo o conforto e mordomia que poderia querer. Tinha uma relativa segurança, conhecia todos os cantos da cidade. Nunca fui assaltada, muito menos presenciei um roubo a banco. As únicas armas que vi na vida, foram as de paintball do meu irmão na adolescência ou dos policiais que faziam o patrulhamento do bairro.

Mais uma vez o par de botinas passa próximo ao meu rosto. Elas estão sujas e arranhadas. São enormes. Fecho os meus olhos em uma oração silenciosa, clamando para que Deus me faça acordar do pesadelo em que me encontro.

— Você! — a exclamação acontece ao passo que sou içada pelos cabelos como um filhote. Por reflexo, levo as mãos à cabeça, mas as recolho quando estou cara a cara com o meu agressor. — Não olhe para mim. Você vai ligar comigo lá fora. Eles não vão arriscar te matar. Branca, bem vestida... carinha de boneca de louça.

— Não! — grito e sou punida com um tapa no rosto — Por favor, não faça isso.

Ele apenas ignora o meu clamor.

— Anda na minha frente e não arrisca nada. Se fizer qualquer gracinha, atiro na sua cabeça. Entendeu, princesa?

Concordo com a cabeça.

É agora. Vou morrer. Eu não deveria morrer tão nova, Deus. Por favor, eu não quero levar um tiro.

O homem caminha e empurra o meu corpo para frente. Pelo vidro posso ver um cerco com muitas viaturas, policiais, cachorros e

até mesmo cavalos. No céu um helicóptero voa baixo e posso imaginar as imagens passando no jornal e a voz do apresentador narrando os acontecimentos repetidamente.

Estou em câmera lenta.

É como se eu estivesse assistindo tudo de fora a espera do momento dramático onde o bandido perde a cabeça e atira em mim. Eu não quero sentir dor.

— Não saia da minha frente. — o homem diz no meu ouvido. Ele tem um hálito forte de cigarro misturado com cerveja quente e pimenta. — Não tente nada.

Eu não tentaria. Estou petrificada.

— Diga se entendeu, princesa.

A maneira como ele se refere a mim, faz o meu estômago revirar. Sinto ânsia de vômito.

— Eu... entendi.

Ele faz sinal e eu abro a porta de vidro. Depois de um grosseiro empurrão, dou um passo para fora. Em sincronia, todos os policiais estão focados em nós.

Não sei há quanto tempo estamos presos, mas deve ser muito. Pela quantidade de policiais. Alguns não usam fardas ou qualquer identificação, mas pela postura posso afirmar que são homens e mulheres da lei.

De repente, do meio da parede de viaturas surge um homem baixo. Ele usa blusa branca e calça jeans, tem cabelo grande e um par de óculos de grau no rosto.

Antes que ele diga, já sei do que se trata.

— Posso me aproximar? — com voz baixa, porém direta, ele só se move quando autorizado — Meu nome é Sérgio e estou aqui para garantir que ninguém se machuque.

— Você é o negociador? — grita o bandido com o corpo colado ao meu.

Uns cinco metros nos separam.

— Sou o que você precisar que eu seja. Só estou aqui para garantir que tudo saia da melhor forma possível. Ninguém precisa se machucar.

Entre o gritar das sirenes, a voz do negociador, a respiração ofegante do bandido colado ao meu corpo e a hélice do helicóptero, só consigo prestar atenção no ressoar dos meus batimentos cardíacos acelerados. Meu coração parece um tambor.

Sem conseguir resistir, tento afrouxar o braço que cada vez mais aperta ao redor do meu pescoço. Ele está me sufocando. Estamos todos nervosos demais para administrar a situação. Parte de mim se coloca no lugar dele e tenta antecipar os fatos ou até mesmo sentir pena do seu trágico destino. Somente uma parte, porque todo o resto deseja que por um milagre, ele desfaleça e me liberte do pior momento de toda a minha existência.

Os olhos de todos estão em nós. Eu desejo ser invisível agora.

Talvez se eu tivesse percebido dois minutos antes. Se o Silva tivesse errado o caminho ou eu esquecido a carteira no apartamento... Quem sabe? Eu só não queria estar aqui.

Eu estou no lugar errado na hora errada.

Quando eu era criança, minha vó dizia que não importa o que você esteja fazendo, se for a sua hora, o destino dará um jeito de você partir. Será que hoje é o dia?

A rápida conversa acabou e eu não me dei conta.

Não ouvi o que eles conversaram porque estava em choque. Senti o puxão e percebi que voltava arrastada, de ré, para o interior da agência bancária. Lá dentro, os outros doze bandidos mantendo pessoas como eu sob suas armas e olhares raivosos.

— Ela vai com a gente. — ouvi um dos homens dizer. Não sei com quem, mas me pareceu um comando.

— O filho da puta vai tentar conseguir o que pedimos. Temos que esperar e manter o plano. — ouço-o dizer, antes de ser jogada

como um saco de lixo — Deita no chão e não se mexa.

Faço exatamente como ele manda. Meus joelhos e cotovelos se chocam sem qualquer cuidado. Não sinto dor, mas sei que isso é temporário.

Uma vez, há muito tempo, minha mãe me contou sobre um sequestro que sofreu. As palavras e a emoção dela ao relatar tudo o que passou, nunca deixaram a minha cabeça. Deve ser assim. Estou apavorada, temo pela minha vida e toda essa situação simplesmente me petrifica.

Ao meu lado a menininha não para de chorar. Ainda é uma criança e não sabe como lidar com tudo o que está vendo. Seu desespero é angustiante e o medo palpável.

Viro a cabeça para o lado, apenas o suficiente para fazer um contato visual.

— Não chore, linda. — digo baixinho para a criança — Já vamos sair daqui. Você gosta de sorvete?

Minha pergunta desperta o seu interesse. Ela não diz nada, mas seus olhinhos molhados me encaram com expectativa.

Tento me certificar de que os bandidos estão ocupados demais para nos notar. Em meu campo de visão, três deles discutem sobre algo com voz alterada. Não me arrisco a procurar pelos demais. Eles parecem discordar muito seriamente e isso me deixa mais nervosa.

O que será que estão tramando?

— Quando tudo isso acabar vamos tomar sorvete com bastante calda e confeitos. Gosta de confeitos?

— Sim. — responde com uma ameaça de sorriso.

— Ótimo! Eu também amo confeitos coloridos.

A conversa acalma a criança e isso me traz satisfação. Pelo menos consegui ajudar essa menina de alguma forma.

Do outro lado, a discussão entre os bandidos fica muito mais séria. Um deles aponta a arma para o outro e o ameaça. Todos se

assustam e o pânico toma conta.

Parece que o grupo se dividiu. Frente a frente, eles se ameaçam. O que me arrastou até o lado de fora diz que não irá desistir depois de tanto, mas o outro o confronta, berrando que o plano deu errado e que o único jeito deles saírem vivos é se entregando.

Por favor, se entreguem.

A discussão acontece sob a mira das armas. Nenhum dos dois recua.

Os próximos segundos passam como uma cena em câmera lenta.

Um homem vestindo roupas sociais corre em direção a porta, seus sapatos escorregam e fazem barulho contra o piso. Entre se manter de pé e fugir, ele tenta coordenar as próprias pernas. Ninguém pode culpá-lo por lutar pela própria vida.

O medo domina as pessoas.

Não vejo de onde vem, mas um dos criminosos atira no pobre homem. Ao ser atingido, ele não caiu, mas continuou a sua desesperada tentativa de fuga. Infelizmente a porta estava longe demais. Outro tiro, dessa vez certo.

No mesmo segundo, o bandido que tentava convencer o comparsa a se entregar, cai bem na minha frente com um furo na testa. A guerra dentro da quadrilha estava formada.

Isso aconteceu em cinco segundos.

As pessoas correram, se espalhando para todos os lados. Vi que a menininha se perdeu de sua mãe e desapareceu, correndo em direção a um corredor escuro. Foi mais forte do que eu. Sem pensar nas consequências fui em sua direção enquanto todos migravam para a porta, no ímpeto de se salvarem.

Não vi muita coisa, eu precisava encontrar a menina. Por sorte, seus gritos me guiaram. Agarrei-a em meus braços, implorando que se calasse e que confiasse em mim. Talvez ela

tenha reconhecido a minha voz ou sentido segurança em meu colo. Não sei. Mas, ela se calou.

Abaixada, tentando me proteger dos disparos que ouvia, adentrei ainda mais na escuridão até encontrar uma porta. Entramos sem nem pensar e a tranquei imediatamente. Sem janelas e sem luz, o breu era total. Pelo cheiro de produtos de limpeza e alguns objetos caindo, percebi se tratar de um depósito.

— Vamos ficar quietinhas aqui. A polícia entrou e irá prender todos esses homens maus.

— Minha mãe! — ela grita.

— Sua mãe vai ficar bem. Nós precisamos ficar bem também. Por isso não iremos fazer nenhum barulho, certo?

Ela não disse nada, mas senti quando balançou a cabeça e se aninhou contra o meu peito. Tateei pela parede na escuridão até sentir uma estante de ferro e me encaixei no canto mais fundo que encontrei.

Do lado de fora o caos. Tiros, gritos, pancadas e palavras de ordem. Senti-me em um cenário de guerra no que pareceu ser uma eternidade.

— Não se esqueça, ainda vamos tomar aquele sorvete. — sussurrei baixinho.

— E os homens maus?

— Eles serão presos e nunca mais vão fazer coisas feias assim.

— E sem sobremesa.

Ah, a inocência.

— Com certeza. Sem sobremesa por um longo tempo. Qual o seu nome?

— Alice.

— O meu é Belinda, Alice.

As pequenas mãozinhas de Alice agarravam o meu pescoço e sua respiração soprava rapidamente em minha pele. Do lado de fora, o caos.

Nunca me senti tão responsável por alguém. Aquele toquinho de gente confiava em mim e eu instintivamente me sentia mais forte. Ela era a menina e eu precisava ser a mulher.

— Parado! — do lado de fora, uma voz grave ordena.

Senti um frio na espinha. Parecia vir em nossa direção. Mais dois avisos, e então passos rápidos e dois estalos. Não consegui conter o grito ao perceber que forçavam a porta. Alice também se assustou, provavelmente, mais comigo do que com o resto.

— Abaixе a arma. Você está preso. — novamente a mesma voz grave ordenou sem qualquer alteração.

— Eu caio, mas eu levo você comigo. — reconheci a voz do homem que me arrastou como escudo e depois matou o comparsa. Ele estava encostado na porta que nos separava.

— Coloque as mãos na cabeça imediatamente. — não houve resposta.

Dois disparos e quase no mesmo instante outro, mas este com um som diferente e então um baque forte contra a porta. Mais uma vez gritei.

— Meu Deus do céu! . — orei — Por favor que isso termine.

Apertei Alice junto a mim. Nós duas sentadas em um canto, aninhadas em uma bola de emoções. A total escuridão pareceu amplificar meus outros sentidos, fazendo que os mais discretos barulhos chegassem a mim.

— Tenente, você está ferido? — uma nova voz pergunta.

Meu coração começa a acreditar novamente que temos chances de sair dessa.

— Fui atingido no braço, mas estou bem.

— Ele não teve a mesma sorte. — diz o outro.

— Já está abraçando o capeta. Mande lembranças minhas.

Que horror!

Quero sair, contar que estamos aqui, mas não consigo. O medo me domina. Sinto como se lá fora o perigo fosse maior.

— O homem mal foi embora? — Alice pergunta, me tirando do meu poço de pânico.

— Eu não sei.

A maçaneta é forçada, dessa vez com mais força. Em meu colo, Alice está tão traumatizada que não se contém. Sinto um calor chegar as minhas pernas e se espalhar. No mesmo momento, o corpinho dela enrijece.

— Está tudo bem. — digo calmamente.

— Fiz xixi.

— Não tem problema, Alice.

— Atenção cidadão! — minha espinha congela ao ouvir o chamado — Aqui é a polícia militar. Afaste-se, vou arrombar a porta.

Pude contar em meus ouvidos meu coração pulsar cinco vezes. Meu único movimento foi para proteger ainda mais a pequena criança em meu colo. Deitei a cabeça sobre ela, silenciosamente clamando a todos os santos e forças do universo que fosse o fim do pior dia da minha vida.

Após um estrondo, a porta é arrombada. Um foco de luz branca mirou em meu rosto, me cegando. A luz escorregou para todos os cantos. Dois, talvez três policiais entraram ordenando que colocássemos as mãos na cabeça. Eles agiam em sincronia, o que me deu um pouco mais de segurança.

— Por favor, estou com uma criança. — gritei — Não tem armas aqui. Por favor, por favor não atirem.

Foi aí que um deles se aproximou e abaixou, ficando da altura do meu rosto. Ele não empunhava mais uma arma. Contra a luz não pude ver o seu rosto, apenas a silhueta. Estava fardado, era

grande e parecia muito maior que os outros, mas seu gesto sutil acalmou o meu coração.

— Está tudo bem. — ele fala baixo, porém, firme — Eu me chamo Rael Baldotto Leão, sou tenente da polícia militar. Eu vou tirar vocês daqui. Posso encostar em você?

Alice chora, se encolhe e esconde o rosto.

— Acabou tudo? — pergunto.

— Sim, acabou. — ele responde — Qual o seu nome?

Respiro fundo. Meu coração está tão acelerado que mal consigo processar a pergunta. Sinto-me bêbada.

— Eu me chamo Belinda.

— Ok, Belinda. Essa mocinha é sua filha?

Oh, meu Deus! A mãe de Alice deve estar desesperada.

— Não. Eu não sou mãe dela. Nós estamos apenas ajudando uma a outra. A mãe dela está lá fora.

O policial inclina a cabeça discretamente, mas o movimento acende um alerta em mim.

— Entendi. — ele estende a mão — Pode confiar em mim, vou levar você em segurança até o atendimento médico.

Meus olhos finalmente se acostumam com a luz que entra pela porta e vejo uma mancha de sangue no braço dele.

— Você está sangrando.

— Isso? — ele olha para si mesmo — Não é nada.

— Eu quero a minha mãe. — Alice diz, chorosa.

— Vamos procurar por ela, Alice. Os homens maus já foram embora e ficarão sem sobremesa por muito tempo.

O tenente Rael inclina me encara querendo entender.

— Policial, os homens maus serão presos e não terão direito a sobremesa, certo? — pergunto, o colocando na conversa.

Ele compreende e responde:

— Não existe sobremesa e nem televisão para onde eles vão. Quem faz mal para os outros se encrenca.

Alice espicha os olhos para ele e depois para mim. Ela está desconfiada e assustada. Tão nova e já passando por coisas assim. O mundo não é justo.

Outro policial aparece e entrega um lençol para o tenente. Os dois conversam baixinho e não sou capaz de ouvir o que dizem. Ele volta sozinho e me entrega o pano.

— Cubra o rosto dela, por favor.

— Oh!

Fico de pé e ele me ajuda a acomodar Alice, que está grudada em mim como um macaquinho.

— Podemos? — ele pergunta ao se aproximar da porta.

Finalmente o vejo mais claramente. É um homem enorme, negro, a cabeça completamente raspada e as sobrancelhas escuras e grossas. Mesmo vestindo uma farda escura, fica evidente a sua robusta forma física.

— Senhorita?

— Ah, sim. Podemos ir.

Déjà vu

Bento

Minha secretária diz que Leônidas está na linha dois. Parece ser urgente. Tudo para o meu irmão é urgente e caótico. Vindo dele, nunca espero tranquilidade e paciência.

— Alô!

— Bento. — sua voz reflete preocupação.

— Leônidas, como vai? A que devo sua ilustre ligação no meio do expediente?

Ouço sua respiração pesar. É discreto, mas depois de tantas décadas, aprendemos a ler um ao outro.

— Estamos com um problema, meu irmão. Você e Safira precisam chegar a São Paulo o quanto antes.

Belinda...

O pensamento me desespera. A única razão que levaria meu irmão a me ligar com tamanha aflição, é Belinda. Minha princesinha.

— O que aconteceu com a minha filha, Leônidas? — exalto-me — Diga sem rodeios.

Meu irmão nunca foi um homem de meias palavras ou portador de qualquer sutileza, mas fica claro para mim que ele tenta ser o mais neutro possível.

— Por hora não temos muitas informações, mas parece que uma quadrilha invadiu uma agência bancária e fez dezenas de pessoas reféns.

— Belinda estava no banco? — grito, nervoso — Ela está com eles?

— Belinda está em poder dos bandidos. Ela estava conversando com Tony pelo celular quando aconteceu. Ele tentou retornar a ligação, mas não conseguiu e ligou para Marco. Não sabemos de quase nada.

— Estou indo para casa agora. Preciso avisar à Safira. Vamos para aí imediatamente.

— Eu estou a caminho do local. Nos falamos.

O papai está chegando, minha princesinha.

O sentimento angustiante é familiar. Lembro-me de sentir algo muito parecido há anos, quando quase perdi a mulher da minha vida para um louco sem escrúpulos. Só que pior.

Belinda é a minha princesinha de porcelana. Uma peça indispensável. Imaginar que possam feri-la ou tirá-la de mim, é como ter os órgãos esmagados sem piedade. Falta-me ar.

Eu lembro do dia que soube da sua chegada, lembro do semblante assustado de Safira. Era a festa de final de ano do hospital e também comemorávamos os seus cinquenta anos de existência. Mesmo com centenas de pessoas ao nosso redor, eu li minha esposa e vi que algo estava acontecendo.

Ouvi-la dizer que estava grávida foi mais do que um presente de natal, foi um presente para a vida. Belinda e Tony são os donos do meu amor, mas foi com a minha princesa que realizei o meu maior sonho.

Dirijo relembrando o dia que ela nasceu. Nem que eu viva cem anos poderei esquecer.

Geniosa e cheia de vontades, ela não esperou por nada e nem ninguém. Belinda nasceu em casa, quando quis e como quis. E depois de trazer muitas crianças ao mundo, tive a chance de fazer o parto da minha princesa.

Eu não deveria ter concordado com a sua partida. Fui permissivo demais, abri uma brecha enorme para problemas. Ela é tão jovem, inexperiente.

Subo os andares do elevador procurando uma maneira de contar a Safira o que está acontecendo.

Meu celular vibra. Minha secretária avisa que, por falta de voos convencionais, contratou um avião particular para nos levar a

São Paulo. Sairemos em uma hora.

Paro diante da porta do nosso apartamento. Não sou religioso, mas em um momento como este só consigo pedir que Deus me sustente. Abro a porta tentando não fazer barulho. Safira está organizando uma ação beneficente do hospital e hoje acordou se sentindo indisposta, por isso preferiu fazer seu trabalho de casa.

Giro a chave e empurro a porta. Movimentos lentos, retardando o momento delicado. Mas, foi em vão. Parada no meio da sala, Safira me encara com o rosto vermelho e os olhos molhados por lágrimas.

— Como soube? — pergunto ao entrar.

— Está em todos os jornais. — abalada, ela leva a mão à boca — Eu liguei para o hospital, mas você já tinha saído. Nossa menina, Bento. Oh, meu Deus! E se...

Vou até ela. Minha mulher, minha vida, minha malvadinha de sempre.

— Vai acabar tudo bem. — afirmo, precisando verbalizar o que desejo — Ela logo estará em casa. Nós erramos em deixá-la ir, Safira.

— Belinda é uma mulher, Bento. Não precisamos deixar ou proibir nada, porque ela é quem decide.

Mesmo que o meu cérebro concorde, meu coração fala mais alto.

— Ela é uma garota. Ainda não é a hora de seguir o seu caminho. Se ela estivesse aqui...

— Pare com isso, Bento. Não se culpe pelo que está acontecendo, porque ninguém poderia adivinhar. Somos pais dela e não donos. Tony saiu de casa mais jovem ainda e o apoiamos. Nossos filhos são livres.

— Eu sei. Puxaram a mãe. — abraço-a — Estou com medo. Estou com o mesmo medo que senti quando pensei que fosse te

perder. Merda! Eu nunca achei que voltaria ao inferno, no entanto, estou aqui.

— Então saia dele e vamos ao encontro da nossa filha. — sua voz está carregada de emoção — Eu te sustento e você me sustenta.

Foi essa força e essa determinação que me fizeram amar a minha mulher. Safira é uma rocha, mesmo quando sofre.

O voo é feito em silêncio. Chegamos a São Paulo e vamos direto para o local indicado por Leônidas. Não conseguimos nos aproximar tanto, mas somos recebidos por uma equipe que conversa com os familiares dos reféns, que me passa poucas informações. É tudo muito confuso.

Leônidas e seus filhos nos dão apoio.

— Assim que te liguei, eu vim, irmão. Não sairemos daqui sem ela. — diz — Ficamos uma hora sem mudanças, até que há vinte minutos ouvimos disparos e gritos. A polícia invadiu o local. Desde então estamos assim, de braços cruzados, a espera de informações.

Aperto a mão de Safira e nos entreolhamos. É uma situação difícil e que exige muito controle. Mas, neste momento, não sei se consigo me controlar.

De onde estamos enxergamos pouca coisa. O cerco de policiais não nos deixa avançar. Qualquer um que não faça parte da operação, fica de fora.

— Deus proteja a minha filha. — chora Safira.

— Calma, tia. — Matteo a abraça — Confie que logo ela estará aqui com a gente.

Marco concorda e completa.

— Do jeito que é, narrará os fatos em alto e bom som. Vai dar tudo certo, tia Safira. É capaz do bandido colocá-la para fora e ainda pagar para que a levem.

— Marco! — Leônidas repreende o filho.

Conheço bem o meu sobrinho. Ele tem muito de mim. Sei que apenas tenta facilitar as coisas com humor.

— Tomara que você esteja certo, Marco. — digo.

Eu gostaria de ter a mesma certeza, mas o que meus olhos veem só despedaça o meu coração. Sirenes, homens fardados e fortemente armados, cachorros, ambulâncias, helicópteros. Ao nosso lado um grupo de repórteres tenta obter informações ou conseguir entrevistas. São uns abutres.

Marco percebe que um deles vem em nossa direção e se adianta para afastá-lo. A última coisa que precisamos é de mídia em um momento como este.

Os minutos parecem horas. Cada mover do ponteiro do relógio chicoteia a minha carne. A incerteza é o pior dos castigos. Nossos olhos estão fixos em uma mesma direção e os corações esmagados como papel.

Deus, eu só quero a minha princesa de volta. Não tira de mim a minha menina, ela é doce e tem um longo caminho pela frente.

Estou abraçado a minha mulher quando Leônidas chama por mim. Sua voz alta acelera os meus batimentos.

— Bento, olha lá.

Pisco para ter certeza que enxergo perfeitamente. Nervoso como estou, aposto que meu cérebro poderia me pregar peças.

Amparada por um policial e com uma criança nos braços, Belinda atravessa a abertura de vidros estilhaçados. Graças a Deus! Eu já estava perdendo as esperanças depois de tanto tempo, depois de ver tantas pessoas resgatadas e nenhuma delas ser a minha filha.

— É ela, Safira! — digo sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

Safira abre a boca, mas não consegue dizer nada. Está emocionada. Depois de tantos pensamentos ruins, finalmente uma coisa boa.

— Sua filha está bem, meu irmão. — Leônidas me abraça — Porra! Ela está bem.

— Graças a Deus!

Tento atravessar a barreira policial. Grito pelo nome dela, mas todo o barulho abafa o som da minha voz. Estamos em um cenário de guerra.

Só com a certeza de que Belinda está segura, me permito observar meu redor e deixar o meu sofrimento de lado para enxergar o do próximo.

Pessoas choram, bombeiros se desdobram para atender a todos. São idosos, crianças e adultos. Alguns apenas emocionalmente abalados, outros com ferimentos leves, mas nem todos têm a mesma sorte.

— Policial, a minha filha estava bem. Vi que ela foi levada em segurança para uma das ambulâncias. Mas, eu posso ajudar. Sou médico, meu irmão e sobrinhos que estão comigo também são e podemos ajudar as pessoas.

O homem pensa por um momento e fala no rádio. De repente um bombeiro aparece correndo em nossa direção.

— Você é o médico?

Leônidas, Marco e Matteo falam atrás de mim:

— Todos nós somos.

— Ótimo! — diz ele — Precisamos de toda a ajuda possível. Hoje é dia de pagamento e tinham muitos idosos na agência.

— As portas do MAH estão abertas. — diz Leônidas — Podem levar os feridos para lá. Nossa família irá custear todo o atendimento necessário.

O bombeiro parece desconfiado, mas não contesta.

— Venham comigo.

Encaro o homem severamente.

— Nós vamos ajudar no que for preciso, mas minha esposa precisa ver a minha filha. É a única coisa que te peço.

Safira se coloca ao meu lado prontamente e diz

— Ela foi levada para aquela ambulância. Posso ir até lá?

O bombeiro e o policial se entreolham e por fim concordam.

— A senhora pode passar, mas vá direto até a sua filha. Os senhores venham comigo.

Beijo minha esposa e vou.

Pior notícia

Belinda

Atravessar os vidros estilhaçados e poder finalmente estar em liberdade arrancou lágrimas dos meus olhos. Não contive a emoção. Durante o tempo que ficamos presos tive a certeza que não sairia com vida deste dia, no entanto, saí e agradeço muito por isso.

— São as últimas. — disse o tenente ao socorrista de uma das muitas ambulâncias que vi.

Com Alice nos braços, fui conduzida até a parte interna do veículo estacionado junto a calçada.

— Elas parecem bem. O seu braço precisa de cuidados, oficial. — disse o médico.

— Eu sei. Cuidarei disso agora, doutor. — sua atenção é direcionada a mim — Você está segura agora.

Concordo com a cabeça.

Ele não diz mais nada, e nem poderia. Um grupo de policiais se aproxima com semblantes preocupados. São como uma matilha protegendo um dos seus. Vejo o tenente desaparecer, então me sinto estranhamente abandonada.

— Qual o seu nome? — pergunta o médico, ganhando a minha atenção.

— Belinda. — respiro fundo — Belinda Barcelos Malamam.

É impressionante a mudança nos olhos do médico. Não que seja algo de errado, mas ele se impressiona.

— Malamam?

Concordo e ele não volta a tocar no assunto.

— E essa mocinha, é sua filha?

— Não. Acabamos de nos conhecer. Ajudamos uma a outra. Vou entregá-la para a mãe... assim que a encontrar.

— Qual o nome da sua mãe, princesa? — ele pergunta diretamente para Alice, mas ela não responde e enfia o rosto em meu pescoço. Tadinha! Está assustada.

— Alice, qual é o nome da sua mãe? — pergunto enquanto um rapaz faz curativo no meu tornozelo.

Só agora vejo que tenho alguns arranhões nas pernas e braços. Eu não saberia dizer em que momento eles aconteceram.

— Luciana.

Sorrio para ela.

— Muito bem. Com o nome fica mais fácil e logo vamos achar a sua mãe.

Respiro aliviada com Alice em meu colo enquanto recebo o atendimento. Meu coração ainda está acelerado e minhas mãos tremem, mas já consigo sentir que o pior ficou para trás. Por um longo tempo acreditei ser o meu último dia. Foi a pior sensação.

Não sabemos como vamos reagir a uma situação de desespero. É impossível dizer que faremos isso ou aquilo, porque quando acontece é caótico.

Puxo o ar com força para dentro dos meus pulmões, olho para o céu e para longe de mim tentando reagrupar meus pensamentos. Que loucura! Foi assustador e desesperador, mas acabou.

O médico examina Alice primeiramente, depois a mim. Ele faz as perguntas de praxe. Seus recursos são limitados, mas não falta amor pela profissão. É fácil reconhecer bons profissionais.

Antes de me liberar, ele diz:

— Você precisa falar com a polícia, não pode ir embora. Quanto a menina, fale com o serviço social e eles encontrarão os familiares.

— Tudo bem. — tento sorrir. — A mãe dela está aqui. Não precisaremos encontrar familiares.

— De qualquer forma, procure o serviço social.

— Obrigada.

Levanto, coloco Alice sentada sobre a maca e me abaixo para ficar na altura do seu rosto. Ela é tão pequena e está em choque. Seus olhinhos úmidos e arregalados me dizem isso.

— Vamos achar a sua mãe, tá? — ela só balança a cabeça — Mas enquanto isso não acontece, ficaremos juntas.

— Belinda! Filha! Belinda. Belinda!

Reconheço a voz que grita pelo meu nome. Viro-me procurando de onde vem o som. Desviando das pessoas e caminhando apressada, minha mãe vem em minha direção. Seu rosto está emocionado e os olhos molhados por lágrimas derramadas. Não me lembro de já ter visto dona Safira tão afoita.

Mas como ela chegou até aqui?

— Mãe?!

— Oh, graças a Deus! — nos abraçamos — Eu tive tanto medo, meu amor. Eu e seu pai quase morremos de pavor. Rezamos de Minas até aqui. Se alguma coisa tivesse acontecido não nos perdoaríamos.

— Eu estou bem, mãe.

— Tem certeza? Alguém te machucou, feriram você?

— Não, não. Estou nervosa e abalada, mas estou bem.

— Graças a Deus! — passada a primeira emoção, ela vê Alice — E quem é essa mocinha linda?

— Nós nos ajudamos lá dentro. Quando a coisa ficou mais complicada, nos escondemos juntas. Ela é muito forte e corajosa. Agora precisamos encontrar a mãe dela.

— Oh, claro! Vou ajudar com isso.

— E o meu pai, mãe? — pergunto ao perceber que ele não está por perto.

— Ele está ajudando as pessoas junto com o seu tio Léo e os meninos. Bento sofreu duas vidas com a chance que algo pudesse

acontecer com você. Nós vimos quando um policial te trouxe para cá, mas como estávamos longe você não o escutou gritar.

— Eu não ouvi nada. Acho que nem conseguiria, tamanha a minha angústia.

— Só depois de te ver andando, conseguimos respirar.

— Obrigada por estarem aqui.

— Não estaríamos em nenhum outro lugar.

Pedi que minha mãe ficasse um pouco com a Alice, enquanto eu tentava localizar a mãe dela. Perguntei a bombeiros, socorristas e policiais, mas as informações não batiam. Eu tinha o nome, as características e ainda assim não tinha respostas.

Dizem que as notícias ruins chegam até você. E foi exatamente isso.

— Pai! — gritei ao avistar o rosto do primeiro homem da minha vida. — Pai!

Ao ouvir minha voz, seus olhos se iluminaram e o rosto suavizou.

— Princesa. — disse ao me encontrar — Graças a Deus!

Corri até ele, feliz da vida. A sensação de ver alguém que amamos depois de uma situação traumática é indescritível. Pareceu que não nos víamos há anos.

— Como você está, Belinda? — perguntou, segurando o meu rosto.

— Estou bem, sem ferimentos.

— Isso é bom. — mesmo assim, ele observa o meu corpo — Só arranhões.

— Só. Você está ajudando as pessoas. — olho em volta — A família toda está.

— Parece que quando os bandidos se desentenderam, acabaram atirando para todos os lados. Janelas e portas de vidro

estouraram, machucando muita gente. Por sorte, feridos a bala são poucos, considerando o bangbang.

Conversamos sobre os momentos de tensão que vivi. Meu pai o tempo todo preocupado comigo e perguntando se eu realmente estava me sentindo bem depois de tudo. Enquanto falávamos, as pessoas a nossa volta eram atendidas.

De dentro do banco, a perícia também fazia o seu trabalho. Desviei o olhar, mas pude notar os corpos espalhados pelo chão.

— Pelo que ouvi, todos os bandidos morreram. A polícia não entrou para brincadeira.

— Todos?

— Acredito que sim. Esse pelotão não é chamado atoa. Dizem que eles entram para acabar com o problema, cortar o mal pela raiz.

— Credo! — chegou a correr um frio pela minha espinha — O médico disse que eu preciso conversar com eles, depois quero ir direto para casa.

Meu pai me encara com um sorriso no rosto. Acho que não estamos falando da mesma casa.

— Que bom. Embarcamos assim que possível.

Se eu não estivesse tão cansada e emocionada depois do dia que tive, começaria uma discussão. Ele sabe que tenho a minha casa e que escolhi isso. É importante para mim.

— Me ajudem, por favor. — um homem grita a poucos metros de distância — Ela é morena, tem olhos escuros e usa óculos. Ela estava aqui com a nossa filhinha pequena. Por favor! Casaco vermelho.... ela estava de casaco vermelho e jeans.

Viro-me imediatamente.

A pessoa que ele está descrevendo é a Luciana, mãe da Alice.

— Eu estou com a sua filha. — grito sorrindo — Quero dizer: a minha mãe está.

— Alice?

— Isso! — fico tão feliz que corro até ele e nos abraçamos — Ela está bem, moço. No meio de tudo, nós nos escondemos em um depósito e ela ficou comigo. Graças a Deus o senhor está aqui.

— E minha esposa? — ele pergunta com os olhos angustiados.

Eu não tenho essa informação. Pelo tanto que perguntei, ninguém tem. Olhando a situação com mais frieza, só me resta pensar que ela esteja dentro da agência do outro lado da rua. O problema é que só a perícia e os... corpos estão lá.

— Eu não sei. Acho que nos perdemos na confusão.

Desolado, ele não comenta nada, apenas balança a cabeça.

Vamos juntos até a ambulância onde Alice e minha mãe estão. O encontro entre pai e filha arranca lágrimas de todos que assistem. Com os bracinhos magros e curtos, a menina agarra o pai e enterra o rosto em seu pescoço. Ele tenta, mas não controla a emoção.

— Com licença. — um policial civil aparece — O senhor é o marido de Luciana Sarso?

Por favor, que não seja o que parece.

— Sim. Onde está a minha esposa?

O policial olha para Alice e então para mim.

— Você pode ficar com ela? — pede sem esboçar qualquer emoção, mas eu consigo enxergar uma discreta fagulha de piedade em seu olhar.

— Claro. — digo e estico os braços para a menina — Lembra do nosso sorvete? Vou pedir que minha mãe consiga um para nós duas. Venha.

Inocente, ela vem.

Por dentro, estou destruída e ansiando por um momento de colo, pelo conforto da minha cama e a segurança da minha casa.

Por fora, faço o meu melhor para adiar a dor que acompanhará essa pequena por toda a vida.

Eu não sei em que momento me tornei a pessoa que está aqui contida e ponderada, mas ela já não cabe em mim. Preciso chorar, preciso gritar e espernear, mas não pode ser agora.

De longe, vejo o momento da triste notícia.

O mundo não é muito justo. Eu estou aqui, viva e bem, mas a mãe daquela menina e esposa daquele homem não está mais. Essa família foi destroçada pela ganância humana.

Reencontro casual

Belinda

Quando o sangue esfriou, o medo deu lugar a sentimentos que até então eu desconhecia.

Naquele dia eu cheguei em casa, sentei-me no chão do banheiro e chorei sem me preocupar com nada que não fosse colocar para fora o que me sufocava. Debaixo da água, esfreguei minha pele até sentir dor, tentando arrancar dali uma sujeira invisível aos olhos. Foi a primeira vez que experimentei tal sensação; o fel do trauma.

Meus pais estavam tão ou mais traumatizados do que eu e tentaram de todas as formas me convencer a voltar com eles para BH. Até mesmo meus tios concordaram com a ideia de que talvez eu devesse tirar um tempo para mim. Viajar, esquecer tudo que passei. Tony ofereceu o seu apartamento na Califórnia, contudo, entendeu quando recusei.

Sei que estão preocupados, mas também é evidente que eles não levam a menor fé em mim. Não sou de porcelana. Estou sofrendo, vivi momentos terríveis, entretanto, irei me recuperar como qualquer pessoa.

Descobri que a mãe de Alice, assim como eu, foi usada como escudo por um dos bandidos durante o desentendimento. Infelizmente ela não teve a mesma sorte, foi atingida na cabeça e morreu no local.

O mesmo homem que me levou para fora do banco e atirou em Luciana, atirou no tenente enquanto tentava escapar da polícia. Felizmente ele não conseguiu o que queria e levou a pior contra o policial.

Até mesmo entre os criminosos havia os piores, aqueles que enganaram e mataram seus parceiros para se sair bem.

O plano não terminou certo, a coisa ficou muito pior do que eles esperavam e deu no que deu. Quase todos mortos, nenhum

dinheiro levado e alguns inocentes pagando pela ambição dos outros.

Tive cinco dias para ficar em casa me recuperando. A vida segue e eu não posso me deixar abater. Não serei a Belinda frágil que corre para casa quando a coisa complica. Não mais. Eu tirei o meu tempo, me acalmei como consegui e ponto.

Acalmar talvez seja um exagero, mas vou conseguir.

Chego ao hospital no horário de sempre. Cumprimento alguns colegas pelos corredores. Eles perguntam como estou e se colocam disponíveis caso eu precise de algo, porém, ninguém se atreve a questionar diretamente sobre o ocorrido. Muito menos fazem comentários indelicados quanto ao meu sobrenome. Ainda bem!

Encontro Silva e Carlos Magno se preparando para começar o dia.

— Olha quem está de volta. — diz Carlos Magno assim que me vê.

— Belinda! — é Silva — Uau! Você está bem. Bem-vinda de volta.

Cumprimento Carlos Magno sem muita emoção, já que não temos qualquer intimidade. Abraço Silva por longos segundos e aprecio seu calor amistoso. Eu senti falta dele.

— Estou de volta. — digo animada — Admito que senti falta das dores nas costas e do sono constante. Esses cinco dias pareceram um mês. Não sei ficar parada em casa. Desaprendi.

— Sei como é. — diz Silva — Eu rezo para chegar a minha folga, mas quando estou em casa, conto os minutos para voltar. Somos masoquistas.

Eu e Silva rimos, mas Carlos Magno apenas balança a cabeça em negação. Ele é muito esquisito.

— Achei que iria direto para o Hospital da família. Não vejo razão para a herdeira do maior império médico do país estar aqui. Belinda Barcelos Malamam, certo?

O veneno até escorre quando ele fala. De onde vem tanto amargor?

— Carlos Magno, seus pensamentos só me mostram que não merece estar onde está.

Ele ri sem mostrar os dentes. Está irritado.

Dane-se!

— Eu fui merecidamente aprovado, patricinha. Ninguém usou a influência para me colocar onde estou.

— Isso é uma acusação? — parto para cima dele, mas Silva me detém.

— Segure mesmo, Silva. Ela é esquentada e pela cara até morde.

Quero enfiar as minhas unhas na cara dele e arrancar-lhe os olhos. A raiva sobe a minha cabeça e não controlo minhas ações.

— Foge mesmo, seu merdinha. — grito — Estou aqui porque mereço, e mereço mais do que você.

Fingindo não me escutar, Carlos Magno some pelos corredores.

Filho da mãe! Coração ruim!

As pessoas que passam, olham sem entender muito bem o que está acontecendo. Eu sei que não tive a melhor das posturas, mas ele pediu por isso.

Já era esperado. Quando um dos bandidos saiu comigo do banco, as câmeras filmaram o meu rosto e a notícia de que a “herdeira do maior império médico do país” estava em poder dos assaltantes caiu na mídia.

Eu sabia que isso seria assunto aqui, só não esperava ser acusada de me beneficiar do meu sobrenome.

Meleca! Eu praticamente renunciei o meu sobrenome para estar aqui. Omiti quem era por querer ser vista como igual e não como uma ponte para qualquer coisa.

Carlos Magno soube tocar no meu calcanhar de Aquiles.

— Então é por isso que você mora tão bem. — afirmou Silva.

Sua forma de falar foi diferente. Ele apenas constatou que eu tinha mais do que revelava, sem me acusar de nada.

— Isso é um problema para você? — encolhi meus ombros.

— Só se você se importar de andar com um cara que divide apartamento com mais cinco.

— Não me importo com isso, Silva.

— Então estamos bem.

Seguimos juntos pelo corredor quando o doutor Ushyro me chama para uma conversa particular.

Eu tinha certeza que isso aconteceria. É até esperado que ele tenha algumas palavras para me dizer. Apesar de detestar a situação, entendo.

— Como você está, Belinda?

— Estou bem. Pronta para outra. — ele ergue a sobrancelha

— Não literalmente, quero dizer. É só jeito de falar mesmo.

— Eu entendi. Se sente bem para voltar ao trabalho e aos estudos?

— Com certeza. Vir para cá ocupa a minha cabeça, eu não conseguiria ficar mais do que cinco dias em casa.

Seus olhos orientais me avaliam a cada fração de segundo. Não me contenho.

— Olha, eu sei que todos já sabem sobre a minha família, mas eu não quero ser tratada diferente de ninguém, seja para menos ou para mais. Estou me dedicando como todos, sei que sou capaz e vou provar isso sem precisar gritar para cada canto ou usar a influência do meu sobrenome como moeda de troca.

Doutor Ushyro não se abala com as minhas palavras. Ele nem mesmo parece surpreso ou decepcionado. O homem é uma tela neutra.

— Belinda, sei quem você é desde que chegou aqui. Trabalhei com o seu pai em algumas ocasiões. Achou mesmo que entraria em algum hospital do país com esse sobrenome sem ser notada? Você é mais ingênua do que pensei. Seu avô foi meu professor e seu pai e tios são profissionais renomados. Envergonhe-se de se envergonhar das suas origens, mocinha.

— Eu não me envergonho. — digo indignada — Eu só... — ele não me deixa terminar.

— Agora vá, antes que eu resolva punir a sua insolência.

Vinte e quatro horas com a mente ocupada. O dia foi cheio de cirurgias longas. Passei a maior parte do tempo monitorando pacientes no centro cirúrgico. Ar gelado, cheiro de éter, focos de luz e muita concentração. Vinte e quatro horas sem pesadelos ou angústias. Foi a primeira vez em cinco dias que não tive medo de dormir e acordar aos prantos. Manter a cabeça focada em aprender e trabalhar são como remédio.

Jogo na lixeira capote, máscara e luvas. Estico as costas e os braços, estalando todas as minhas juntas. Depois de cinco horas sentada e atenta ao lado do paciente, finalmente acabou.

Ao meu lado, Clemente, o anestesiológista que me supervisionou. Ele é um dos profissionais que mais admiro, tanto por seu extenso conhecimento, quanto por sua personalidade. Acredito que tenha entre trinta e cinco e quarenta anos, quase da minha altura e mais tatuagens do que alguém poderia contar. É um homem bonito, lembra aqueles motoqueiros de filme.

— Foi punk hoje, doutora Belinda. Você foi muito bem, parabéns! É bom ter você de volta.

O elogio faz carinho no meu coração.

— Obrigada, doutor Clemente. É bom estar de volta também.

O dia está claro quando deixo o hospital. É hora de ir para casa. Era para ser o melhor momento, mas não é. Eu sei que o sono vencerá e sei que com ele os pesadelos chegarão.

Não quero viver aquele horror novamente, não quero! Mas é impossível evitar. Sempre que meus olhos pesam e o sono me vence, as lembranças tomam a minha mente em forma de pesadelo. Em todos eles eu morro com um tiro no peito.

Odeio isso!

Atravesso o pátio do hospital vagorosamente, adiando o inadiável. Meus olhos perdidos entre os rostos de todos os que passam por mim. Olho para trás algumas vezes. Quem sabe vejo alguém conhecido que queira conversar?

Hoje Silva não saiu junto comigo. Eu pretendia chamá-lo para um café da manhã, mas não vai rolar. Eu poderia ligar para Carolina, mas ela está envolvida com seus estudos. Poderia ir para a casa de Marco e Damaris, mas com o bebê eles estão com as mãos cheias. Não quero ser problema para ninguém.

Até mesmo as conversas com meu irmão estão mais difíceis. Antony passará uma temporada em Dubai, o que é ótimo para o trabalho dele, e isso acabou nos afastando inevitavelmente. Ultimamente nos contentamos com mensagens de “bom dia” e “boa noite”.

Não tem jeito, preciso enfrentar a minha vida e encontrar uma solução para os meus próprios problemas. É por isso que estou aqui, não é? Vai dar certo.

Jogo minha bolsa sobre o ombro, refaço o meu rabo de cavalo para recuperar a dignidade depois de 24h de trabalho, e sigo o meu caminho.

Vai passar! Sei que vai.

Estou terminando de atravessar o pátio do estacionamento quando vejo um homem deixar a sua mochila cair. Ele está com o braço imobilizado e precisa deixar uma pasta no chão para pegar a bolsa. Com o vento, as folhas da pasta voam e ouço-o praguejar.

Que boca suja.

Mas na aparência, zero defeitos.

Suas costas largas e a altura chamam a minha atenção. Gosto de homens grandes. Cresci no meio de tios, pai, irmão e primos enormes. Não consigo me sentir atraída por alguém da minha altura. É como se não me passasse segurança.

O desconhecido é definitivamente um homão no melhor sentido da palavra. É negro da pele bem escura, cabeça raspada, pernas e braços compridos com o traçado dos músculos desenhados sob a calça de moletom cinza. Uma bunda linda!

Uau! Estou atentada hoje.

Mas, que é gato, é!

A situação descoordenada dele me faz sorrir. Apesar de grande, ele nitidamente precisa de ajuda.

— Espera! Eu pego para você. — digo.

Corro para pegar alguns dos papéis que giram em um redemoinho de vento. Destrambelhada como sou, enquanto alcanço uma, perco outra. Leva um tempo, mas consigo pegar todas e vou até ele.

— Aqui está. Acho que era um Saci nos pregando uma peça.
— falo sorridente.

— Então eu deveria ter trazido uma garrafa para prendê-lo.

Essa voz... eu conheço essa voz.

Organizo as folhas antes de encarar o desconhecido e percebo que já o vi antes. Reconheço esses olhos escuros, as marcantes sobrancelhas pesadas e principalmente, a intensidade do olhar.

— Você. — digo surpresa.

— Você. — ele repete ao me reconhecer.

Era tenente o quê mesmo?

— Sou Belinda.

Diga o seu nome também, por favor.

— Lembro do seu nome, Belinda. Sou Rael. — ele estica a mão e me cumprimenta.

Que sorriso.

Os dentes brancos destacam na pele negra. É impossível não reparar na boca bem desenhada enquanto ele fala com sua voz poderosa. É bonito de ver, harmônico.

— Você é o policial que me salvou.

— Você é a garota que virou o rosto do roubo da semana passada. Acho que ficou famosa, não é? — diz, erguendo as sobrancelhas e os ombros.

Arrepio-me só de lembrar da minha foto em todos os jornais, nas telas de televisão, onde torceram até a última gota de sensacionalismo sem qualquer respeito ou empatia.

— Nem me fale. — bufo — Virar a manchete do jornal do meio dia nunca foi um sonho.

Ele olha em volta, depois repara no jaleco pendurado em meu braço e em meus sapatos brancos. Parece ponderar alguma coisa.

— Uma das reportagens dizia que você é dona do MAH. — olha mais uma vez para o meu jaleco — Estou surpreso de encontrá-la aqui.

Estamos no pátio do estacionamento de um hospital escola. É uma entidade pública.

— Sou médica. Faço residência aqui.

— Aqui?

— Por que não?

Ele não tem resposta ou não quer dizer o que realmente pensa. Mas, antes que elabore qualquer coisa, explico.

— Sou residente de anestesiologia. Fiz prova como todo mundo, passei e entrei para ocupar uma das 3 vagas do ano. Não sou a filha ou neta ou sobrinha de quem quer que seja, sou mais

uma residente. Além do mais, é um excelente programa. — ele fica nitidamente satisfeito com a minha resposta — E você, o que faz aqui?

Ele mostra o braço imobilizado pendurado em uma tipoia.

— Bom, parece que um dos tiros fui um pouco mais sério do que eu imaginei. Naquele dia passei por uma cirurgia na mão. Hoje vim tirar uns pontos do ferimento no braço e me consultar com o especialista em mãos.

— E está tudo bem?

Ele é policial, imagino que a mão seja muito importante para o exercício da sua profissão.

— Não dá para ter certeza, mas devo ficar bem.

— Espero que sim. Eu me sentiria muito mal se estivesse realmente prejudicado depois de salvar a minha vida. Tem algo que eu possa fazer para ajudar?

— Não. Está tudo bem.

— Eu gostaria de fazer algo por você. Queria retribuir o que fez na semana passada de alguma maneira, Rael.

Seus olhos me encaram. É o olhar mais profundo que já senti, como se pudesse ler meus pensamentos. O canto de sua boca se contrai discretamente, mas não dura muito.

— Sou um policial lembra? Não precisa me recompensar por fazer o meu trabalho.

Tenho uma ideia brilhante.

— Você aceita tomar café da manhã comigo? — digo rapidamente, pegando-o de surpresa.

Ok, doutora.

Rael

Que mulher hoje em dia convida um homem que não conhece para qualquer coisa? Ou ela é muito ingênua para a própria segurança ou eu entendi errado.

— Está chamando um desconhecido para tomar café da manhã com você? Isso é no mínimo imprudente, Belinda.

Sem um pinga de dúvidas, ela responde com um radiante sorriso no rosto. As bochechas se aquecem e ganham vida na pele impecavelmente branca. É como uma boneca. Cabelos loiros claríssimos, olhos enormes da cor do céu e traços finos. Tudo compactado em 1,6m... talvez 1,65m no máximo.

— Não. Estou chamando o homem que salvou a minha vida para tomar café da manhã. — ela ergue as mãos no ar, como se fosse óbvio — Além do mais, eu estaria segura ao lado de um oficial da polícia.

— Eu não te salvei. Quando cheguei você já estava em segurança só te resgatei do esconderijo.

— Aquele homem teria entrado lá, se você não tivesse... — ela engole as palavras sem poder continuar.

— Atirado na cabeça dele.

— É. — remexe os ombros, desconfortável — Talvez eu não estivesse aqui hoje, talvez eu e Alice tivéssemos morrido.

— Não tenho dúvidas. Aquele lixo não tinha mais nada a perder.

O clima fica pesado. É evidente que relembrar os momentos que viveu ainda mexe muito com ela. Não posso culpá-la. Eu mesmo levei um longo tempo para trabalhar os meus próprios demônios.

Quando somos expostos ao lado mais cruel das pessoas é como se levássemos um choque. Por mais que os jornais mostrem

todos os dias, o ser humano ainda é descrente com a própria capacidade de destruição.

Com uma mudança espantosa, Belinda volta a sorrir, ignora o clima de antes e mais uma vez pergunta:

— Você aceita tomar café da manhã comigo ou não? Por favor. Estou há 24h sem dormir e com muita fome.

— Eu poderia ser um maníaco, Belinda.

Sua expressão contrariada é uma graça. Pela terceira vez ela franze o nariz e pisca repetidamente. Parece ser um tique de ansiedade. Mas, é bonitinho.

— Vou correr o risco.

Que louca!

Ergo as mãos em sinal de entrega.

— Aceito o seu convite, mas não faça isso com mais ninguém. Não quero precisar salvá-la novamente tão cedo. Como chegou viva a essa idade sem o menor senso de autopreservação?

— Você ficaria surpreso.

— Não me conte.

Espontânea e iluminada.

Se eu tivesse que definir Belinda em poucas palavras, seriam essas as escolhidas. Estou fascinado por ela. É assustador. A forma como ela fala, sua voz eufórica, porém, doce. Tudo vibra e rouba a minha atenção de maneira estranha.

Desde quando eu me encanto desse jeito por alguém? Oh, pelo amor de Deus! Estamos conversando há dez minutos. Que porra de feitiço é esse?

Caminhamos lado a lado pela calçada como velhos amigos. É difícil piscar enquanto ela fala sobre as razões que a trouxeram a São Paulo. As palavras saem com tanta rapidez de sua boca, que mal tenho tempo de processar as informações e já estamos em outro assunto.

Ela briga com os cabelos enquanto tenta defender o rosto dos fios lançados pelo vento que vem a nosso favor. É divertido. Quando alguns fios loiros se prendem no gloss molhado que cobre seus lábios, pego-me desejando mais do que deveria. São grossos e sensuais. Do jeito que eu gosto de morder.

Depois de algumas quadras, chegamos a um café desses descolados e caros.

O tipo de lugar que eu jamais entraria por escolha própria. É inaceitável pagar doze reais em uma xícara de café ou vinte em uma fatia de bolo. Eu sou um homem normal, que pede um pingado com pão na chapa na padaria da esquina.

Não dessa esquina.

— Você está me julgando. — diz ela, depois de contar que comprou o apartamento que tem, com o dinheiro da venda do carro que o pai deu e algumas joias que tinha.

— Eu? Não.

— Está sim. Vejo isso na sua cara, Rael.

Apoio o queixo na mão e escolho as palavras.

— Engano seu. Está acostumada a ser julgada e vê isso para onde quer que olhe. Eu não acho que está errada em usufruir do que tem ou do que o seu pai pode te dar. Negar isso seria uma burrice sem tamanho.

Ela fica vermelha e esboça um sorriso. A pele corada lhe cai bem.

— Acha mesmo?

— Acho. Não penso em ter filhos, mas se os tivesse, gostaria de poder dar a eles o melhor. Faça bom uso do que tem.

Belinda ergue as costas e me encara com estranheza. Não sei o que disse de errado.

— Não quer ter filhos?

— Não.

Por que razão eu teria filhos? Minha vida é conturbada demais para pensar em ter mais uma responsabilidade. É difícil sobreviver por mim, não posso pensar na chance de faltar para alguém tão importante.

— Posso perguntar por quê?

— Lido com o lado mais feio e inescrupuloso das pessoas, moro em uma cidade perigosa, não tenho uma... candidata a mãe e muito menos espaço na vida para encaixar um filho.

— Uau! São muitos motivos.

— Você viu como são os meus dias. Se imagina ao lado de alguém como eu?

A pergunta sai espontaneamente. Belinda pensa um pouco, seus olhos perdidos em algum ponto do meu rosto.

— Sim.

Sim?

— Não sabe o que diz.

Ela prende uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Todos os dias são como aquele?

— Não, claro que não.

— Então!? Sua profissão de risco não pode ser desculpa para fugir dos filhos. — diz, desafiando-me — Sorria, você é um bom partido, tenente Rael.

— Engraçadinha.

— Faço o que posso.

Cruzo os braços junto ao peito. Conversar sobre assuntos tão pessoais com uma quase desconhecida deveria me deixar desconfortável. No entanto, o que me deixa desconfortável é estar tão disposto a compartilhar o meu tempo com ela. É estranhamente agradável.

O que raios estou fazendo?

— E você, pretende ter filhos?

Ela inclina a cabeça para o lado e suga o canudo da sua bebida. Seus lábios formam um coração.

— Talvez, mas não agora. Quem sabe o que a vida me reserva? Ainda tenho dois anos e meio de residência pela frente, logo, não é um plano a curto prazo. Além do mais, nos últimos meses matei três cactos.

— Isso deve ser um recorde.

— Deve sim.

Observo-a enquanto fala. Suas plantas suicidas rendem uma longa conversa, onde aproveito para admirar seu rosto e suas expressões teatrais. Ela nem precisaria falar, porque seus olhos denunciam os sentimentos sem a necessidade de palavras. Deve ser uma péssima mentirosa.

Alheia a dimensão da beleza que carrega, consegue ser simples. Sorri sem vaidade, molha os lábios sem malícia e mexe os cabelos não se dando conta do quão sensual fica quando ergue os braços para refazer o penteado. Não é uma mulher tentando parecer atraente. A naturalidade a faz desejável por si só.

— Está me olhando com aquela cara novamente. Se não é julgamento, o que é? — pergunta, surpreendendo-me.

É desejo. Encantamento. Vontade.

— Estou? — empurro tudo para longe.

— Rael! — Exclama. A garçonete atrás do balcão espia nossa conversa — Por que fala tão pouco?

— Porque você fala por nós dois.

O comentário engraçado nos faz gargalhar juntos, mas é verdadeiro. Em uma hora Belinda contou mais sobre ela do que eu me arriscaria a perguntar.

Entre muitas outras coisas, sei que veio de Belo horizonte, que seu irmão mora fora do país e está em Dubai a trabalho. Ouvi bastante sobre o tempo que passa no hospital e seus colegas de

residência. Inclusive posso dizer que detesto o tal Carlos Magno e estou incomodado com a intimidade que ela parece ter com o Silva.

— Desculpe. Eu sou uma metralhadora de palavras mesmo. Meus primos me chamam de peste porque não paro nunca.

— Não é um apelido justo. Você é bonita demais para ser uma peste.

Belinda aperta os olhos e nega com a cabeça.

Vejo insegurança?

— Bonita?

— Se disser que se acha feia, levanto-me e vou embora.

— Tenho espelho em casa, Rael. Estou perguntando se sou bonita para você.

Não é óbvio?

Olho ao redor, debruço o meu corpo sobre a mesa, parando a dois dedos do seu nariz.

— Tão bonita e interessante que estou me perguntando o que faz aqui comigo. Aposto que daqui cinco minutos vai aparecer um cara com uma câmera dizendo que eu caí numa pegadinha.

— Ah, tá!

Ela revira os olhos e me encara com deboche.

— Estou curioso. Por que estamos há duas horas sentados aqui conversando como velhos amigos?

Não era a minha intenção, mas vejo que a pergunta a ofende. Ela enrubesce, gagueja.

— Eu só... é... Tem razão. Estou te prendendo aqui com meus assuntos e você deve ter suas coisas. — Belinda pega a carteira dentro da bolsa e chama a garçonete — Olha... foi mal, eu tô aqui falando e falando sem nem te perguntar se queria me ouvir. Desculpa.

Estico o braço por cima da mesa e agarro o seu pulso. Meu gesto repentino a assusta, então a solto no mesmo instante.

— Espera. Você entendeu errado. Eu quero estar aqui com você, quero de verdade. Só que parece ter algo errado. Só achei nosso encontro pouco... Como vou dizer? Convencional.

— Tem. Eu não deveria ter me metido no seu dia. Eu faço essas coisas e preciso melhorar. Eu só não queria voltar para casa.

— Belinda. — ela ergue os olhos para mim — Escuta...

Tento me explicar, mas a garçonete chega antes e por reflexo estico o braço ferido para pegar minha carteira na parte de traz da calça. O movimento simples me causa uma dor filha da puta.

— Droga!

— Oh, meu Deus, o seu braço. — Belinda sai da sua cadeira e se abaixa ao meu lado, tentando verificar o meu ferimento, mas não permito.

— Está tudo bem. Foi só uma fígada, já passou.

— Não passou, está sangrando. — ela aponta para o curativo do tiro que pegou de raspão — Deve ter arreventado um ponto.

O sangramento aumenta.

— Vou sobreviver.

— Foi um tiro, Rael. Se o ponto abriu, tem que refazer para cicatrizar corretamente.

— Ok, doutora. Amanhã volto ao hospital. Por hoje já tive o suficiente de lá.

Com a testa franzida, ela balança a cabeça.

— De jeito nenhum, eu posso fazer isso. Meu apartamento fica há uma quadra daqui. Eu dou uns pontinhos e salvo a sua vida. — ela pisca para mim.

— Está tudo bem, Belinda. Foi só o movimento brusco, logo passa. — baixo o tom de voz — Não será hoje que me terá como cobaia.

Minha última frase não é bem aceita. Quase vejo fumaça saindo pelas orelhas dela.

— Rael, ser residente não significa que não sou médica, mas sim que estou me especializando em uma área da medicina. Sou perfeitamente capaz de suturar o seu corpo inteiro se for preciso.

— Tomara que não seja preciso.

Ela olha para a garçonete que nos assiste sem dizer nada, e entrega um cartão.

— Passe no débito, por favor. Estamos de saída.

— Não. Eu faço questão. — tento mais uma vez pegar a minha carteira, mas só consigo me machucar novamente. Irritado, fico de pé para alcançar o bolso.

— Rael, — ela digita a senha e a moça se afasta — eu te convidei. Quem convida, paga. Vamos!?

Agora sim ela voltou ao normal.

— Você é muito teimosa.

— Ouvi isso a vida inteira.

— Sem motivo, suponho.

Para que esperar? Faça!

Rael

Caminhamos pela calçada.

Lembro de ter lido uma reportagem sobre os Malamam no dia seguinte ao roubo. Os jornais queriam assunto, precisavam fazer o caso render e ao invés de falar sobre os problemas com a criminalidade, resolveram explorar a “pobre moça rica sob a mira de um revólver”.

A história que mais chamou a minha atenção aconteceu há muitos anos, antes mesmo de Belinda existir. Um ex namorado da mãe dela, inconformado com o fim do relacionamento, a sequestrou e por pouco o fim não foi trágico.

— Sempre convence a todos de fazer o que quer?. — pergunto.

— Vantagens de ser caçula. A gente se acostuma a fazer charme.

Eu jamais precisaria ser convencido a ir ao apartamento de uma mulher. Não em circunstâncias normais.

— Está usando o seu charme comigo?

Ela apressa o passo para me ultrapassar e caminha rebolante na minha frente. É uma versão caricata de uma modelo na passarela.

— Assim? — brinca, olhando-me por cima do ombro.

— Parece estar com vontade de fazer xixi. Sem charme.

Ela gargalha e volta para o meu lado.

— Droga! Eu tentei. — com intimidade, ela se apoia em meu braço — Prometo não te matar, tenente. Será apenas um curativo inofensivo, sem riscos a sua integridade.

Ah, claro!

— Ok, doutora. Estou nas suas mãos.

Juntos, caminhamos por poucos metros até chegar a um prédio novo e evidentemente caro. Belinda passa pela portaria e cumprimenta o porteiro, que me olha desconfiado.

Aposto que está pensando sobre a loirinha trazer um negão para casa.

— Seu Cícero, esse é o Rael. — diz animada e coloca a mão em meu ombro — Foi ele que me salvou.

O homem sai de trás do seu posto e vem até nós. Não sou uma pessoa de tanta interação, sinto-me incomodado quando falam me tocando ou muito próximo ao meu rosto. As pessoas têm dificuldade para respeitar o espaço físico do outro.

Depois de cinco tapinhas nas costas, ele finalmente para.

— Chegamos! — ela abre a porta e entramos — Bem-vindo a minha casa.

Inacreditável.

É tudo rosa. Poderia ser a casa da Barbie ou da Penélope Charmosa. Uau! O que não é rosa, é... diferente.

— Acho que descobria a sua cor favorita.

Belinda está no quarto pegando o que precisa e grita:

— Como adivinhou?

— Sou observador.

— Percebi.

Ela volta e pede que eu sente no sofá. Nas mãos, carrega uma caixa grande. Eu não sou sensível ou tenho medo de agulhas, mas estou começando a ficar nervoso.

— Sabe mesmo o que está fazendo?

Recebo um olhar matador. Que logo se desfaz, dando espaço para um enorme sorriso. Ela prende o cabelo no alto da cabeça.

— Vou lavar as mãos e já volto. Pode ficar à vontade.

Quando Belinda some dentro do banheiro, aproveito para inspecionar melhor o lugar. Há uma estante grande com muitos

livros de medicina, mas os romances estão em locais privilegiados.

Sento-me no sofá. Sobre a mesinha de centro, dois copos e um livro. O marcador mostra onde ela parou. O que será que anda lendo? Abro o livro com cuidado e corro os dedos pela página até que uma frase salta aos meus olhos.

“Ele é enorme. Seu pênis brilha refletindo a luz e exala um perfume másculo de cravos e madeira,”

Como é?

Que porra de pau é esse que reflete a luz e cheira a cravo?

— Prontinho!

Fecho o livro e o coloco no lugar.

— Estou pronto também. — digo imediatamente.

Belinda faz exatamente o que disse que faria ao se acomodar ao meu lado.

Assisto encantado e surpreso ao seu desempenho impecável. Vejo que é verdadeiramente uma médica. Lentamente seus dedos se movem com destreza passando o fio de um lado para o outro, subindo e descendo sem errar. Um espetáculo.

Ela é linda.

Seus cabelos são lindos, o rosto triangular e pequeno parece de mentira. Todo o conjunto é impressionante, mas é na boca que meus olhos se perdem.

Eu a quero.

Acompanho cada respiração, cada bater de cílios e o movimento de suas pupilas atentas. Sua língua sai discreta, escorregando de canto a canto para umedecer os lábios. Um gesto involuntário que explode o meu juízo.

Porra!

Ainda bem que ela não percebeu o meu desejo. Está tão concentrada que nem mesmo o repetitivo toque do celular a interrompeu.

— Tem alguém te ligando.

— É meu irmão. — responde, sem desviar os olhos do que faz.

— Como sabe?

— Ele me liga todos os dias no mesmo horário.

O cara está em Dubai e arranja tempo para tomar conta da irmã.

Ninguém pode culpá-la por querer espaço.

— Terminei. — diz feliz com o que fez.

O corte ficou quase imperceptível. Muito melhor do que antes. Belinda refaz o curativo e guarda as suas coisas, depois pega uma caixa e volta.

Mudo de posição, mas ainda sinto um incomodo na base das costas.

— O que é isso? — Enfio a mão por trás da almofada e encontro mais um livro. Na capa um homem sem camisa e o título “O destruidor de calcinhas”.

— Poesia não deve ser. — digo em voz alta.

— É um romance.

Viro-me para Belinda. Ela está rosada de vergonha, mas mantém o olhar altivo.

— Quão romântico deve ser um derrubador de calcinhas? — mostro o livro e ela bufa.

— É destruidor, não derrubador. — corrige-me — E ele é bem romântico sim. Acho que o título é para chamar atenção, porque ele só tem olhos para a mocinha, não destrói a calcinha de nenhuma outra.

Estou curioso.

— E no final ele consegue destruir a calcinha da mocinha, que não é tão mocinha assim?

Belinda se senta ao meu lado e tenta tomar o livro das minhas mãos, mas sou muito maior e ela desiste. Talvez não queira arriscar

machucar o meu outro braço. Gosto do seu bico de frustração. É sexy.

— Ele consegue muito antes do final.

Interessante. Gostei do destruidor.

Abro o livro a procura de uma passagem picante. Belinda não diz nada, assiste o que faço e cruza os braços com um sorriso de lábios fechados. Está zombando de mim.

— Será que rola no capítulo três? — ergo as sobrancelhas.

— Cinco.

Cinco capítulos para chegar nos finais? Pelo amor de Deus, é tortura.

— Deixe-me ver. — passo os olhos pelas palavras até encontrar o momento exato — Achei.

— Não acredito que fará isso, Rael. — diz ela, sem conter o sorriso.

Ergo o olhar com o livro aberto, prestes a ler uma cena de sexo em voz alta ao lado da mulher que praticamente acabei de conhecer. Poderia parecer constrangedor, no entanto, não é assim que me sinto, e ela também não parece preocupada.

Sentados lado a lado no sofá de dois lugares, sozinhos no apartamento, a última coisa que posso dizer é que sou inocente. Já me imaginei arrancando a camiseta dela, abocanhando os bicos dos seus peitos e tudo o que tiver direito.

Não é por mal, mas pensamentos eróticos são impossíveis de bloquear.

— Vá em frente. — ela incentiva sem desviar o olhar.

Belinda é uma mulher contraditória. Vejo que está envergonhada, suas bochechas e lábios corados denunciam, mas ela enfrenta. Sentada sobre seus calcanhares, aguarda. Eu arriscaria dizer que está ansiosa.

Começo a ler:

— Ele beija do meu pescoço até o meu umbigo sem pausa. Estou ofegante e trêmula, com medo que do vem pela frente. Será que vou aguentar? Pelo volume proeminente, tenho minhas dúvidas. Estou de olhos fechados quando o sinto se afastar, e sem misericórdia destruir a minha calcinha em um único puxão.

Olho para ela e depois para o livro. Não pode ser sério.

Leio a continuação mentalmente. Engulo uma risada. É bizarro, mas estou começando a ficar constrangido com isso.

Antes que eu faça, Belinda recita a fala do personagem

— Agora te farei minha e de ninguém mais, princesa. Abra as pernas para receber o meu pau.

— Que homem diz isso? — ela dá de ombros — Você sabe todas as falas?

— Só as mais marcantes.

— Isso foi marcante?

Nitidamente envergonhada, ela argumenta.

— Foi a primeira vez deles, ela era virgem. É um momento marcante no livro. Só lendo a história para entender.

Fecho o livro. Não dá para continuar lendo isso sem ficar de pau duro. Mais duro do que já está. Por mais bobo que ele pareça, ainda é sexo. Mais algumas linhas e precisaria pular pela janela para não ser acusado de assédio.

— Já cansou de ler? — pergunta

— Não é isso...

Será que ela se masturba enquanto lê? Deve ter lido aqui no sofá ontem, se masturbou e esqueceu o livro.

Remexo-me no sofá. Pelo amor de Deus, preciso parar de pensar nisso.

— Então o que é?

Viro-me para ela. O movimento nos aproxima ainda mais. O que posso responder sem parecer um tarado?

Não vejo muita saída para isso. A não ser que eu minta. Mas, pela rapidez que endureço entre as pernas, logo serei desmentido.

— Cuidado com as perguntas que faz, Belinda.

Meu comentário a faz refletir por um segundo, mas logo rebate.

— Por que eu deveria ter cuidado, tenente?

Eu sei o que está fazendo. Está me instigando, testando para ver até onde eu vou. Isso pode assustar os garotos que ela está acostumada a impressionar, mas não a mim. Eu não recuo, não fujo dos desafios, muito menos quando uma mulher se mostra interessada dessa forma.

Com o braço esquerdo imobilizado, apoio a mão direita sobre o seu joelho. Meus dedos tocam por cima do jeans branco, mas já é o suficiente para sentir o seu calor. E desejar mais.

— O que está tentando fazer?

O olhar dela é ardido, cheio de expectativa. Não esconde o interesse, mas deixa claro que não avançará. Ela quer ser conquistada, gosta de despertar o desejo. Travessa.

— Acho que estou flertando com você. — ao perceber meu rosto tenso, pergunta — Não deveria?

O que me segura é não saber se é intencional ou apenas a sua curiosidade imprudente.

— Está pronta para lidar com o resultado dessa brincadeira?
— rebato com outra pergunta.

Ela faz que sim com a cabeça.

Mesmo com um braço comprometido, inclino o meu corpo sobre o dela, até que suas costas estejam completamente apoiadas na lateral do sofá. Sustento-me com a mão direita para não cair sobre ela, mantendo o meu corpo suficientemente erguido.

Perto, mas não demais. Quero que ela tenha a chance de me parar... se quiser.

Tomara que não queira.

Cheiro sua pele deslizando o nariz pelo seu rosto, esfrego nossos lábios, mordo o seu queixo. Jogo com a ansiedade. Posso ouvir meu coração acelerado em meus ouvidos e pela maneira que respira, Belinda não está diferente.

Tudo é melhor com expectativa. A minha vontade colocá-la de quatro na minha frente, arrancar a roupa que estiver pelo caminho e me enterrar dentro dela para só sair depois de satisfeito. Não posso negar que a possibilidade me agrada. Ir direto ao ponto seria bom, mas Belinda me faz querer o jogo, a apreciação.

Quero dar a ela uma experiência marcante. Não como a do livro, mas sim uma noite que a fará querer de novo. Ela não conseguirá esquecer este negão tão facilmente depois de hoje.

Nossos narizes se esbarram, o hálito se mistura. Sinto o calor dos seus lábios e me vejo completamente louco de vontade de provar a sua boca.

O beijo começa um pouco desordenado. Estamos afoitos. Não entramos no mesmo ritmo. Belinda é uma kamikaze e não demonstra nem um pinga de controle. Ela se entrega ao desejo tão intensamente e não impõe barreiras.

Tem algo nela, não sei o que, que me faz ponderar. Isso é uma novidade no meu mundo.

Ela agarra o meu pescoço e suas unhas deslizam pela minha pele, provocando em mim uma reação instintiva.

— Seus primos estão certos sobre você. É uma peste e está me levando à loucura. — digo em seu ouvido antes de devorar sua boca.

Estou excitado, ofegante e alucinado no seu sabor. O beijo não tem pausa. Devoro-a com tanta fome que perco a noção do tempo. Belinda tem lábios macios, bons de morder e chupar, uma língua safada que se deixa e se entrega.

Ela está completamente entregue, derretida sob o meu corpo. E nada pode ser mais foda do que uma mulher entregue.

Mal-entendido

Belinda

Desde que Rael me beijou, há três dias, não paro de pensar nele. Nunca mais me sentarei no meu sofá sem lembrar das carícias que trocamos, as mãos e os lábios dele sobre mim. Foi incrível! Ele soube me envolver de tal maneira que não vi o tempo passar, simplesmente curti o momento. E que momento!

Aquela boca... oh aquela boca.

Em São Paulo não tenho amigas como tinha em BH. Com o ritmo que vivo não dá para conservar uma vida social decente. As mulheres dos meus primos são as pessoas mais próximas a mim na cidade. Mesmo assim, não é como se pudéssemos conviver todos os dias ou em todos os momentos. Pelo menos não enquanto eu estiver atolada com a residência. Damaris tem sido a minha grande amiga desde que cheguei e conversamos todos os dias por mensagem, nem que seja antes de dormir.

Acho que usamos uma a outra. Ela para respirar um pouco da sua rotina de mãe, e eu para fingir que os estudos e trabalho não estão me consumindo. A verdade é que ter uma amiga para falar bobagens é dá hora.

— Ele te ligou? — Damaris pergunta do outro lado da linha. Ao fundo escuto Miguel balbuciar.

— Não.

É uma meleca esperar por uma coisa que não acontece. Sou ansiosa, não sei lidar com isso de uma maneira agradável.

— Pense pelo lado bom: Ele deve estar esperando o tempo aceitável para não parecer um psicopata perseguidor.

Eu não quero tempo aceitável. Quero que ele me ligue.

— Acho que não rolou para ele, Damaris. — me jogo na cama — Foi um acontecimento para mim, mas para ele pode ter sido... só um beijo, né? Sou muito iludida mesmo.

Ouçó Miguel reclamar mais alto.

— Belinda, se foi como você me contou, foi um acontecimento para ele também. Relaxa, ele vai ligar.

— Já tem três dias. — murmuro.

— Só tem três dias. — ela me corrige.

Metendo-se em nossa conversa, Marco grita ao fundo:

— Fala para ela que homem não gosta de mulher maluca não. Se ficar pegando no pé dele por causa de uns amassos, ele vai fugir para bem longe dela.

— Contou para ele? — a possibilidade me deixa envergonhada.

— Você contou... quando mandou aquele áudio de trinta e sete minutos às 3h da madrugada. Eu estava amamentando e ele escutou antes de mim.

Eu não acredito! Marco é mesmo um filho da mãe.

— Seu marido é um intrometido. — rosno, irritada.

— Mas ele tem razão. Não vai dar uma de desesperada, porque o cara foge num piscar de olhos.

— Não estou desesperada. — e não estou mesmo. Só pensei que ele me ligaria.

Talvez Marco tenha razão.

Não posso ficar aqui no meu dia de folga lamentando por um cara que me beijou e sumiu. Ele que se lasque para lá. Se não foi o suficiente para ele, é melhor mesmo que suma e me deixe ser feliz.

Eu não ligo. Não ligo mesmo... Droga!

Levanto chutando minhas cobertas, arranco a minha roupa e corro para o banheiro. Preciso ver gente. Já dizia a minha mãe: nada melhor do que uma sacolejada para quem está pra baixo. E eu estou bem para baixo hoje.

— Damaris, nos falamos mais tarde. Dá um cheiro no Miguel por mim. Vou pedalar no parque.

Ela ri com o telefone mais afastado do rosto. Deve estar falando com Marco.

— Sua prima disse que vai pedalar no parque.

Não preciso me esforçar para ouvir a resposta de Marco.

— Vai tropeçar nas próprias pernas. — ele fala — O sujeito é policial, deve ter sentido o cheiro do perigo de longe e fugiu.

— Eu ouvi isso, Marco! — grito — Tchau, Damaris. Dá uma mordida na coxa desse moleque gostoso.

Determinada, visto um top decotado, uma calça rosa bem justa de academia, calço o tênis que nunca usei e coloco uma viseira dourada. Dou aquela conferida no espelho antes de sair e fico satisfeita com o que vejo. Estou linda, atraente e pronta para ouvir todos os elogios do mundo.

Pelo menos voltarei para casa com o ego nas alturas.

O meu prédio tem bicicletas para compartilhar. Quase ninguém usa e elas ficam pegando poeira, mas são ótimas. Escolho uma que me agrada e saio. Os primeiros minutos são engraçados, porque faz uns dois anos que não subo em uma bicicleta, mas ainda sei pedalar.

Um quase tombo daqui. Por pouco não atropelo uma senhora dali. Catei uns buracos na calçada acolá. Altas aventuras!

No parque, aproveito o clima fresco e o espaço. Não sei por que não faço isso mais vezes. É bom.

Uma hora depois, suada, descabelada e exausta, retorno ao meu prédio. Na cestinha da bike, um buquê de flores que comprei na banca da esquina para decorar a casa.

— Belinda!

Reconheço imediatamente a voz que chama por mim.

Ele atravessa a rua passando entre os carros sem esperar o semáforo fechar. Parece aborrecido. Vem em minha direção e não consigo ignorar como se move. Acho que estou me apaixonando por ele.

Oh, por favor, Belinda! Vocês mal se conhecem. Em uma semana já escolherá os nomes dos filhos.

Isso é tão a minha cara.

— O que faz aqui? — finjo desinteresse — Não esperava te ver novamente.

Controlo ao máximo minhas expressões, no entanto, não sei se consigo ignorar a festa que o meu coração faz dentro do peito. É ridículo! Ficamos uma vez, só uma e estou toda derretida.

Rael para diante de mim, não diz nada, me puxa pelo pescoço e me beija. Um beijão como o que demos há três dias. É um gesto absolutamente possessivo. Um beijo de reivindicação que demora e se aprofunda sem qualquer pudor ou vergonha. Ele enfia a língua dentro da minha boca e eu a sugo, depois trocamos. Em minha nuca, a mão dele não afrouxa. Estou presa, mas não só pelo nó de seus dedos em meus cabelos. Estou cativa pelo desejo que me mantém atada por dentro.

Quando termina, sinto-me constrangida e sem coragem de olhar ao nosso redor.

O que foi isso?

Meu rosto pega fogo, mas não só ele. Estou há tanto tempo fugindo do que o meu corpo pede, que é difícil controlar os incêndios.

Recupero o ar um pouco desorientada.

— Você não ligou. — digo mais como um lamento.

Não queria parecer tão decepcionada.

— Você me passou o número errado... ou foi no que eu preferi acreditar. Então, decidi aparecer, mesmo correndo o risco de ter sido intencional. — ele inclina a cabeça em minha direção — Foi intencional?

Eu o quê?

— Não passei! — sorrio, aliviada — Claro que não passei. Eu... eu esperei pela sua ligação.

Até para mim, que sou a rainha do drama, esse final ficou dramático demais.

— E eu liguei, o dono do número que você anotou no meu celular não foi muito amistoso. — sua mão ainda está encaixada na raiz do meu cabelo e o polegar acaricia o meu queixo — Fui ao hospital mais cedo. Depois de andar um pouco por lá, percebi que estava parecendo um perseguidor.

— Foi aí que decidiu fazer o serviço completo é vigiar a minha casa? — ergo o indicador — Soa bem perseguidor para mim.

Ele inclina a cabeça e ergue os ombros, ainda sem me soltar.

— O café da esquina caiu no meu gosto pessoal. — ele se justifica.

— Sério?

— Claro que não, é só café. — ele me beija — Vim atrás de uma mulher controversa e instigante que me mandou embora depois de atíçar e me beijar como uma tigresa.

Tigresa? Gosto disso.

— Desculpe por aquele dia. Acho que me assustei com minhas próprias ações.

— Percebi.

No outro dia, enquanto nos beijávamos, me deixei levar tão loucamente que apenas me entreguei ao momento sem pensar. Rael dominava o meu corpo, devorava a minha boca e eu a dele como se estivéssemos prontos para rasgar as nossas roupas.

Provavelmente isso teria acontecido.

O que ele me fez sentir... Eu não estou pronta para lidar com tudo aquilo. Não ainda.

Quando ele começou a tatear pelo meu corpo daquela forma faminta, vi o fim da linha e não teria mais volta daquele momento em diante. Meu corpo já não me obedecia, entre as minhas pernas havia uma fornalha latejando.

Eu o afastei, mesmo contra o meu desejo, e pedi que ele fosse embora. Tive certeza que era a primeira e última vez, afinal, eu havia incentivado tudo e dado a ele todas as esperanças. Mas, não foi assim.

Ao perceber a minha incerteza, ele disse que entendia e que estava tudo bem. Brincou com o volume em suas calças e pediu um momento para se recompor antes de sair. Foi a sua maneira de tornar o clima mais leve e funcionou. Eu ri, nós rimos juntos da situação delicada.

Metade de mim duvidava que ele fosse ligar, mas a outra metade estava de dedos cruzados para que sim.

— Quer subir? — pergunto sem jeito.

Pelo calor em meu rosto, devo estar vermelha como um tomate.

— Quero. — ele aceita prontamente.

Já que eu não sou lá muito eficiente com as panelas, Rael se oferece para cozinhar. Eu não esperava que um homem como ele gostasse ou soubesse preparar um almoço descente, mas me surpreendi.

Olhando superficialmente, Rael é um cara grande com traços marcantes e feições severas. Se não tivéssemos conversado antes, diria que é antipático. Sua postura rígida o faz parecer ainda menos amigável. É como se ele estivesse trabalhando 24h.

Ele é surpreendente.

Ajudando-o com tudo o que precise de duas mãos, cortando e picando o que me pede, mas na hora de fazer a comida ele se vira sozinho. Sento-me no chão da cozinha e admiro a sua desenvoltura. É bonito ver outras pessoas cozinhando, principalmente quando parecem fazer isso com tanto prazer. Ele faz com uma mão o que eu não faço com as duas.

Eu já teria cortado os dedos, queimado o arroz e colocado fogo na casa.

— Por que me olha assim?

Dou de ombros.

— O fato de ter um homem de quase dois metros usando o meu avental de cerejas e estreando panelas que nem sei por que comprei, me parece divertido.

— Divertido?

— Para não dizer sexy.

— Sexy alimentaria o meu ego.

— Bom... Eu não queria ser tão direta, mas talvez a palavra seja sexy. Sim, definitivamente é sexy. — pisco para ele.

Ele pisca para mim e volta ao que estava fazendo.

A minha geladeira não tinha muita coisa, mas ele conseguiu, não sei como, preparar um almoço delicioso para nós dois.

— É a primeira vez que uso essa mesa para comer. — comento

— Fico feliz de ser o primeiro.

Engasgo assim que ouço suas palavras. Rael não entende e se levanta para me ajudar, o que é ainda mais embaraçoso. Ele dá dois tapinhas nas minhas costas e assopra o meu rosto. Quanto mais me acode, mais me engasgo.

Patético. O tipo de coisa que só acontece comigo.

— Está tudo bem? — pergunta, preocupado.

— Está. Eu só comi rápido demais. Sua comida é uma delícia.

— Tem certeza que está bem? — ele me encara por alguns segundos — Está vermelha.

— Foi só um susto. Sou muito branca, fico vermelha por qualquer bobagem.

O tempo é mesmo relativo. As horas passam sem que a gente perceba o dia terminar. Só me dou conta quando preciso acender as luzes do apartamento porque não há mais sol. Passamos o dia inteiro juntos.

Eu deveria ter comprado um sofá maior.

Ou eu poderia convidá-lo para a minha cama.

Nossa senhora das virgens medrosas e indecisas, não estou pronta.

Entre conversas, beijos e muita pegação, Rael me puxa para o seu colo. Embaixo de mim seu pênis ereto faz pressão onde mais preciso, aumentando à máxima potência a minha necessidade. Não saio, mas também não me movo.

Rael aperta e massageia as minhas coxas, esfregando as mãos de cima para baixo. O material da calça de ginástica é tão fino que me preocupo com o que possa acontecer. Excitada como estou, não duvido que a umidade logo comece a aparecer.

— Acho que há uns anos não passava tanto tempo me agarrando com uma mulher.

Estou ofegante.

— Parece que você está gostando. — olho para o seu pênis e depois para o seu rosto.

— Acha? — ele envolve minha cintura com o braço, imobilizando o meu corpo e esfrega seu pênis em mim — Deveria ter certeza.

O movimento me faz fechar os olhos instintivamente e um gemido me escapa. Aperto seus ombros com os dedos e volto a beijá-lo.

A excitação é tanta que ele esquece do seu ferimento e só com um braço manobra o meu corpo até que estejamos deitados no tapete. Não interrompemos o beijo para nada. Rael se apoia no braço direito, devora a minha boca e esfrega seu pênis entre as minhas pernas. Estou alucinada.

Quero gemer alto. Quero que ele entre em mim.

Estou perdida em prazer quando ele enfia a mão dentro da minha calça e começa a brincar com o meu clitóris. É mágico. Não consigo impedi-lo... não quero.

— Está molhada. — ronrona em meu ouvido — Quero tudo isso na minha língua.

Ele quer me chupar...

Permaneço imóvel enquanto Rael escorrega distribuindo beijos pelo meu corpo até o meu ventre. Ele enfia o nariz lá embaixo e puxa o ar com força.

Sinto-me poderosa, dona do seu desejo.

— Que cheiro gostoso. Você é muito gostosa, Belinda. Estou latejando aqui.

Minha calça é arrancada.

Estou nua.

— Que boceta linda! — seus dedos acariciam minha pele — Preciso me controlar, Belinda. Quero que isso dure muito. Do jeito que me deixou, não vou longe.

Vai acontecer... É agora.

De repente, um pensamento me assola.

“Homens bons ainda são homens, minha filha. Ele precisa de tempo para amar, caso contrário, será apenas sexo. Seu pai é um homem admirável, mas até mesmo ele foi capaz de quebrar o meu coração depois de ter o que tanto queria.”

As palavras de minha mãe, tão dolorosas, surgem em minha mente como se ela estivesse sussurrando-as para mim. Congelo imediatamente.

— Rael... — digo angustiada, mas ele não escuta.

O prazer que eu sentia enquanto ele me beijava se transforma em repulsa. Só quero que pare.

— Rael! — falo mais alto — Pare. Por favor, pare!.

Provavelmente o pânico em minha voz tenha o alertado de que algo estava errado. Ele para onde está e me encara. Estuda o meu rosto, sem compreender onde errou.

— O que eu fiz? — pergunta com voz calma.

Balanço a cabeça, negando.

— Estou indo rápido demais? — concordo, mas não consigo falar — Tudo bem. Está tudo bem, não precisamos continuar.

A minha reação o assustou. Com movimentos lentos e sem desviar os olhos dos meus, Rael puxa a manta que decora o sofá e cobre o meu corpo. Não estar exposta, me acalma. Que vergonha. Ele se deita ao meu lado e segura a minha mão com firmeza, em nenhum momento questiona. Ficamos os dois olhando para o teto sem dizer uma palavra.

A próxima base

Rael

Eu tive certeza quando vi os olhos dela. Belinda nunca esteve com um homem. É virgem.

Em um primeiro momento, fiquei espantado. Tenho trinta e quatro anos, me relaciono com mulheres experientes... profissionais do sexo. Ser o primeiro homem de alguém jamais foi uma meta na minha vida. Pode ser fetiche de muitos, mas nunca foi o meu.

Existem responsabilidades que dispenso.

Era assim que eu pensava até ontem. Neste momento só consigo me enxergar como o único homem de Belinda, beijar a boca dela e desfrutar do seu sabor. Não resta em mim qualquer fagulha do que fui ontem... ao menos quanto a isso.

Quero ser o dono do prazer que ela sentir, fonte do desejo que a incendiar. Eu e não outro.

— Dizem que faço as melhores empadas de brigadeiro do planeta.

Pode parecer tosco, mas minha estratégia funciona e ela gargalha com o rosto colado em meu peito. Ainda estamos no chão. Inclinando a cabeça para o lado, Belinda me encara.

— Quem diz isso?

— Ninguém. Mas, eu sei que são as melhores.

— Não sei se tenho o que precisa em casa, mas fiquei com água na boca.

Sento-me, olho a hora no relógio do micro-ondas.

— Quer fazer um passeio no mercado?

— Quero.

Nossos momentos juntos são diferentes de tudo que já vivi. É divertido, leve, qualquer tempo que seja parece pouco. Seja um passeio no mercado ou a volta pelas calçadas cheias de gente. Os minutos não são os mesmos.

Tanto na ida quanto na volta, caminhamos de mãos dadas. Nunca quis tanto estar com os dois braços saudáveis. Gostaria de pegá-la no colo, erguer o seu corpo e beijá-la no ar.

Minha cabeça sabe que é um mergulho no escuro. Nosso envolvimento rápido demais, tudo demais. O lado racional do meu cérebro já acionou todos os alertas, mas é inútil.

No fundo desse poço pode ter uma rocha, mas até que eu bata vou acreditar que é água limpa.

Ela brinca com o que há de mais forte em mim sem esforço algum. Um olhar, um sorriso travesso e caio com os quatro pneus arriados.

Ela fez o brigadeiro e eu preparei as empadinhas. Sem demora estava pronto, o cheiro tomando conta do pequeno apartamento. Cozinhando com uma só mão, sujei toda a minha camisa, por isso vou me lavar e ela coloca a minha roupa na máquina.

Saio do banheiro, me junto a Belinda no sofá. Na televisão um episódio de Friends dublado.

— Hum! Isso é a melhor coisa que eu já comi. — diz ela após a quarta empadinha.

— Eu sabia.

— Convencido.

— Consciente. — corrijo-a.

A vontade, Belinda está usando um short de tecido folgado e regata. Não há nada por baixo da blusa, apenas a pele... os seios macios gritando por mim.

Será que ela faz essas coisas de propósito? Não é possível que não perceba que me desconcerta, desestabiliza o meu controle.

Em uma hora é um mar de inocência, na outra um poço de pecado testando os meus limites.

— Hum... — engole o que mastigava — Como ficou o seu braço?

— Ainda sinto um pouco de dor. Nada muito exagerado. Tenho dois meses para me recuperar ou enlouquecer com o tédio.

— Você mora sozinho? Tem família por perto?

Nego com a cabeça. Puxo seus pés para o meu colo.

— Meu pai já é falecido e minha mãe não mora aqui. Costumo falar com ela por telefone, mas não há vejo faz tempo.

— São só vocês dois?

Por um momento, me calo, pensando nos motivos que a levam a querer saber sobre a minha família. Não estou acostumado com alguém me enchendo de perguntas.

— Não. Eu tenho irmãos, mas não temos praticamente nenhum contato. Na verdade, levei alguns anos para conhecê-los pessoalmente.

Belinda se surpreende com o que eu digo. Ela claramente foi criada em uma família muito unida e presente.

— Como assim?

— Meus pais vieram para São Paulo e deixaram meus irmãos com a minha avó. Eu nasci aqui... meu pai morreu e minha mãe voltou.

— Imagino que esteja resumindo bastante.

Com certeza.

— Trocando em miúdos, foi isso que aconteceu.

— Você não gosta de falar sobre, né?

Balanço a cabeça, negando.

O assunto fica para trás.

Enquanto assistimos tv, acaricio as pernas de Belinda, escorregando minha mão do joelho até a virilha onde começa o short que está despojadamente fora do lugar.

Os pés de Belinda estão bem acomodados em meu colo, quase encostados em meu pau, que já dá sinais de vida. Provavelmente ele nunca se viu tão bipolar. Nos momentos de

agarrção ele fica duro feito pedra, de repente a coisa fica tão pesada a ponto de estourar.

É exatamente nesse momento que Belinda recolhe os brinquedos e acaba com a brincadeira.

Fica duro, fica mole. Fica duro, fica mole.

Ela vai tirar a minha sanidade.

Belinda finge assistir o programa, mas a verdade é que ela está apreciando o meu carinho e esperando pelo que está por vir. Meus dedos submergem no tecido beirando o elástico da calcinha.

Posso ouvir a sua respiração.

Estou endurecendo muito rápido. Remexo no assento e Belinda move discretamente a perna. Ela quer se abrir para mim, me mostrar o que tem e me instigar mais. Como se isso fosse preciso.

— Essa brincadeira está acabando comigo, Belinda.

— Eu sei, acredite.

Inclino-me para frente e beijo sua coxa. Sinto o cheiro da sua excitação.

— É algum tipo de promessa? — o arrependimento é imediato
— Quero dizer... Eu sinto que você quer isso tanto quanto eu, mas...

— Eu tenho medo.

Medo?

Ela espia sob os cílios. Seu semblante em nada lembra a pessoa que conheci.

Ela é angelical, porém, seu olhar é apimentado e sagaz do tipo que desconhece limites. Os cabelos loiros, agora soltos e molhados, iluminam o rosto e só chamam mais atenção... Não consigo ignorar, meu Deus. Ela não me encara diretamente, seu foco está na minha mão e vez ou outra sobe para encontrar o meu rosto.

Uma hipótese passa pela minha mente, despertando uma fúria assassina.

— Alguém te forçou...?

— Não! — responde alarmada. — Ninguém jamais me forçou a qualquer coisa, Rael.

Isso é bom.

— Então o seu medo é de mim? — ela nega com a cabeça e sorri com carinho — Não entendo, Belinda.

— Às vezes nem eu entendo, sabia? — seu olhar encontra o meu — Acho que minha prudência é seletiva. Tenho medo de avião, mas já pulei de bungee jumping. Não posso ver vômito ou cocô, mas tudo bem se for sangue ou um corpo aberto em cirurgia. — ela sorri — Quero transar com você, Rael. Caramba! Tem ideia de como me faz sentir?

— Garanto que estou bem pior.

Descaradamente, seguro meu pênis por cima da calça. Está duro e grosso, enche a minha mão. Aperto, empurro para baixo e arrumo tudo dentro da roupa. Os olhos dela acompanham cada movimento atentamente. Quando termino, ela coloca os pés sobre o volume, fingindo não ser proposital. É maliciosa, quente e delicada ao mesmo tempo.

Como posso prestar atenção nessa conversa enquanto ela massageia o meu pau com os dedos dos pés?

— Quero mesmo transar com você. — diz, ficando mais vermelha — É a primeira vez que sinto a necessidade de ir até o fim... Só preciso de mais tempo.

Puxo-a para o meu colo.

— Você tem todo o tempo que precisar. Não temos pressa. — mordo seus lábios, enfio a língua na sua boca e a beijo. Devoramos um ao outro. — Mas acho que podemos nos divertir bastante no processo.

Aperto nossos corpos. É tão gostoso.

Caralho como é bom!

— Podemos.

Exijo de sua boca, primeiro sem pressa e depois beirando a violência. Belinda vem comigo, acompanhando o desejo e se entregando tanto ou mais do que eu. Tiro o braço machucado do caminho para que nossos corpos se unam mais e assim posso sentir seus mamilos duros esfregando em meu peito.

Ela se afasta, interrompe o beijo buscando por ar.

— Você beija tão bem, Rael...

— Estou te comendo com a boca. É uma prévia.

— Nossa...

— Vem aqui. — puxo-a novamente pelo pescoço e retomo de onde paramos.

Nossas línguas se acariciam dentro da boca, lábio contra lábio. Uma guerra sedenta.

Sem interromper, escorrego pelo sofá até estar deitado com ela sentada sobre o meu quadril. Suas pernas têm a abertura perfeita e meu pau está encaixado exatamente onde deveria.

Roupas malditas.

Com uma mão guio seus movimentos para trás e para frente, nos masturbando... encenando, mas sem penetração.

— Ah...

Belinda dita sua velocidade, se esfregando e rebolando em meu pau enquanto nos beijamos. Uma delícia. Mordo seu ombro para controlar a vontade de arrancar a sua roupa. Não por falta de tentativa, porque tentei, mas ela não permitiu.

Minhas bolas latejam.

Nossos gemidos e respiração ultrapassam o volume da televisão.

— Estou sentindo... — ela sussurra, confessando baixinho — É isso.

Seguro novamente o seu quadril e roço contra ela. Seus olhos fechados e boca a aberta. Vejo quando se entrega e chega ao

orgasmo.

É incrível. Excitante e contagiante.

Empurro um pouco mais, quase transpondo a roupa, até esporrar dentro da calça, gemendo até terminar.

— Caralho!

Não acredito nisso.

Quando abro os olhos e encaro Belinda, ela está vermelha e ofegante. O sorriso aberto em seu rosto é tão verdadeiro que atropela a vergonha.

— Você nunca teve um orgasmo antes? — parece surreal para mim.

Ela balança a cabeça, negando.

— Nem mesmo em voo solo?

— Não assim. Depois do que aconteceu agora, acho que eu nunca cheguei nem perto de ter um orgasmo.

Estico a mão e belisco seus mamilos por cima da blusa. Eles quase perfuram o pano, toda a sua pele está ouriçada.

— Não será o último. — é uma promessa.

— Espero que não seja mesmo. — morde o lábio — Adorei o que fizemos.

Uma ideia surge.

— Toma um banho comigo? — minha mão não para de afagar seu seio.

— Ah, não. Eu não sei...

— É só um banho. — olho para baixo — Por mais que eu queira, preciso de alguns minutos para ficar duro novamente.

Ela reflete. Está a fim, mas ainda não tem certeza sobre isso.

— Tudo bem. — não quero insistir — Vou usar o seu banheiro e depois você vai. Estou todo melado.

Sento-me. Belinda me dá espaço e se acomoda ao meu lado. Seu semblante deixa claro que ainda está ponderando a minha proposta.

— Vou colocar a sua roupa na máquina e em uma hora estará limpa e seca.

— Ótimo! Agradeço.

Vou até o seu banheiro, me dispo e deixo a roupa sobre a privada. Belinda aparece, pega as roupas sem olhar para mim e sai.

Acabamos de “transar” e ela não quer me ver nu? Oh, por favor!

Paro debaixo do chuveiro para a água cair sobre mim. Nada como um banho para reequilibrar as coisas. Há muito para digerir.

O que estou sentindo por Belinda é a coisa mais louca que já senti. Primeiro nos vimos naquele roubo, a resgatei e pouco mais de uma semana depois estamos nos agarrando na sala. De alguma maneira eu já sabia que ela seria uma peça no meu quebra-cabeças.

Só não imaginei que seria tão feroz.

— Posso?

Olho para trás e a vejo parada na entrada do box. Está nua. É a primeira vez que a vejo assim.

Pequena, pele branca, mamilos claros e pequenos. É loira em todos os lugares. Seus seios são naturais, gordos e pesados. Gosto da maciez ao meu toque.

— Claro que sim.

Mantenho o meu braço esquerdo fora da água para não molhar o gesso. Não é uma tarefa fácil.

Belinda fica sob a água, derrama sabonete em uma esponja e começa a lavar o corpo. Parece uma miragem. Eu poderia só assistir, mas quero participar. Tomo a esponja da sua mão e ensaboo seu colo, seios e barriga. A espuma branca se desfaz na água. Desço até o meio das suas pernas e limpo sua boceta sem

desviar o olhar, sem piscar. Admirando seu rosto corar e seus lábios se abrirem em satisfação.

— Rael.

— Só me pare se não gostar, tá?

— Uhum. — concorda quase miando a resposta.

Enxaguo-a. Fecho o chuveiro e fico de joelhos.

Que boceta vermelha!

Está inchada de tanto se esfregar em mim. Que tesão da porra outra vez.

— Feche os olhos e abra as pernas, Belinda. Assim mesmo.

Abro seus grandes lábios com os dedos expondo o grelo. Beijo lá, bem lentamente. Quero que ela se acostume ao meu toque.

Porra! É... vai ser difícil me controlar.

Já posso vê-la se abrindo para receber o meu pau, sua carne esticando e resistindo a mim até não poder mais. Que tesão!

Com a ponta da língua brinco com o broto desenhando círculos, empurrando e lambendo. Não olho para cima, mas ouço os gemidos vindo de lá.

Deixo-me provar da fonte.

Abocanho tudo de uma vez e enfio a língua até onde alcanço, trazendo o mel para a minha boca. Delicioso. Tempero de mulher; uma mulher que ainda não descobriu o poder do seu corpo.

— Brinque com os seus peitos, Belinda.

Volto para o broto. É ali a fonte do prazer. Para cima e para baixo lambo, chupo e volto a lambar. Estou estudando o seu corpo e descobrindo que mais a agrada.

— Ah! — ela geme e empurra o quadril contra o meu rosto.

Bom sinal.

Ela enrijece e relaxa uma, duas, muitas vezes. Está ensaiando um orgasmo, encontrando o seu prazer. Chupo mais forte, minha

língua vai mais fundo e as lambidas ficam mais velozes.

Ela gosta forte.

Rebola contra a minha boca e geme, geme alto.

— Rael!

Está quase.

— Goze... deixe acontecer. Estou sedento para beber de você enquanto jorra.

Com o polegar, masturbo o seu clitóris. Minha língua fode sua boceta sentindo as contrações cada vez mais rápidas até que um grito longo explode da sua garganta e toma o banheiro.

Belinda goza segurando minha cabeça. Ofegante. Eu lambo cada gota até que esteja limpa e exausta.

— Você é linda!

Eu tenho namorado

Belinda

O relógio da mesinha de cabeceira marca 2h35min. Eu já deveria estar dormindo.

— Aposto que está pensando sobre o que fizemos e por isso não consegue dormir. Não precisa se martirizar, Belinda. Somos adultos, solteiros, nada nos impede de curtir a companhia um do outro. As pessoas não irão lhe apontar o dedo na rua.

Viro-me e soco os travesseiros. A cama está desconfortável, sinto-me deslocada no meio do colchão. Eu estava perfeitamente relaxada até Rael ir embora, mas quando me apanhei sozinha, tudo mudou.

— Se quiser eu volto. — oferece.

Sim, eu quero. Por favor, vem dormir comigo.

— Não precisa. Estou bem. — minto muito mal.

— Tão bem que me ligou às 2h da manhã para não dizer nada. Ele tem razão.

— Foi um acidente. — outra mentira. — Estava salvando o seu número no meu celular e acabei discando sem querer. Desculpa ter te acordado.

— Não me acordou, Belinda. Como está se sentindo?

Estranha. Vazia, oca e sozinha. É assim que me sinto desde que ele foi embora. Não tive coragem de pedir que ficasse, pareceu pedante demais.

Passamos o dia inteiro juntos pela segunda vez, ele cozinhou, fomos na rua, nos pegamos... ele me...

Deus, o que foi aquilo? Só de lembrar, fico quente.

— Vai me responder? — insiste. Sua voz é baixa e sonolenta.

— Ah... Estou bem sim. Só não consigo dormir, mas deve ser a adrenalina que está alta.

Vou até a janela. Lá embaixo a cidade iluminada e pouco movimento. Não chove, mas não vejo estrelas. O céu daqui não é como o de BH.

— Pensei em me convidar para ficar. Só para dormir e te fazer companhia. Mas, quando você começou a falar que estava cansada e que precisava de uma boa noite de sono, entendi o recado.

Que recado?

— Eu não estava te mandando embora.

— Gostaria que eu tivesse ficado?

Caminho pelo apartamento escuro.

— Gostaria. — confesso baixinho.

— Bom, vou ficar os próximos dois meses em casa. Ordens médicas. Não estou acostumado a não ter uma ocupação. Quer ser minha companhia?

— Quer se mudar para cá? — pergunto, espantada.

Rael ri alto do outro lado da linha.

— Não, Belinda. Estou te propondo passar um tempo juntos. Eu te chamaria para correr no parque, depois eu faria um almoço para nós dois. Quem sabe um cinema de tarde?

Meleca! Como sou idiota. Óbvio que ele não estava se oferecendo para morar aqui. Que pergunta foi essa.

— É... Eu... — procuro as palavras.

— A corrida no parque vou ficar te devendo até meu braço melhorar. Mas, se você me ajudar podemos preparar o almoço e ir ao cinema.

Puxo mentalmente a minha agenda da semana.

— Amanhã estarei no hospital o dia inteiro. — infelizmente — Mas na quarta estarei de folga.

É normal ficar ansiosa assim? meu coração quase sai pela boca.

— Quarta então.

— Que horas você vem? — espero não ter soado afoita.

— Vou para a sua casa pela manhã e decidimos.

— Ótimo! Vou contar os minutos para isso.

Contar os minutos?

Preciso me controlar nas respostas. Parece que estou afobada e desesperada. Não estou.

Talvez...

Terça-feira chego ao hospital antes do horário.

Meu organismo parece convencido de que se fizermos tudo rápido e com antecedência, o dia logo terminará e a quarta chegará mais rápido

Patético.

Por seis horas fico imóvel e concentrada em cada movimento do doutor Morsoni. Ele é um dos anestesiólogos de plantão e um excelente professor. Impressiono-me com a sua capacidade de explicar cada detalhe.

Foram as únicas horas do meu dia que não pensei em Rael.

Na hora do almoço, como um sanduiche em um dos bancos do pátio. Aqui não é como o MAH, onde tudo é feito para o conforto de médicos e pacientes. É preciso determinação para não se deixar contaminar pelo descaso das autoridades com a saúde pública.

Um hospital escola tão antigo, casa de formação de tantos profissionais deveria ter infraestrutura de ponta, e não o que vejo aqui. Há duas semanas o refeitório foi fechado por vazamentos e as obras de reparo nem sequer foram orçadas.

Meu celular vibra. É uma mensagem de Milena.

“Como estão as coisas, prima?”

“Ótimas. Esperando a sua visita.”

“Acho que vai demorar. Estou de partida para o Canadá em dez dias.”

Canadá?

“Para ficar?”

“A princípio, não. Planejo 3 meses, mas isso pode mudar. Vou deixar a vida me levar.”

“O que meus tios pensam sobre isso?”

Milena é uma mulher adulta e não é o tipo de pessoa que se importa com a opinião dos outros, mas é sempre bom perguntar.

“Estão felizes por mim. Com as crianças de Luca e Trícia eles encontraram muito com o que se ocupar.”

“Acho que meu irmão precisa providenciar um neto logo então.”

“Ou você.”

Eu? Sem a menor chance de isso acontecer.

“Só passei para te dizer que te amo.”

Essa é Milena. Minha prima é um exemplo de autossuficiência e segurança. Sempre admirei a maneira como vive a vida. Mas, independentemente do seu jeito desprendido e boêmio, ela é amorosa e faz questão de se fazer presente.

“Eu também te amo, prima.”

É hora de ir para casa. Silva e Carlos Magno saem logo atrás de mim, comentando o parto de quíntuplos que aconteceu mais cedo e rendeu em muitas rodas de conversa.

Eu sinceramente não sei o que leva Silva a tentar manter qualquer relação com Carlos Magno. Eles são completamente diferentes, personalidades opostas.

— As tetas daquela mulher vão cair tanto que o pau do marido não sobe nunca mais para ela. — ele gargalha sozinho — Nem no escuro. Nem a cachorra da minha mãe teve tantos filhotes de uma vez.

Silva dá um tapa no ombro dele.

— Você só fala merda, Carlos.

— Estou mentindo? — ele ainda insiste.

Que nojo de macho escroto.

— Não vou comentar. Sério, você precisa ser menos escrachado, cara. Tem certeza que ouviu o que disse? — com a sua voz pacata, Silva tenta.

Nem se fosse Madre Tereza conseguiria melhorar esse sujeito. Como pode ser assim?

Continuo andando. Quando saímos pelo portão principal, Silva corre para me alcançar e Carlos Magno desaparece. Desde a nossa discussão outro dia, não voltamos a nos falar. Ele me evita e eu o ignoro.

— Ei! Belinda, espere.

Dou meia volta.

— Você tem programa para amanhã? — ele está mais contido que o de costume — Pensei em te chamar para tomar um café ou dar uma volta.

Ele está me chamando para sair?

Pelo seu olhar cheio de expectativas, está. Silva é um amor de pessoa, me trata superbem, mas não quero que ele ache que há chances de algo romântico entre nós.

— É... Eu vou passar o dia com o meu namorado amanhã.

Isso mesmo Belinda, minta. Parabéns... Ideia lixo.

Ele está parado bem na minha frente, com aquela expressão de “como assim?”.

— Namorado? — pergunta.

— Sim. — engasgo tendo que elaborar a mentira — Eu nunca comentei porque aqui é o meu ambiente de trabalho e não queria me abrir de mais.

— Acho que você esconde bastante coisa. — murmura, magoado.

Nem de longe essa era a minha intenção. Silva é um bom amigo. Mas, se ele acredita que podemos ter algo além de amizade,

precisa mudar de ideia.

— Silva, eu nunca te dei esperança de nada. — justifico-me — Se dei, me desculpe. Somos amigos e quero preservar a sua amizade, mas é só isso.

As minhas palavras sinceras o atingem e ele se recompõe.

— Eu que peço desculpas, Belinda. — Silva ergue as mãos, respira profundamente — Não quis ser grosseiro. Desculpa mesmo.

— Tudo bem. — falo sinceramente — Vamos apenas seguir como sempre foi.

Os olhos de Silva vão para um ponto mais alto atrás de mim. Ele parece... assustado com o que vê.

Antes que eu possa me virar, um braço envolve a minha cintura. Reconheço o perfume, o toque e a parede de músculos colada as minhas costas. A expressão de Silva é indescritível no primeiro momento, ele parece intimidado e contrariado. Rael é um homem de presença, que chama atenção onde quer que esteja. Talvez pela altura acima da média e pela beleza sisuda.

— Estou atrasado? — ele me beija e em seguida olha para Silva — Opa! Não me apresentei, cara. Falha minha. Sou Rael, o namorado da Belinda.

Entre amigos

Belinda

Eu não o vi chegar, nem mesmo de que direção veio. Foi como uma assombração surgindo num estalar de dedos ao meu lado.

Oh. Meu. Deus!

Nem nos meus devaneios imaginei essa cena. E olha que hoje viajei na batatinha imaginando até onde chegaríamos no nosso próximo encontro, tentando convencer a mim mesmo que ele está tão apaixonado quanto eu.

Eu falei apaixonado?

— Sou Silva, o colega de residência dela. — diz meu amigo, com a mão esticada.

Rael mostra o gesso.

— Só não vou poder te cumprimentar, mas foi bom te conhecer. Ainda não tinha ouvido o seu nome.

Não sou a única a mentir por aqui. Eu falei sobre o Silva para ele. Falei sobre quase tudo da minha vida.

— Tudo bem. Melhoras na mão e foi um prazer. Vou andando.
— Silva faz um joinha — Boa folga, Belinda.

— Boa folga. — respondo.

Espero que o meu amigo esteja longe para tomar coragem de me virar para Rael.

Não sei o que ele está fazendo aqui ou a razão de ter dito que somos namorados. Será que ele ouviu o que eu disse? Não é possível, eu teria percebido a sua presença.

— O que faz aqui? — apoio minha mão em seu peito e fico na ponta dos pés para beijá-lo.

Ele ergue as sobrancelhas. Está me estudando.

— Prometi a um casal de amigos que iria à festa de 12 anos dos gêmeos deles. É só um churrasco na casa deles, mas quis te

chamar para me acompanhar.

Uau! Convite para conhecer amigos no terceiro encontro? Se isso não é demonstração de interesse, não sei o que é.

— Eu vou adorar.

Rael franze a testa e segura o meu rosto pelo queixo. Seus olhos avaliam os meus.

— Esse cara... Tem alguma coisa rolando?

Ciúmes?!

— O Silva? — me faço de desentendida — Não! Claro que não. Somos só amigos.

— Antes de mim rolou alguma coisa com ele? — a ruga de preocupação está ali, discreta em sua têmpora.

— Não. Mas seria um problema se tivesse rolado?

— Não para você.

Espero que ele se explique, mas isso não acontece.

— Eu deveria entender?

— Não há nada para entender, doutora. Como foi o seu dia?

Apoio as mãos em seu peito, feliz e sorridente por vê-lo tão cedo e conto sobre o meu dia. É gostoso sentir o seu interesse por mim e pelas coisas que são importantes para mim. Ele me admira enquanto falo, presta atenção e isso me faz feliz de verdade.

— Temos tempo de passar no meu apartamento?

Ele concorda e me beija. Pessoas passam a nossa volta, mas não nos importamos. Eu estava com tanta vontade de beijá-lo, de ser beijada por ele, que pouco me importo com os outros.

Passamos em meu apartamento para eu poder tomar um banho e trocar de roupa. Ninguém merece chegar em uma festa de criança com cheiro de hospital e rosto pálido.

Enquanto me apronto, Rael espera na sala saltando de canal em canal. Ele está inquieto. Claro que está. Eu aqui, nua dentro do

banheiro e ele há poucos metros de distância com toda aquela energia acumulada.

Se pela minha cabeça estão passando cenas quentes, nem quero imaginar o que passa pela dele.

Não demoro muito. Já estamos atrasados e ainda precisamos enfrentar o trânsito. Rael disse que comprou um jogo de videogame para os meninos.

— Eu poderia dirigir o seu carro. — digo enquanto calço as minhas sandálias.

— Já dirigiu um fusca?

Arregalo os olhos para ele. Eu nem tinha certeza se ele tinha um carro. Definitivamente não imaginei que fosse um fusca. E não é pelo carro, mas porque eu nunca nem entrei em um.

Como ele cabe num carro tão pequeno?

— Imaginei. — diz ele ao rir da minha reação.

Coloco as mãos na cintura e visto a minha melhor armadura para desafios.

— Eu posso dirigir qualquer coisa que exija carteira B. Incluindo um fusca, meu bem.

É evidente que ele discorda.

— Mesmo se for manual?

— Claro! — grito e sorrio. Ele me abraça e continua zombando de mim.

— De jeito nenhum. Eu amo o meu carro. Estamos juntos há quinze anos e nunca deixei ninguém o dirigir. É uma preciosidade. Comprei de um coronel já falecido que colecionava fuscas. O homem era uma lenda e tinha mais de trinta carros, todos muito bem conservados. Foi o meu primeiro e único carro.

— Nenhum amigo seu nunca pediu emprestado?

— Até pediu, mas eu neguei. — responde sem um pinga de remorso.

— Alguma namorada?

Estreito os olhos para ele.

— Muito menos. — ele me puxa para o seu colo e beija o meu pescoço — Até porque eu nunca tive uma.

— Nunca? Nunca, nunca?

— Não.

— Rael, — o advirto — Você está meio velho para dizer isso.

O beijo vira mordida e ainda ganho um tapa no bumbum.

— Então sou velho, é?

— Para dizer que nunca teve namorada, sim. — olho para ele séria — Pode falar, eu aguento.

Minha última frase cai como uma piada e ele gargalha alto.

— Você aguenta, doutora? — me beija — Aguentaria se eu dissesse que já fui casado e que vejo minha ex todos os dias, empresto o carro para ela, troco lâmpadas queimadas e... ela lava as minhas cuecas?

Meu coração para dentro do peito. Congelo na hora, sem reação ao ouvir o que ele acaba de dizer. Ele contou que já foi casado? Como assim ela lava as cuecas dele?

Eu rio. Rio de nervoso enquanto meu cérebro processa as novas informações.

— Rael... — respiro fundo.

A boca quente dele encosta em minha orelha. Sinto o calor, mas não tenho reação... até que ele sussurra:

— É tudo mentira, sua boba. — ele beija o meu pescoço e sorri — Não existe nenhuma ex. Nem ex namorada e nem ex mulher.

Encaro-o com fúria.

— Eu deveria arrancar os seus olhos por isso, tenente.

— Por que não começa arrancando a minha roupa, doutora?
Safado.

— Porque estamos atrasados. — beijo-o e me levanto para buscar a minha bolsa.

Pedimos um motorista por aplicativo. Rael não consegue dirigir com apenas um dos braços. A verdade é que ele consegue, mas não aceita fazer isso por ser errado. A maioria das pessoas daria um “jeitinho”, no entanto, isso não combina com ele.

— Seus amigos sabem que eu vou?

— Estão ansiosos para te conhecer. Vocês vão se dar bem.

— Eles também são policiais?

Vejo que o motorista espia pelo retrovisor.

— São. Os dois são oficiais e se conheceram na polícia. Ele está nos dias de se aposentar.

O carinho ao falar dos amigos não passa despercebido.

Chegamos. A casa é simples e bonita, tem apenas um andar e uma garagem coberta onde acontece o churrasco. Vinte, talvez vinte e cinco pessoas apenas.

De início achei esquisito uma festa de criança não ter criança. Mas quando Rael me mostrou os meninos, entendi. São enormes, não são crianças. O que eles dão para os filhos?

Pela janela da sala vejo seis garotos jogando e uma bandeja com refrigerante e carne cortada. Na garagem os adultos estão conversando em volta de algumas mesas. Parecem amigos de muitos anos.

— Chegou o passarinho de asa quebrada. — alguém fala quando nos vê.

— Eu disse que viria, porra.

Entramos de mãos dadas. Rael caminha comigo até um casal de pé perto da churrasqueira.

— Débora, Diniz. — prendo a respiração — Essa aqui é a Belinda.

A mulher de uns quarenta anos me dá dois beijos no rosto. Ela é linda, sorridente. O homem um pouco mais velho, abraça Rael e aperta a minha mão, cordialmente. É evidente que evita o contato físico comigo, mas nem por isso falta com educação.

— A casa é de vocês, fiquem à vontade.

Depois de cumprimentar a todos, sentamos lado a lado. A mesa não tem cadeiras, mas sim um banco de madeira, como as de fazenda.

Nunca fui tímida, muito pelo contrário, sou falante e faço amizade com facilidade. Em cinco minutos estou rindo e participando da roda de conversa como se sempre pertencesse aquele grupo de pessoas.

São todos policiais. Os que não são, estão acompanhando os que são. Dentre 10 assuntos, 9 são sobre serviço ou algum acontecimento paralelo ao tema. É interessante de ouvir.

— Como vocês se conheceram? — pergunta Bárbara, a namorada de Dias, outro policial. — Nunca imaginei ver o tenente assim... assumido com alguém.

Ainda acho engraçado como alguns chamam Rael somente por Tenente.

Dias a encara severamente e ergue a sobrancelha. Ele está a repreendendo. Por baixo da mesa a mão de Rael aperta minha coxa.

Ele sabe que falar sobre o roubo me deixa muito desconfortável, por isso ficou apreensivo. Imagino que tenha pedido aos amigos que não tocassem no assunto. Aprecio sua preocupação, mas não posso me esconder. Ainda tenho pesadelos e não consigo nem cogito ir a lojas, bancos ou lugares fechados sozinha, mas vai passar. Tem que passar.

— Fiquei presa no banco que foi roubado dias atrás. — finjo tranquilidade — Rael me salvou e acabou levando um tiro. Depois

nos reencontramos no hospital quando ele foi tirar os pontos. Eu sou médica.

Tento falar com o máximo de naturalidade, afinal a maioria deles também estava lá, pelo que entendi. E por mais que as lembranças ainda me incomodem, não quero causar clima com ninguém. A moça só fez uma pergunta.

— Nossa! Como um filme. — ela comenta, sorrindo. — Amei a história.

— Começamos com ação, mas agora estamos no romance. Seria um bom filme mesmo.

O clima desaparece e a noite segue.

A mão de Rael não deixa a minha coxa. Cada vez mais o tecido da minha saia é empurrado para cima e seus dedos chegam mais perto de onde o calor começa a brotar.

Muito calor.

Quero pensar em outra coisa. Preciso me concentrar nas conversas, mas esses dedos longos e pesados não permitem que a minha mente funcione. Só penso nele, nos beijos dele... a boca dele em mim.

— Onde tem um banheiro? — pergunto para Débora.

— O da casa está com um probleminha. — responde sem jeito
— Rael, leva ela no banheiro dos fundos, por favor. Com você o Brutus não fará escândalo.

— Claro. — ele responde.

Passamos pela lateral da casa, um corredor de cimento até o final do terreno. É uma área de serviço. Um cachorro enorme está preso em uma coleira que não parece capaz de contê-lo. Empaco na hora. Tenho pavor de cachorros grandes e esse é dos maiores que já vi.

O animal começa a latir ao notar a invasão, sua voz é grave e aterrorizante. Minha primeira reação é voltar para trás, mas Rael segura firme a minha mão.

— Brutus! — adverte com firmeza — Tranquilo, rapaz. Tranquilo.

Ao reconhecer Rael, o cão se acalma e volta a deitar como se nada tivesse acontecido.

— Ele te respeita.

Rael sorri genuinamente.

— É um velho conhecido. Diniz era parceiro dele quando trabalhou no canil da polícia. É grande, valente, mas sabe obedecer.

— Você trabalhou com cachorros?

Eu não sei quase nada sobre ele. É estranho admitir, mas é verdade. Estamos juntos há poucos dias e tudo tem sido tão intenso que me esqueço que mal nos conhecemos.

— Passei por muitos batalhões nos últimos 16 anos da minha vida.

Faço uma conta rápida. Se ele entrou com 18...

— Tenho 34 anos, Belinda. — ele se adianta.

Fico constrangida. Não quero que ele pense que isso me incomoda, porque nem mesmo havia passado pela minha cabeça até agora.

— Eu não estava pensando nisso.

— Pensou sim, doutora. — me beija — Você não é a única, eu também já pensei sobre isso. Acho que podemos apenas deixar acontecer.

— Uhum. — retribuo o beijo.

Minhas costas batem contra a parede. Rael intensifica o beijo e eu adoro. Sua língua me consome, nossos corpos cada vez mais perto. É um incêndio de desejo queimando o meu juízo. A partir daí, vamos ladeira abaixo, totalmente entregues ao tesão.

Quando terminamos, preciso me recompor para não parecer uma louca depravada diante de pessoas que acabei de conhecer.

Do jeito que fico vermelha fácil, logo perceberiam.

Voltamos para a mesa e continuamos a noite como se não tivéssemos acabado de nos devorar.

Aposto que a mulher ao meu lado não imagina que a minha calcinha está molhada ou que meus seios estão sensíveis de tanto que Rael brincou com eles. O cara do outro lado da mesa nem desconfia que essas belas mãozinhas segurando o copo de refrigerante masturbaram o amigo dele até que perdesse os sentidos.

Ainda estou com tudo aquilo na minha mente.

É enorme. É grosso. É quente e latejante.

Eu já peguei em outros... pintos na vida. Tive namorados, casos e chegamos até essa parte. Pelo amor de Deus, não sou uma santa e muito menos frígida. Eu tenho tesão, só não tenho coragem.

Rael colocou o pau dele para fora enquanto a gente se agarrava. Ele lambia os meus seios e estávamos tão loucos de tesão. Foi aí que ele pegou a minha mão lá... lá embaixo.

Posso dizer que dei uma “mãozinha” para ele, porque a única que ele tem funcionando ficou muito, muito ocupada entre as minhas pernas.

Se alguém me perguntasse agora, neste exato momento, neste segundo, se quero me entregar a ele, eu diria:

Sim, sim, com certeza sim.

Um mês depois

Rael

Abro e fecho a minha mão para testar. O especialista me alertou quanto as dificuldades em um primeiro momento. Preciso de fisioterapia e de tempo para recuperar a força, o tônus muscular e a precisão dos movimentos.

Para o primeiro dia está bom.

Olga olha o que faço e sorri. Ela sabe das minhas preocupações, entende que todo esse tempo longe do trabalho tem me afetado de muitas formas e que o meu lado perfeccionista não admite qualquer escorregão para fora do esperado.

Por mais que a polícia tenha ferrado a minha cabeça em muitos aspectos, ela também me sustenta. Não só no sentido financeiro da palavra. Meu pelotão é a minha missão e preciso dele.

— Vai me contar algo novo sobre a sua Belinda? — ela pergunta, pronunciando o nome de Belinda com aspereza.

Que porra!

Estamos no terraço do prédio. É um lugar quieto, vazio e perfeito quando você quer pensar observando a cidade. Aqui é mais perto do céu.

Estou de samba-canção, sentado no chão de concreto e apoiado na caixa d'água, na mão uma garrafa de cerveja. A exótica cueca dourada foi presente de natal de Olga. Na opinião dela, negão e vestindo dourado, eu pareceria um bombom.

Não sei como ainda dou ouvidos para essa maluca.

Olga está debruçada sobre o parapeito, fumando. É alta madrugada, está quase amanhecendo.

— Não há nada de novo para contar. — sua insistência começa a me incomodar.

— Oh, pare de segredos. — ela me encara, tragando o cigarro, que se ilumina na escuridão — Por que razão você estaria aqui namorando as estrelas com essa garrafa de cerveja.

Ergo o braço.

— Comemorando.

— Não deveria comemorar com ela? Será que a bonequinha de luxo ainda está amarrando o pote de mel? — debocha cheia de sarcasmo.

— Eu não deveria ter contado isso a você, Olga. — digo, irritado — Apenas esqueça.

Ela ergue as mãos em rendição, vira a sua cerveja e ri. Sua roupa é escandalosa e minúscula, descobrindo metade de sua bunda quando se debruça para frente. Ela me olha por cima do ombro cheia de malícia. Conheço seu jogo.

— Porque não vem aqui e me fode como da outra vez. Estou precisando de alguém que me rasgue. Hum?

— Sabe que eu faria. — bebo mais um gole. Ao meu lado, cinco garrafas secas — Mas não depois de Belinda.

— Urhg! — grita e revira os olhos — Ela não te satisfaz e eu estou com tesão, molhada e pedindo para ser fodida, Rael.

— Está enganada se pensa que ela não me satisfaz.

— Ela transa com você?

— Depende. — sorrio com as cenas que voltam a minha mente — Fazemos muito mais do que só transar, Olga.

Irritada, ela joga a garrafa no chão, vira de frente para mim e enfia a mão por baixo da saia de couro preto. Está sem calcinha.

Vai começar a auto depreciação.

— Me fode, Rael. Você é meu amigo e tem que me ajudar quando preciso. Preciso ser comida agora mesmo. Vamos lá! Eu te ajudo e você me ajuda.

Levanto-me, puto com o seu comportamento deprimente. Olga tem fases, tempo de estabilidade e tempos de total descontrole. Foi numa de suas recaídas que transamos, mas eu ainda não sabia dos seus problemas. Hoje a enxergo de outra maneira.

— Olga, chega! — seguro-a pelo braço — Vou te levar para o seu apartamento e você vai dormir. Amanhã acordará melhor. Está sem seus remédios não está?

Ela se agarra em mim e tenta me beijar, mas desvio.

— Eles me deixam chata. — diz chorosa.

— Eles te deixam equilibrada.

A gargalhada longa e alta vem imediatamente.

— Gente equilibrada é chato. Por isso nos damos bem. — joga-a em meu ombro — A Chatolinda também é fora da casinha como nós? Porque se ela for certinha, não irá durar.

— Cale a boca.

Entro no elevador.

— Ela já sabe do que você gosta? — ri feito uma hiena — Já lambeu o cuzinho rosa dela, Rael? Hum... ela tem que saber que o namorado dela gosta de comer cu. Gosta não, adora. Tem mulher que corre.

— Isso não é assunto seu. — rosno.

— Mas ela tem que saber. Quem avisa, amigo é. Se ela não der o cu, eu dou. — ela gargalha — Aí você vem aqui para comer meu cuzinho sempre que ela disser que dói.

— Chega!

Mas ela não sabe a hora de parar.

— Eu gosto de dor, você sabe. Oh, amigo... dor me deixa calma. Com esse pau de jumento, ela não vai aguentar... de quatro então... nem pensar.

As portas do elevador se abrem para uma senhora no oitavo andar. A mulher fica petrificada. Quem não estranharia? Estou carregando uma louca seminua feito um saco de café.

— Estamos brincando. Desculpe. — explico.

— Ah, para de mentir, negão. — Olga não sabe a hora de calar a porra da boca — Ele está me levando para a cama. A senhora

atrapalhou o nosso sexo no elevador.

Fecho os olhos e tento respirar fundo.

— Olga!

— Vocês deviam se envergonhar. — resmunga a mulher. As portas se fecham, mas não antes de ouvi-la dizer: — Deus tenha piedade do mundo. Vadios!

Juro por Deus que vou procurar outro apartamento. Paciência tem limite e a minha já se esgotou. Quando penso que as coisas estão se encaixando, topo com essa.

Não acredito que ela parou de tomar os remédios.

— Vamos para a sua casa ou para a minha?

— Você para a sua e eu para a minha, Olga.

— Ah, não! Por favor, fica comigo.

— De jeito nenhum. — respondo bravamente.

Ela resmunga e dá murros nas minhas costas. Por mais fora da casinha que esteja, me conhece o suficiente para saber que estou falando sério.

— Não me deixa sozinha, negão — fala com voz arrastada —
Dorme aqui. Prometo, prometo que não tento de dar. Juro. Fica, Rael!

— Já disse que não.

Dentro do apartamento de Olga, a deixo na cama e vou embora sob seus gritos e xingamentos de protesto.

Ela não é essa pessoa. Só quem sabe dos seus problemas consegue reduzir suas ações decadentes ao que realmente são: danos mentais causados por pessoas ruins. Traumas.

Aquele que for emocionalmente equilibrado que atire a primeira pedra. Eu não posso.

No outro dia pela manhã, enquanto estou organizando meus exames para levar à junta médica da polícia, uma batida tímida me interrompe.

Não preciso ser advinha para saber quem é. Abro a porta e deixo que entre sem falar nada. Como era de se imaginar, está abatida, com olheiras profundas e pele pálida. É a imagem da humilhação e do arrependimento.

— Dormiu bem?

Ela não me encara, mantém os olhos no chão. Está com vergonha e sabe que errou feio.

— Uhum... Eu queria te pedir desculpas por ontem. — suas mãos inquietas se esfregam — Rael, não era para aquilo ter acontecido. Eu não sei...

— Você sabe.

— É, eu sei. — seus olhos envergonhados me encaram — Vou voltar ao médico e pedir uma nova receita. Não vai acontecer novamente.

— O que houve, Olga? Por favor, me explique para eu não achar que estou bobeando em não te internar.

— Perdi a minha receita. — começa — Não posso comprar os meus remédios sem receita, você sabe. Eu estava bem sem eles por alguns dias. Juro! Achei de verdade que poderia ficar sem eles dessa vez, Rael. Eu estava bem.

— Olga, você fica bem até que de repente não está mais.

— Eu sei...

Detesto vê-la tão triste.

Mesmo sem os remédios, o que aconteceu ontem não é normal. Tem que ter havido um gatilho.

— Vai me contar? — ela me encara — Você entendeu. O que desencadeou tudo aquilo?

Ela pensa e não responde, seu semblante cada vez mais pesado. Está sentada no canto do sofá com os joelhos unidos e as mãos fechadas. É uma posição de defesa.

— Eu queria ir à uma festa ontem, mas os ingressos estavam caríssimos. Conheci um cara pelo aplicativo, conversamos e trocamos umas fotos. Você sabe como essas coisas funcionam. Ele me convidou para ir com ele, disse que tinha os ingressos para o camarote e eu aceitei.

— Continua usando o sexo como moeda de troca, Olga. — afirmo cansado de alertá-la.

Ele sempre fez isso. Inclusive existe um vídeo na internet onde ela chupa um taxista depois de uma corrida por não ter dinheiro para pagar. O homem filmou e colocou nos grupos. Recebi o arquivo de um amigo e a reconheci na hora.

— Não. É que... — ela desiste de argumentar antes mesmo de começar — Ok. Eu estava usando.

— E?

— Fomos ao show. Quando terminou ele queria o que prometi e eu dei. — seu sorriso é triste — Só que no meio da coisa toda apareceu um amigo dele, e já chegou passando a mão em mim. Eu tentei protestar, mas não me deram tempo. Eu tinha bebido bastante.

— Olga... — meu estômago chega a revirar.

— Eu juro que não lembro de muita coisa, Rael. São apenas flashes na minha cabeça. E congelei, entende? Eles fizeram tudo, tudo o que quiseram. Eu não disse nada. Não pedi que parassem. Não consegui falar nada. Foi horrível!

Ela chora, arrependida e eu a abraço. Sou seu amigo. Por mais errada que ela esteja, sei que não é o momento de julgá-la ou apontar suas falhas. Olga é a soma de tudo o que não deveria ser, mas não é má pessoa.

Minha amiga é perigosa para si mesma. Ela sofre por ser como é, mas não sabe ser diferente e não aceita ajuda para sair do poço onde se enfiou. Não sei o que fazer.

— Eu estou aqui. — esfrego seu cabelo — Posso ir com você à delegacia, Olga. O que aconteceu foi uma violência, um estupro.

Esses homens são criminosos.

— Não! — quase grita — Por favor, a polícia não.

É uma reação normal. Ela só precisa de tempo. Vou respeitar o tempo dela, mas voltaremos a falar sobre isso.

— Está tudo bem, ok? Fique aqui o tempo que quiser.

— Obrigada!

— Não precisa agradecer. Vamos voltar a conversar sobre isso depois, não irá fugir. — beijo o topo da sua cabeça — Tenho que sair agora.

Vou para a minha consulta e demora muito mais do que eu imaginava. Na sala de espera, vários outros policiais aguardando para serem avaliados. Cada um com um problema de saúde diferente, mas a maioria está afastada por danos psicológicos.

A maioria sofre onde ninguém vê. E quando o problema é grande o suficiente para ser visto, para chegar à superfície, já é tarde demais.

Mas quem se importa? São só homens de farda. Força bruta que pode ser substituída ao primeiro sinal, trocada e descartada sem qualquer remorso. Ninguém se importa. O país não enxerga, mas seus verdadeiros heróis estão sucateados.

Saio com uma guia médica que diz que estou dispensado de instrução e serviço. Na prática: irei para algum setor administrativo lidar com papeis, protocolos e planilhas até que seja capaz de portar uma arma com segurança.

Já é noite quando chego ao hospital para buscar Belinda. Ela ainda não me viu sem o gesso.

Espero encostado no carro com o braço para trás. Na mão uma rosa amarela.

Ela vem sorrindo. Linda.

Quando está há três metros de distância, mostro a rosa. Belinda para. Ela não olha para a rosa, mas sim o meu braço livre

do que o prendi há um mês. Seu sorriso se alarga e os olhos brilham.

É como se eu estivesse lhe oferecendo o mais caro dos presentes.

Não me contenho, vou até ela e a agarro pela cintura, levantando-a até a minha boca. Finalmente consigo segurá-la. Nosso beijo é descarado. Senti a sua falta. Saudade do cheiro, do gosto, do calor.

— Estou pronto para outra.

— Deus me livre. Bate na boca. — grita.

— Estou brincando. — coloco-a no chão. Não tenho força o suficiente no braço operado.

No fundo da minha cabeça, me irrita com isso. É uma merda.

— Quando tirou o gesso? — ela me encara e se dá conta — Você veio aqui e não me procurou? Rael!

Levo uns tapas. Tapas de amor.

— Calma! Foi rápido e eu perguntei por você, mas me disseram que não poderiam chamar porque estava em cirurgia. Foi ontem.

Belinda faz bico, joga os braços ao redor do meu pescoço e me beija. Estamos cheios de saudade.

— Mais uma hora e eu estaria com raízes, acho que nunca passei tantas horas aqui. Minhas costas estão me matando.

— Eu sei, princesa. — coloco a boca em seu ouvido — Vou te fazer uma massagem.... por dentro.

— Promete?

Ah, se você deixasse seria massageada todos os dias, doutora.

— Prometo. — abro a porta do carro — Vamos?

Belinda olha para o carro atrás de mim que não tinha reparado antes. É como se encontrasse um velho conhecido. Seus

lábios se curvam em um sorriso sincero e ela leva as mãos a boca. Nas últimas semanas, falamos muito sobre o 01.

— É o seu carro! Meu Deus, é o seu carro?

— Apresento-lhe o 01. Não é um carro qualquer, ele é um fusca 85.

— Uau! — seus olhos vão e vem entre mim e o carro — É a coisa mais linda que já vi.

Ela está certa.

01 chama a atenção por onde passa. As pessoas ficam surpresas e fascinadas com os detalhes, com a cor creme, suas curvas e principalmente o banco de couro e o volante caramelo. Há anos trabalho nesse carro para deixá-lo impecável.

— Posso dirigir?

— Não.

— Por favor, tenente.

A carinha de menina pidona quase me convence, mas tenho um bom argumento.

— Como homem da lei, não posso entregar um veículo nas mãos de uma médica que está trabalhando há 36h. Seria imprudente, para dizer o mínimo.

Ela faz bico, mas não insiste.

— Tá bom. — manhosa, lança os braços ao redor do meu pescoço — Mas não vou desistir.

— Tenho certeza que não.

Entramos no carro e seguimos para o apartamento de Belinda. Depois de tantas horas trabalhando, ela precisa tomar um banho, comer algo descente e gozar.

Vou garantir que faça tudo com primor. Quando eu terminar, estará exausta sobre a cama e dormirá feito um anjo.

Entregue a você

Belinda

A claridade avisou ao meu cérebro que era hora de levantar, mas o meu corpo não estava tão certo sobre isso. Eu mereço ficar na cama. Eu mereço curtir a minha folga encaixada no corpo quente do meu namorado.

Estico o braço e procuro por ele, tateando de olhos fechados, mas Rael não está ao meu lado. Dormimos juntos, dividindo a mesma cama pela terceira ou quarta vez desde que nos conhecemos. Quando aconteceu a primeira vez, contei no grupo que tenho com Damaris, Pérola, Milena e Nina, elas riram e não acreditaram que ainda não chegamos nos finalmente.

Estou sozinha. Onde ele foi?

Meu nariz é invadido pelo cheiro de pão de queijo recém assado.

Ah, Deus, se ele for um engano, me deixe enganada para sempre. Por favor!

Abro os olhos para nunca mais querer fechar. Rael vem caminhando em direção a cama com uma bandeja nas mãos. Ele está sem camisa, só uma cueca azul cobre tudo aquilo. Não cobre muito bem não.

Que delícia de homem.

— Achei que te acordaria. — ele se senta ao meu lado e coloca a bandeja aos nossos pés. — Queria fazer uma surpresa.

— Acordei com o cheiro da sua comida. — fecho os olhos e puxo o ar — Aprendeu a fazer pão de queijo.

Ele ergue as sobrancelhas e os ombros.

Rael não é o tipo de pessoa que se abre com todo mundo, que sorri frequentemente. Ele é uma pessoa de ação. Eu percebi isso logo, e hoje depois de um mês, só agradeço por cada uma das suas características.

Nunca pensei que me encaixaria tão bem a um homem absolutamente diferente de mim.

— Você disse que aqui não tinha nenhum como os da sua cidade. Prove esse. Juntei algumas receitas que vi e acredito que dessa forma deu certo.

Mordo direto da sua mão. Está quentinho e bem temperado do jeito que eu gosto, bem queijudo. Ah que delícia! Mastigo com calma, saboreando cada nuance que vem a minha língua.

— Hum! Está perfeito. — lambo os lábios com dó das migalhas que ficaram para trás.

— É excitante te ver comendo.

— Isso te excita, tenente? — lambo o seu dedo.

— Pra caralho. — responde, olhando fixamente para a minha boca.

Termino de mastigar e não posso conter a vontade de atijá-lo.

— E isso?

De joelhos na cama, beijo o seu pescoço, sentindo-o ofegar e seus pelos se arrepiarem e a bela pele negra exalar de tesão.

— Está brincando com um homem faminto, Belinda.

— Estou? — mordo-o, depois passo a língua no local. —Quer comer?

Uma de suas mãos agarra o meu cabelo com firmeza.

— Quero comer você. — me beija com violência — Quero comer tudo e repetir. Quero te deixar exausta a ponto de perder a consciência. E eu estarei igual. É exatamente isso o que quero.

Esquentou de repente.

— Oh!... Isso soa bem.

Ele me puxa e acabo sentada sobre o seu colo. Está excitado, quase nu. Minha calça de pijama é uma barreira frágil.

Quero isso! Quero que ele entre em mim e me possua da maneira que desejar. Estou louca por isso.

— Um mês hoje, Belinda. — ele morde meus seios por cima do algodão — Um mês.

— Não está valendo a pena? — eu sei o que ele vai responder, mas gosto de perguntar.

— Valeria mesmo sem todos os benefícios. Você não cansa de me ouvir dizer que o sexo será só um plus, não é.

— Não canso.

Ele rola sobre mim. As coisas na bandeja chacoalham, mas não caem. Com o movimento, seu pênis empurra contra a minha menina e eu gemo.

— Ontem foi incrível. — diz, arranca a minha blusa — Quero mais. Quer mais?

Concordo com a cabeça.

Ainda não aconteceu. Acho que já fizemos tudo que era possível fazer neste mês, mas ainda não consumamos a coisa. É esquisito, inacreditável e cruel, mas é a verdade.

Ontem fizemos um 69. Foi a primeira vez. Definitivamente foi a coisa mais prazerosa até agora, porque os dois estavam sentindo prazer ao mesmo tempo e sentindo o outro de todas as formas.

Ele gozou na minha boca, pouco depois de me dar o segundo orgasmo me penetrando com sua língua enquanto masturbava meu clitóris com os dedos. Foi a primeira vez que engoli o seu sêmen. Ele fez questão de assistir seu leite escorrer pela minha língua e desaparecer em minha garganta. Eu vi loucura no fundo dos seus olhos e não só isso. Rael foi puro domínio, do início ao fim e eu descobri que adoro ser dominada.

O que posso dizer sobre isso?

Não sei as palavras. Não poderia elaborar nada enquanto Rael suga meus mamilos e roça o seu pênis contra a minha menina. Oh estou molhada. Quero gozar.

Que delícia! Preciso tanto. Oh, como é gostoso.

Sempre que estamos assim, permaneço de calcinha ou de shorts. Nenhuma vez fiquei completamente nua enquanto nos... enquanto nos esfregamos dessa forma. Seria tentação demais.

Mas agora... hoje.

Deus, eu preciso tirar essa calça que está me sufocando.

A noite embarcarei para BH. Vou passar dois dias com os meus pais. Só de lembrar que não nos veremos por dois dias meu coração se aperta.

— Rael, tira a minha calça.

Ele faz em um puxão só, mas deixa a calcinha. Quando volta para cima de mim, estou enrolando a tanga para baixo. Minha menina a mostra.

— Não me responsabilizo. — seu rosto está tenso — É um péssimo momento para me aticar. Belinda, eu acordei doido de tesão depois de ontem.

— Eu também. — murmuro e então passo os dedos lá embaixo, entre os lábios molhados. Ofereço a ele, que chupa gemendo com os olhos vidrados nos meus.

— Última chance, doutora.

Tiro os dedos da sua boca e agarro-o pelo pescoço, guiando o seu rosto para o meio das minhas pernas abertas. Abro amplo.

— Estou pronta.

Rael enterra o nariz entre os meus lábios e lambe toda a umidade, misturando sua saliva a minha excitação. Curvo o meu corpo a cada lambida longa e certa, gemendo, murmurando e sem conseguir conter os movimentos, esfrego-me contra o seu rosto. Ele adora.

— Isso! Entregue-se, Belinda. Sem pudor, sem barreiras.

— É maravilhoso! Oh maravilhoso!

Ele está determinado a fazer o seu melhor e me dar a mais perfeita das experiências. Mal sabendo que tudo o que tivemos até aqui, sua paciência e dedicação, já me garantiram a melhor experiência que eu poderia ter nessa vida e nas próximas.

Ergo os braços, deixando-os esticados acima da cabeça. A posição evidencia os meus seios inchados. Rael se afasta, olha para mim com admiração, mas seus dedos ainda tocam meu clitóris suavemente. Não espero essa suavidade. Seu olhar predatório denuncia como pretende me tomar.

Eu não estou com medo.

Eu deveria estar com medo? Devia dar para trás?

Hesitante e excitada, digo:

— Estou com medo, mas não consigo pensar em outra coisa que não seja você me penetrando, Rael.

— É o que vai pensar depois que eu terminar também.

Meu ventre lateja e queima. Suas palavras me deixam completamente louca por conhecer a sensação. Quero tê-lo dentro de mim, senti-lo romper minha virgindade e me devorar com toda essa ferocidade que o rodeia.

Rael é um homem atraente, quente e devastador. Não tenho olhos para mais ninguém desde que o conheci.

— Você é lindo!

— Gostaria que pudesse se ver agora, vermelha se oferecendo para mim. — ele espalha minhas pernas abertas — Sua boceta é gostosa e bonita de olhar, tem o melhor sabor. Seus peitos estão inchados, duros de tesão e o seu rosto languido.

Olho-o por um instante. Ele está de joelhos entre as minhas pernas. Quando foi que ele tirou a cueca? Seu membro duro apontando para cima. É enorme e grosso. Assustador.

Logo isso tudo estará dentro de mim.

— Você é forte, seus braços são grandes e parecem capazes de carregar qualquer coisa. — escorrego o olhar por tudo — Olho

para a sua boca carnuda e só penso em tudo que ela faz comigo. Seu pênis me assusta... e me chama. Quero senti-lo, mesmo duvidando que consiga levá-lo inteiro.

Um sorriso perverso aparece em seu rosto quando escuta a minha última frase.

Não é possível que possa me afetar mais.

Oh, sim, é!

Apressado, sai desfilando seu corpo nu para tirar a bandeja da cama. Que bunda maravilhosa! Não só a bunda, mas as costas são impressionantemente perfeitas, definidas. O tom escuro da sua pele suada, brilha. É puro chocolate derretido.

Após pegar um pacote de camisinhas da mochila, ele volta.

— Vamos tirar a prova agora. — meu corpo é coberto pelo seu — E depois repetiremos algumas milhares de vezes para ter certeza.

Oh, por favor!

Rael afasta as minhas pernas até nossos corpos ficarem completamente encaixados, uma unidade. Com uma das mãos, segura meus dois punhos estoicamente acima da cabeça ao passo que, chicoteia meus mamilos com a língua.

Oh, magnifico! Não pare, por favor.

Gradativamente a pressão aumenta, assim como a frequência. É um ciclo de lambidas, mordidas e chupadas trabalhadas. Ele segura o bico já sensível entre os dentes e eu grito.

Tento mover meu quadril, empurrar minha entrada contra o seu pênis que está encaixado em mim, mas o seu peso é demais e não me permite. É frustrante e enlouquecedor.

— Não espere mais, Rael. Eu quero você agora. Já!

— Me fez esperar por um mês. Pode aguardar alguns minutos para o nosso prazer.

— Não posso! — sussurro.

Seus olhos negros estão sobre mim. Ele beija os meus lábios com o meu sabor e enfia a língua dentro da minha boca. Sugo eroticamente, gemendo como uma gata.

— O que você quer? — pergunta severamente. Vejo o desejo que sente, descrito em suas feições, na maneira faminta que me olha e nos músculos tensionados.

Oh, como isso me deixa quente. Ele é quente.

— Quero ser sua.

— O que você quer? — insiste, enquanto desenha meus lábios com a ponta da língua.

— Quero ser sua. Ser sua e só sua. — sinto a ponta do seu pênis um pouco mais profundo. Fecho os olhos e abro um sorriso — Estou entregue a você, tenente. Tome-me.

Em um movimento certo, ele está enterrado dentro de mim. Uma investida forte e rápida que me faz gritar. Nós dois gememos, eu pela dor inicial e ele talvez em comemoração. Mordo os lábios com força ao tombar a cabeça para trás, esticando todo o corpo. A dor começa a ceder, assim como minha menina ao ser brutalmente invadida. Rael agarra meu quadril e remexe o seu para melhor se acomodar. Não acredito ser possível caber mais nada. Em dado momento, ao passo que sua boca me distraía com beijos elaborados, ele sai, mas não muito, e volta a me penetrar... dessa vez sim, entrando por completo.

Estou preenchida. Estirada. Estou ofegante e fascinada.

Minha pele sensível como se tivesse tomado muito sol sem proteção e por dentro... Por dentro foguetes explodem.

É dolorido, quente e arde. Mas, não poderia ser melhor.

Rael abaixa o seu corpo, apoiando-se nos cotovelos para segurar o meu rosto alinhado ao seu. Abro os olhos e caio dentro dos dele. São sinceros e cheios de desejo.

— Posso sentir você pulsando dentro de mim. — digo, sorrindo.

Ah, ele está dentro de mim! Sim!

— Agora você é minha. Minha e só minha.

Ele se move. Duas ou três vezes lentamente, então começa a acelerar até que se possa ouvir seu corpo se chocando com o meu. Um barulho molhado e carnal.

— Será minha de todas as formas. — diz, indo mais fundo e mais rápido. — Era bom antes, mas agora... Agora será perfeito e completo, Belinda. Entende o que estou dizendo.

As palavras faltam.

— Uhum!

Beija minha boca, meu pescoço e suga o lóbulo da minha orelha sem deixar de me penetrar, atingindo pontos que nunca senti antes. Estou perdida nas sensações.

— Sou o homem que vai te apresentar o potencial do seu corpo para o prazer, doutora. Nenhuma aula de anatomia foi capaz de te mostrar o que pretendo. Sente isso? — ele rebola dentro de mim — Sente como é bom?

— Oh, sim! — fantástico.

— Meu pau está dentro do seu corpo. E ficará muito melhor.

— Não é possível. — minha voz falha.

— Tem certeza? — pergunta com sarcasmo.

Rael pressiona mais o quadril contra o meu, roçando em meu clitóris. Grito. Ele não para, repetindo o movimento vez após outra. É tão forte e tão intenso. Sinto como eu pudesse partir em duas.

Estou ardente. Minha cabeça mal é capaz de processar o que o meu corpo sente, tamanha a intensidade do que ele provoca em mim.

Mas não sou a única fora de controle.

A expressão no rosto de Rael é difícil de decifrar. Parece esforço, dor, prazer, descontrole e paixão. Tudo junto. O suor brilha

sobre a sua pele, dando a ele o tal aspecto de chocolate derretido. Não me contenho e lambo.

Salgado. Erótico.

Ele geme alto. Segura forte a minha coxa, afundando os dedos em minha carne, investindo como um bicho, me dando prazer.

Grito alto, gemendo de prazer e pedindo por mais. Estou tão perto.

— Vou gozar! — sim, eu vou. Posso sentir a mágica — Vou gozar!

Ele acelera. Encontra um ângulo diferente e não para até me ver chegar ao orgasmo.

É a sensação mais forte que alguém pode sentir. Diferente dos outros que ele já me deu, neste tem o potencializador do contato direto. Saber que ele está dentro do meu corpo é o melhor dos afrodisíacos.

Quando a onda de prazer regride, abro os olhos. Eu pretendia contar o que senti, mas antes que pudesse me recompor, sou remanejada.

Rael sai de mim, me põe de bruços, puxa meu quadril para o alto e enfia o rosto entre as minhas nádegas. Tudo ali está molhado pelo meu gozo. Mas, ele não se importa. Até gosta, imagino.

De imediato, surpreendendo todo o meu ser, Rael enfia a língua na minha bunda. Ele literalmente enfia a sua língua lá atrás e penetra repetidamente, fodendo-me com ela.

Não dói. É macia e escorregadia, mas me desconcerta. Não esperava por algo assim logo sem aviso. Mas, é gostoso.

Me atenho a sentir.

Ele segura minha bunda aberta, mantendo as mãos espalmadas de ambos os lados e enfia a língua de novo, e de novo até ficar satisfeito.

— Esse cuzinho será o próximo, Belinda.

— Sim...

No estado em que me encontro, concordaria com qualquer coisa.

— Minha vez, porra! — ele avisa e me penetra. — Estou perto... vou gozar. Delícia! Ah, porra!

De quatro, com ele segurando minha cintura e ditando a velocidade, recebo suas enterradas duras e profundas ao som dos seus gemidos loucos.

Não é possível. Isso está acontecendo outra vez? Estou sentindo novamente a magia.

Jogo a cabeça para trás e empurro contra ele. Deixo o prazer chegar de assalto. Minha coluna desumanamente arqueada, mas sem desconforto. Só sinto prazer e mais prazer. Com uma mão Rael puxa meu cabelo e com a outra, segura a minha cintura. Metendo, indo e voltando, penetrando freneticamente em busca do ápice. A cama se choca contra a parede, mas não ligamos para qualquer outra coisa.

De repente, Rael para e trava os meus movimentos para permanecer o mais fundo possível. Seu pênis lateja dentro de mim, posso sentir o pulsar enquanto ele se derrama.

Gozo junto com ele. Surreal.

Caímos os dois na cama. Exaustos e semiconscientes.

É isso?

Será assim sempre? Espero que sim. Desejo que sim.

Mesmo sem conseguir me mover e com dificuldades para respirar, posso afirmar que é a melhor sensação do mundo. E só melhora quando olho para o lado e vejo que foi igualmente incrível para ele.

O corpo bem construído de Rael ao meu lado merece ser fotografado e exposto para o mundo. Sua pele negra coberta por suor é uma visão e tanto. Mesmo cansada, preciso admirar um pouco mais.

A coisa mais linda do mundo!

Tombado sobre sua barriga, o pênis ainda dentro do preservativo descansa. Mesmo depois de tudo, é grande. Vejo-o retirar a camisinha cheia, fazer um nó e deixá-la no canto da cama antes de me puxar para o seu abraço.

— Como se sente?

— Exausta. — rimos juntos — Mas, ainda não encontrei uma palavra que descreva como me sinto de verdade. Talvez feliz ou satisfeita passem perto.

Rael beija o topo da minha cabeça.

— Apaixonado.

— Apaixonado? — olho-o através dos cílios.

— Apaixonado é como me sinto. Eu já me sentia assim antes, mas agora? Além de feliz, satisfeito e exausto, estou apaixonado. E não vou fugir do que sinto por você, doutora.

Isso é real?

Meu coração acelera e meus olhos enchem de água.

— Também estou apaixonada por você, tenente. — admito.

Apenas uma visita

Belinda

Chegar em casa não foi como eu imaginei. Mas, isso me fez enxergar uma coisa que eu jamais veria se não estivesse aqui. Esta não é mais a minha casa. É a casa dos meus pais, o meu antigo lar, um lugar importante e insubstituível. Mas, não é mais a minha casa.

E sabe o que mais? Isso é ótimo!

— Princesa, o que acha de ir ao hospital comigo hoje.

— Pai, eu estou de folga.

— Eu sei, eu sei. Será apenas uma visita... de repente você se interessa pelo nosso programa de residência, encontra antigos amigos de faculdade. O Paulo e a Ligia, que estudaram com você, estão no nosso programa.

Aconchego-me a ele no sofá do apartamento onde cresci. É um bom lugar, tem lembranças incríveis e amigos que nunca serão esquecidos. Foi o meu ponto de partida, porém, não o meu destino.

— Pai, — respiro fundo — não vou trocar de programa a essa altura. Eu não vou voltar para Minas.

— Irá para o segundo ano em breve. Quando menos imaginar será o último e estará pronta.

— E mesmo assim não pretendo voltar. — digo suavemente.

Meu pai se afasta o suficiente para se sentar, vira o corpo em minha direção e nos encaramos. Eu sei o que está passando pela sua cabeça, conheço-o bem.

— Achei que ficaria em São Paulo por três anos. Foi isso que me disse quando meteu na cabeça que iria embora, minha filha. Eu não sou como seu tio Léo, não quero os meus filhos debaixo das minhas asas. Você e Tony sempre foram livres, mas... Depois do que aconteceu. — ele desvia o olhar — Tive medo de te perder, Belinda.

— Mas não me perdeu.

— Será?

— Eu sempre estarei aqui. Você é o meu pai. O pai super maneiro que meus amigos amavam ter por perto, o homem que me ensinou tudo da maneira mais divertida que encontrou. Caramba! O sonho de todos os meus amigos era ter um pai como o meu. Eu te amo, doutor Bento.

Ele fica emocionado com a minha declaração. Tudo o que eu disse é a mais pura verdade.

— No fundo, achei que voltaria para assumir o seu lugar.

— E qual seria o meu lugar, pai?

Ele reage como se a minha pergunta fosse tola e sem propósito.

— Ocupando a minha cadeira dentro de poucos anos. Tomando as rédeas dos negócios da família. Você pode ser uma excelente anestesilogista, e será, mas não se esqueça que é a minha herdeira. Tudo o que temos, tudo o que seu avô começou, muito em breve será seu; sua responsabilidade.

Uau! Isso foi um ultimato.

— Pai...

Interrompe-me.

— Seu tio Leônidas já se aposentou. Lorenzo fará o mesmo quando Milena voltar dentro de alguns meses. É o natural. Sei que estou gato, — diz bem-humorado — chamo atenção da mulherada, mas quero pendurar as chuteiras a tempo de aproveitar a vida que me resta e desfrutar do que construí sem preocupação.

— O senhor é realmente um gato.

— Sou sim. Não foi de graça que fiz filhos lindos, está no sangue. — então, ele me encara um pouco mais sério — Belinda, eu sempre soube que seu irmão era um viajante e nunca assumiria os negócios da família, mas você está aqui.

É bem injusto que eu precise carregar a responsabilidade sozinha.

— Pai, eu sei que o senhor fez planos para mim. Agradeço, porque eu estaria perdida até agora se o senhor não tivesse me mostrado uma direção. Só que eu nunca disse que seguiria os seus passos.

— Você é médica.

— Sou. E obrigada por me mostrar que eu poderia ser.

Ele concorda com a cabeça, sorri e diz:

— Mas não será médica aqui. Nunca assumirá o MAH-BH. — afirma, decepcionado.

— Nunca é uma palavra muito forte. Eu tenho 23 anos. — retribuo o seu sorriso — Mas, não pretendo voltar e não pretendo me sentar na sua cadeira. Hoje te digo que quero ficar em São Paulo.

— Por que não diz logo qual o nome do que te prende em São Paulo, Belinda? — as palavras são ditas com convicção por minha mãe.

Ela segura uma taça de vinho enquanto nos observa.

— Ninguém me prende, mãe.

Meus pais são pessoas completamente diferentes uma da outra. Enquanto ele é leve, fácil de lidar e compreensivo, ela é... Minha mãe é prática, racional e focada. Se algo lhe tira o foco ou se alguém não corresponde, ela se desestabiliza, por isso tenta manter tudo perfeitamente alinhado com o que deseja.

Houve uma época em que me perguntei o que eles tinham visto um no outro. Porque olhando de fora eles não combinam. Depois de um tempo, depois que comecei a enxergar por baixo do que as pessoas de fora viam, entendi que o amor deles é tão grande e tão visceral, que as diferenças só trazem mais graça para o relacionamento.

— Safira, a menina só está encantada com a cidade. Vamos dar tempo ao tempo.

Olho para o meu pai, agradecendo o apoio. Mesmo contrariado com o que eu disse, ele não me abandona.

— Olhe para ela, Bento. — diz minha mãe — Ela está apaixonada.

Cruzes! Que poder é esse?

— Mãe...

— Eu te conheço. — aponta o dedo para mim — Você pode até duvidar, mas eu te conheço tão bem que vejo em seus olhos que está completamente apaixonada.

— Isso não é bom? — pergunto.

— Sua mãe está certa? — papai pergunta.

Nem tenho a chance de responder.

— Eu sempre estou. — modéstia passou longe — Belinda, se você fosse um pouquinho mais madura, eu diria que é ótimo. O problema é que você não é. Isso me assusta e me preocupa.

— Eu estou mudando, mãe. Estou vivendo por mim mesma e aprendendo. Cada dia estou mais perto do que quero ser.

— E irá longe, minha filha. Só precisa se manter focada. Se esse homem já te faz pensar em não voltar para casa para assumir o que é seu por direito, ele já não serve para você.

— Como pode dizer que ele não serve se não o conhece?

— Belinda, você ainda é uma menina.

— Sou uma mulher. — corrijo.

Eu sou uma mulher. e não é porque me entreguei a um homem ontem. É porque sou uma mulher de verdade, me vejo assim.

— Princesa, quem é o cara? — papai pergunta.

Papai sempre foi o ponto neutro entre eu e minha mãe. Ele costuma dizer que o meu gênio é igual ao dela, mas que recebi a alegria dele para balancear.

— É o policial que me resgatou do roubo. Vocês viram quando saí amparada por um oficial... é ele. — digo de uma vez.

Silêncio.

Ninguém diz nada. Meus pais não esperavam por isso. Não que eles tenham preconceito ou qualquer coisa. A questão é que nem eu imaginei que me envolveria com alguém como Rael. Meus namorados sempre foram... “almofadinhas egocêntricos e sem qualquer experiência de vida. E nunca fora do meu ciclo social, sempre amigos ou filhos de amigos dos meus pais.

Eles viram o Rael e sabem que ele é um homem. Alguém mais velho do que eu.

— O policial ferido que saiu com você do banco? — com um sorriso indecifrável no rosto, meu pai pergunta.

— Sim. O nome dele é Rael. Ele tem 34 anos, é tenente e se feriu salvando dezenas de pessoas. — minha mãe abre a boca, mas eu a interrompo — E para que saibam, não que algo vá mudar, mas quero que saibam: Ele é um homem honrado, bom, protetor e me faz feliz. Eu estou feliz.

Vejo a admiração em seus rostos. Meu pai é muito descarado, ergue as mãos e bate palmas lentas com um sorriso no rosto. Já minha mãe, é ponderada, ela sempre avalia os riscos e isso nunca irá mudar.

— Quero conhecê-lo pessoalmente. — claro que ele quer — Mas, ele já tem pontos comigo.

— Belinda, você mal o conhece. — é minha mãe.

Conheço mais do que qualquer um possa imaginar.

— Estamos juntos há um mês.

Ela ri.

— Um mês não é nada.

— Eu sei. Não disse que vou me casar ou que estrou grávida. Eu disse que estamos juntos.

Nesse momento meu pai fica pálido.

— Grávida? Vocês já...?

Oh, meu Deus! Que situação.

— Pai, isso não é assunto para agora.

Olho para minha mãe. Ela sabe. Tenho certeza que ela sabe só pelo jeito que me olha.

— Bom... — minha mãe começa e me preparo para a explosão — Belinda ainda tem mais de dois anos de residência em São Paulo e nada será decidido agora. Vamos lidar com o problema que temos.

Uau! É pior do que eu imaginava. Ela está em seu modo profissional.

— Temos um problema? — meu pai pergunta.

Mamãe coloca as mãos na cintura e ergue as sobrancelhas, como se dissesse para o assunto ser encerrado ali.

— Hoje à noite acontece o casamento da filha da Lourdes Ferraz de Faria e, já que Belinda está na cidade, iremos os três.

Caramba! A Beatriz vai se casar e eu nem sabia? Éramos amigas no colégio.

— Com quem a Bia vai se casar?

— Com o herdeiro dos laboratórios Zorga.

Isso não é possível. Quanto tempo eu estive fora? Duas décadas?

— O Cadu? Ele fez medicina comigo.

— Esse mesmo. — meu pai — Ela está grávida de oito semanas. É minha paciente e não posso faltar ao casamento.

Gravida?

— Quantas novidades. — estou muito surpresa. As coisas mudaram mesmo.

Cadu e Beatriz são as pessoas mais improváveis. É como se uma ambientalista ativista se casasse com um pecuarista, ou se um padre exorcista se casasse com um demônio. Não tem nada a ver.

— Eles nem se conheciam até um ano atrás. — penso em voz alta.

— Filha, você trouxe roupa para um evento assim?

— Um vestido preto para emergências.

Minha mãe ergue o dedo indicador e diz com aquela cara de “tive uma ideia”:

— Preto vai agorarr a noiva. Vamos ao shopping juntas.

Algo me diz que ela quer um tempo para falar em particular.

Meu pai fica em casa, enquanto nós duas vamos as compras. É uma coisa que me agrada, mas sei que não é exatamente o passatempo favorito da dona Safira. Isso é uma emboscada.

Ela resiste a primeira loja sem reclamar da perda de tempo que é me esperar decidir por uma roupa. Eu sou indecisa, um pouco consumista e principalmente... sei ser irritante.

Talvez eu esteja enrolando propositalmente.

— Filha, esse vestido lavanda ficou perfeito. Acho que deveria escolhê-lo.

Rodopio diante do espelho, admirando o reflexo. Realmente o vestido é deslumbrante.

— A senhora disse isso de todos os outros, mamãe.

— Belinda, você provou quinze vestidos. Está é a quinta loja e o casamento será em duas horas.

Penso um pouco, lembrando das roupas que vesti antes.

— Vamos voltar naquela do corpete e saia azuis? Acho que gostei da combinação e do caimento.

— Na primeira loja?

Sorrio e confirmo com a cabeça.

Uau! Ela está por um tris de explodir.

— Belinda, tem certeza de que quando chegarmos lá não irá dizer que seus seios estão grandes demais no decote?

— Talvez...

Ela se ajeita na cadeira e bufa.

— Seu namorado sabe que está levando gato por lebre?

Oi?

— O que quer dizer com isso, mãe?

Pelo espelho vejo o seu sorriso. Será que esse tempo inteiro é ela quem está me testando?

— Seu namorado é um homem feito, deve ser ocupado e decidido. Ele já percebeu que você é uma menina mimada pelo seu pai, vigiada pelo seu irmão e completamente volúvel?

Mimada, protegida e volúvel?

— Recarregou o arsenal?

— Engraçadinha. — rimos juntas.

Rimos sem parar enquanto tiro o vestido.

Sempre que ela resolve me dizer algumas verdades, eu digo que ela está com arsenal renovado. É uma piada interna, porque ela costuma dar tiros certos quando pretende atingir alguém.

— Beli...

Viro-me para ela. Estamos sozinhas no enorme provador da loja. Acho que é o momento de contar para ela. Eu preciso contar.

— Aconteceu. — confesso. Meu coração quase saindo pela boca de emoção. Não por medo, mas sim por ansiedade.

Somos amigas e por toda a minha vida, apesar dos ocasionais embates de gênios forte convivendo sob o mesmo teto, ela falou comigo abertamente sobre o “momento”.

É contraditório que a pessoa que me explicava como seria e me orientava quanto aos cuidados necessários, seja a mesma que me passou uma mensagem tão negativa. Ela não tem culpa, não foi intencional.

— Eu tinha certeza. Tive certeza quando coloquei os olhos em você.

Ela me abraça.

— Foi incrível, mãe. Ele é maravilhoso e cuida de mim. Não me arrependo nem por um segundo.

Não é como se ela não quisesse me ouvir. Ela quer. Mas não deve ser fácil escutar a sua filha dizer que transou com um cara e que gostou. Imagino que seu coração esteja tão acelerado quanto o meu está.

— Que bom, Beli! Estou feliz por saber que ele te respeitou. Se preveniram?

— Ah, mãe, por favor...

— É sério.

— Sim, nos prevenimos. — cedo sem mais protestos — Quer mais detalhes?

Ela segura os meus ombros e arregala os olhos.

— É o suficiente por enquanto.

Saímos da loja com o vestido lavanda.

Estou leve, feliz por ter dividido essa parte da minha história com a minha mãe.

A dor da perda

Rael

— O que você quer que eu diga? — Olga grita.

Estamos discutindo há horas. Começou com uma conversa sobre ela ir ou não à delegacia prestar queixa contra os caras que a estupraram, mas ficou cada vez mais acalorada e quando dei por mim, estávamos aos gritos. É quase impossível manter um tom baixo com Olga.

— Quero que você enxergue que isso não é aceitável. Mas que merda! Pare de se machucar, de achar que merece sofrer o tempo todo. Olga, eles foderam uma mulher embriagada sem dar a chance de ela dizer que não queria.

— Eu poderia ter dito. — sua voz é baixa e desanimada.

— Então me diga agora. Você queria? Porque se queria, tudo bem. Mas no estado que ficou... acho que não queria.

Ela cobre o rosto com as mãos e chora.

— Eu estava lá. Eu fui sabendo e mereci o que eles fizeram, Rael. Eu não presto, nunca prestei e você sabe disso.

— Não sei não.

— Desde criança. — seu choro aumenta — Eu não sou uma boa menina.

A vida de Olga e seus problemas são feridas tão profundas que não sei como ajudá-la a se recuperar. Por muitas vezes tentei me aprofundar em sua história e entender quando tudo começou, mas ela simplesmente não permite. O que sei, é que existe um trauma muito, muito pesado ali.

— Tudo bem. — desisto — Só promete que vai voltar ao psicólogo e contar a ele o que aconteceu naquele dia? — ela concorda com um discreto movimento de cabeça — Sou seu amigo e não posso assisti-la se destruir sem fazer nada, Olga. Por favor, deixa eu te ajudar.

— Você não sabe o quanto me ajuda, não é?

— Queria fazer mais.

Com as mãos trêmulas, limpa o rosto. Parece mais calma.

— Conta sobre a Belinda. Sua nova fase me distrai dos meus problemas.

Lá vai ela mudar de assunto. Típico.

— Belinda está viajando, foi visitar os pais em Minas por três dias. Vou buscá-la no aeroporto a noite.

— Finalmente vou conhecer a mulher que roubou o coração do meu melhor amigo?

— Vai. Hoje ela vem dormir aqui comigo.

Olga faz um x com os dedos e beija.

— Juro que não conto nenhum podre seu, negão.

— Eu já contei todos os que me lembro.

A cara de Olga é impagável.

— Até...?

Fico de pé e vou até a janela.

— Até mesmo que já transei com a minha vizinha de porta e que hoje somos só bons amigos. — rio da sua expressão — Ela sabe o seu nome e sabe que nunca se repetiu.

— Não creio! — ela grita. Completamente bipolar essa louca.

Eu e Belinda estamos juntos há um mês e nesse tempo tivemos a chance de conversar sobre as nossas vidas, os nossos planos e passado. Nunca fui um homem santo e isso está bem resolvido dentro de mim, mas eu precisava compartilhar com ela. Não quero que uma informação atravessada estrague o que temos.

Belinda é importante para mim. É tudo novo e inesperado, mas é importante. Eu cuido e preservo o que desejo manter.

Deus, eu definitivamente desejo manter aquela loirinha ao meu lado por um longo tempo.

— Ela sabe que você gastava todo o seu salário com garotas de programa? E que usa o sexo como antidepressivo?

Será que Olga treina a sua insistência com alguém além de mim?

— Não com essas palavras, mas ela sabe que eu pagava por sexo.

— Todos os dias.

Ah, que saco!

— Oh, pelo amor de Deus, não eram todos os dias.

— Três vezes por semana é bastante.

— Mas não são todos os dias, Olga. — olho a mensagem no meu celular — Tem um amigo chegando.

— Está me dispensando?

— É o Diniz.

Os dois não se dão bem de jeito nenhum. Olga é a única pessoa que eu conheço a não gostar do Diniz. O que não me surpreende. Ele sempre me disse que o jeito escrachado dela o incomodava muito, quase tanto quanto sua voz aguda. Já ela, não aguenta o tempo de Diniz porque ele é um sujeito calmo, pacífico e certinho. Nem parece polícia.

— Vou embora. — diz imediatamente — Não quero cruzar com esse mala.

Sorrio.

— Ah, ele com certeza também não deve estar muito animado para te ver.

— Porque é um chato. — diz antes de sair e bater a porta.

O interfone toca. É Diniz que está subindo.

Finalmente chegou a tal viagem com os filhos e alguém precisa garantir que Brutos seja alimentado. É por isso que ele veio até aqui, vai trazer Brutos para passar as próximas semanas comigo, enquanto ele, Débora e os meninos se divertem na Disney.

Apesar de grande, o pastor-belga malinois é treinado e não me causará problemas. Conheço bem o Brutos e nos entendemos bem. Tenho certeza que será divertido cuidar dele.

Só espero que Belinda não surte quando chegar e descobrir que dividirá o espaço com ele essa noite.

Diniz toca a campainha.

— Chegou cedo. — digo ao abrir a porta

— Que nada. — os dois entram — Acha mesmo que pode ficar com ele aqui no apartamento?

— Acho.

— E o condomínio?

— Já falei com eles e não tem problema. — pego a coleira de Brutos da mão dele e solto o cão, que sai para reconhecer a casa — Relaxa. Vai dar tudo certo.

— Não quero alterar a sua rotina.

— Não será por muito tempo. Como eu te disse, tenho dormido mais no apartamento de Belinda do que aqui, mas darei um jeito. São só alguns dias.

Diniz vai até a pia e tira as cervejas que trouxe da sacola. Ele é de casa e temos bastante intimidade. Observo Brutos farejar todos os cantos, enquanto meu amigo abre as embalagens de salame, amendoim e outros petiscos.

— Veio preparado. Gosto de amigos assim.

— Não se anime não. Estou só te usando para fugir de uma esposa ansiosa e de dois meninos enlouquecidos com a viagem. Ainda tenho 24h para sobreviver a eles antes de embarcarmos.

Gargalho.

— Débora sabe que você vai ficar?

— Eu disse que você precisava de ajuda com o carro. — dá de ombros — Sabe como é... vim retribuir o favor por você cuidar do moleque aí.

— E ela caiu nessa?

— Duvido muito. — ele se junta a mim no sofá e me entrega a garrafa de cerveja — Depois de alguns anos juntos, você aprende a escolher as suas batalhas.

— Vou anotar essa lição.

— Anote. É valiosa.

Bebemos e assistimos um jogo na televisão. Nada de comentários longos ou muita conversa. Eu e Diniz apreciamos a companhia um do outro sem precisar ficar jogando conversa fora. Termina o primeiro tempo, começa o segundo e seguimos com nossos petiscos e cervejas. Paro na terceira, porque ainda preciso dirigir até o aeroporto.

— Parou?

— Parei. Vou buscar Belinda daqui uma hora.

Sem falar nada, vira em minha direção e ri. Eu sei o que ele está pensando, mas não vou dar assunto.

Ele não desiste.

— Quanto tempo faz, um mês?

— Uhum.

— Só isso?

— O que mais devo dizer?

— Porra, Rael. — ele solta a sua cerveja — Você levou a garota lá em casa, dorme quase a semana inteira na casa dela e o que diz é “uhum”? Num fode! A gente se conhece há uns bons anos e nunca te vi assim.

Agora fiquei curioso.

— Assim como?

— Quer que eu faça um resumo?

— Vá em frente! — cruzo os braços.

— No primeiro dia que ficou com ela, você me ligou e disse que havia conhecido uma garota diferente e que se sentia estranho sobre isso. Depois você ficou puto porque ela tinha te passado o telefone errado. Ficou todo mordido aí por achar que tinha sido descartado.

— Não foi bem assim.

— Foi sim. — afirma rindo — Uns dias depois estava no aniversário dos meus filhos de mãozinha dada e tudo. Acha que não vi a sua cara de satisfeito quando voltaram do banheiro? — filho da puta — Isso sem contar que virou monógamo.

— Nunca fui polígamo.

— Ah, vá se foder, Rael Baldotto Leão.

Tenho que concordar com ele. As coisas realmente mudaram por aqui.

— Estou gostando dela, cara. — admito sem esconder a felicidade — Belinda é...

— A mulher?

Será?

Ela me faz feliz, está sempre dentro da minha mente, satisfaz tudo o que preciso.

— Ela é a mulher.

A frase simples, porém significativa, sai sem qualquer esforço. Não tenho dúvidas. É ela.

— Sabe o que isso me lembra?

— O quê? — pergunto mais relaxado.

— O dia que em enxerguei o que você está enxergando agora. É! Eu sei como é. Não tem volta e nem precisa ter, porque só pensará em seguir em frente.

— Tô muito fodido?

Ele se joga para trás e coloca as mãos sob a cabeça. Até Brutos o encara esperando o que Diniz tem a dizer.

— Está. — sorri — Mas eu garanto que é a melhor forma de perder. Eu perco todos os dias e agradeço por isso. Acho que a palavra certa é rendição. Eu me rendo e você também irá se render ao amor. Às vezes acho que Débora vai me enlouquecer de raiva, mas se ela não estivesse ao meu lado... não faria o menor sentido.

De repente me lembro exatamente do dia em que ele veio até mim para contar que estava apaixonado pela dentista do batalhão e que iria pedi-la em casamento. Eu quase não acreditei, parecia rápido demais. Só que ele já sabia e hoje eu também sei.

— Eu estou completamente apaixonado. — assumo.

Diniz dá dois tapinhas no meu ombro e se levanta.

— Eu já sabia. Está escrito na sua testa, mas é sempre bom ouvir um amigo admitir.

— Filho da puta.

Rindo da minha cara, ele calça o tênis e vai em direção a porta. Junto a pequena bagunça que fizemos e levo tudo para a cozinha. Foi uma tarde divertida.

— Cuida bem do meu parceiro, hein! Ele tá velhinho, mas ainda é um policial. — grita da porta.

Brutos permanece deitado olhando-o de longe com o rabo batendo no chão. É um cão esperto e sabe que deve ficar.

— Positivo! Aproveita a Disney, velhote. — brinco.

— Fui.

Brutos fica ao meu lado enquanto lavo a louça e jogo os restos na lixeira. Sem emitir qualquer som, ele me observa em todos os movimentos. Passo da cozinha para a sala, pego a coleira deixada no canto e dou dois passos para voltar à cozinha quando escuto um disparo de arma de fogo. Na sequência outro tiro e um grito. É muito rápido.

Pego minha pistola 9mm sobre o rack e corro para a janela. Brutos vem atrás de mim e apoia as patas no parapeito.

Do terceiro andar vejo uma moto, mas não há ninguém nela. Um movimento rápido chama a minha atenção para a direita, cinco metros para frente. Dois caras correm em direção à moto, mas o de trás volta com a arma na mão.

Diniz!?

Meu amigo de anos está caído na calçada. Ele está vivo. Sua mão ensanguentada cobre o pescoço ferido. São três segundos. O desgraçado com a arma aponta para o meu amigo, na intenção de finalizar o serviço.

Antes que ele consiga, eu atiro. Um disparo certeiro no meio das costas. O barulho alerta o outro, que corre até a moto e foge. Tento, mas não consigo atingi-lo em movimento de onde estou.

Imediatamente desço as escadas saltando os degraus de três em três. Brutos vem logo atrás de mim. Saio pela portaria e vou o mais rápido que consigo até Diniz. Ele ainda respira, mas está muito fraco.

— Ligue para o 190. — grito para a primeira pessoa que vejo.

— Aguenta! — sem me importar com todo o sangue, puxo Diniz para os meus braços — Você é boina negra, tenente. Não vai abaixar a cabeça não. Agente firme!

Ele tenta falar, mas não consegue. O tiro pegou em seu pescoço e o sangue jorra. As pessoas em volta chamam o socorro. O desgraçado que eu acertei está caído no chão. Morto.

Que vá sentar no colo do capeta.

Tudo estava bem, fazíamos planos. Agora ele está morrendo.

— Não fala. Se concentra e ficar firme aqui, porque você não vai morrer. Porra, Diniz, você sobreviveu a trinta anos nas ruas. — os olhos dele começam a fechar — Não! Não! Não! Olhe para mim. Olhe para mim, entendeu?

Ele resiste. Eu sei que está tentando. Ele é guerreiro, é lutador. Aperto o seu ferimento para conter a hemorragia. Não parece

adiantar. A nossa volta as pessoas se aglomeram, algumas tentando ajudar e outros só por curiosidade.

Sinto uma baforada forte em meu pescoço, olho para atrás e encontro Brutos angustiado, andando de um lado para o outro sem deixar que ninguém chegue perto demais. Ele entende que temos um problema e que seu parceiro está ferido, por isso sofre tanto.

— A ambulância está chegando. — alguém grita.

— Ouviu? Os médicos estão chegando, Diniz. Você vai ficar bem, cara. Aguenta firme, porque hoje não é o seu dia. — sinto seu corpo amolecer em meus braços. Ele está partindo — Diniz! Tá todo mundo te esperando, irmão. Não faz isso comigo não. Por favor!

— Débora... os meninos... — ele tenta falar, mas não tem forças para isso.

É o fim. Não tem mais volta. Ele precisa ir em paz.

— Eles não estão desamparados, meu irmão. Eu vou cuidar da sua família e nunca vou tirar os olhos dos seus meninos, prometo. — fecho os olhos e apoio minha testa na dele — Vá em paz.

Disse o que precisava dizer, mas a verdade é que não aceito a sua partida. Por dentro, grito para que ele resista.

No chão, como um animal qualquer, meu amigo morre. A vida dele acaba nos meus braços. Puxo-o para mais perto sem soltar o seu ferimento. No fundo ainda tenho esperanças. Mas ele não se mexe, não respira. Seguro o corpo imóvel com todas as minhas forças.

A dor que sinto é esmagadora. A pior que já senti desde que enterrei o meu pai. Não posso aceitar. Não está certo.

— Por favor, parceiro. Por favor, não faz isso com a gente. — choro com seu corpo sem vida — Eles estão te esperando em casa e você vai viajar com os seus garotos, vai ouvir sua mulher reclamar do preço das coisas. É isso que tem que acontecer.

— Senhor...

Não quero ouvir quem tenta falar comigo.

— Senhor, ele se foi.

Eu não vi, mas um bombeiro estava ao meu lado. Ele tentava verificar os sinais vitais em Diniz. Não sei a quanto tempo ele estava ali. Foi quando resolvi observar o que acontecia ao meu redor.

Um dos bombeiros tentava conter Brutos, outro cobria o corpo do filho da puta que eu matei e as pessoas eram afastadas.

— O outro fugiu. — digo a placa da moto e as características do bandido — Somos militares. Ele era tenente aposentado, — falo rápido — eu sou da ativa. Você pode fazer alguma coisa?

Não é uma pergunta racional. Eu sei que ele não está mais aqui, só não consigo aceitar.

O homem nega com a cabeça.

— Ele era um cara bom. — digo desolado.

Um instante no inferno

Belinda

O meu voo foi alterado e saí de BH duas horas antes do previsto. Cheguei a pegar o telefone para avisar a Rael sobre a mudança, mas o bichinho da traquinagem me convenceu a fazer uma surpresa e aparecer sem avisar na casa dele.

Há uns dias, durante uma conversa sem pé nem cabeça que todo casal tem, ele me passou o contato dos amigos mais próximos, o telefone da mãe dele no Tocantins e o seu endereço. Por causa do trabalho ainda não aconteceu de eu conhecer o apartamento dele, mas isso vai mudar hoje.

— Moço, é esse endereço aqui. — mostro a tela do celular ao taxista.

— Sei onde é. Em menos de quarenta minutos te deixo lá.

— Obrigada!

Não sou o tipo de pessoa que fica calada por muito tempo. Dez minutos depois do início da viagem já sei o nome dos filhos do taxista, o que a esposa faz da vida e já o preveni quanto ao uso excessivo de descongestionante nasal. Um perigo.

Atravessamos a cidade sem qualquer problema. Graças a Deus ele demonstrou ser experiente e não tentou prolongar a viagem com caminhos duvidosos.

— Que trânsito de repente. Esquisito. — ele comenta.

— São Paulo, né.

Ele olha e olha para frente aparentando estar inconformado com a situação. Até aqui tudo ia bem, mas do nada, mudou.

— Deve ser acidente. Hoje em dia qualquer um pega um carro e acha que é motorista. Um bando de criminosos no volante.

— Verdade. — concordo — Eu vendi o meu carro antes de vir para cá. Prefiro andar de taxi a me atrever nessa cidade sem conhecer.

— Fez bem.

Esperamos parados no mesmo lugar por longos minutos. Ninguém move um centímetro. É realmente esquisito. Segundo o motorista, nessa região não é comum ter tráfego parado como agora.

— Olha, o endereço que você me passou é logo ali na frente. Dobre a direita na segunda esquina e estará lá. Acho que chegará mais rápido se for andando.

— O senhor tem razão.

Pago a corrida e deixo o troco para ele como agradecimento, pego minha mala de rodinhas e saio pela calçada. Preciso chegar logo ou corro o risco de desencontrar com Rael e ele já ter ido esperar por mim no aeroporto.

— Quem elaborou essas calçadas não andava de salto e nem carregava mala. Não tem condições.

Ando o mais rápido que consigo, arrastando a minha mala que vai sacolejando metro por metro. Uma bosta. De poste em poste preciso dar uma pausa para respirar e limpar o suor que começa a brotar na minha testa. Se tem coisa pior do que chegar para surpreender o namorado com pizzas debaixo do braço, desconheço.

Do que adiantou passar aquele sabonete íntimo de maracujá, se vou chegar cheirando a bacalhau?

— Creio em Deus pai!

Devo estar sofrendo de abstinência de namorado, porque nem eu estou me suportando hoje.

Na primeira esquina, paro, refaço o meu rabo de cavalo, respiro fundo e sigo em frente. O caos no trânsito persiste e só piora. Três viaturas da polícia tentam transpor a fila de carros, mas é quase impossível. Preciso me espremer na calçada quando eles decidem subir no meio fio para conseguir passar.

Deve ser algo muito sério.

É ridículo, mas tive vontade de gritar “oi, colegas, sou namorada de um de vocês”. Obvio que não fiz, mas queria.

Rael fala tanto e com tanta paixão do trabalho e dos amigos que tem dentro da corporação, que já me sinto parte dela. A paixão deixa as pessoas muito bobas.

Eu estou uma pateta ultimamente. Uma pateta feliz.

Um grupo de pessoas conversa ao lado de uma banca de jornal. Eles parecem horrorizados. Só então observo o mundo ao meu redor.

Talvez eu estivesse muito ansiosa ou animada para chegar, que não me atentei ao que estava acontecendo a minha volta. Os carros parados, viaturas e sirenes gritando, até um helicóptero passou. O som das hélices girando foi como um gatilho.

Meu coração começou a disparar e minhas pernas a tremer como se não tivessem ossos para sustentar. Eu já vivi isso. Pânico.

— Moça. Moça! Ei, moça, você está bem.

Olhei para o homem quase aos berros. O ar quase não vinha.

— Estou tento uma crise de ansiedade. — disse em um lapso de sanidade, reconhecendo os sintomas — O que aconteceu aqui?

Perguntei, me dando conta de estar encostada em um muro com os joelhos flexionados. O grupo que antes estava próximo à banca de jornal, agora tentava me acalmar.

— Foi um assalto. — o desconhecido explica — Na verdade ainda não sabemos, mas dois homens morreram na Rua da Madeira.

Rua da Madeira?

— O que o senhor disse? — minha voz falha — Por favor, me diga o que aconteceu.

Tento olhar na direção da rua que pretendo ir, mas algumas árvores e alguns curiosos no caminho me atrapalham.

— Calma, moça. — ele segura as minhas mãos — Foi muito rápido. Dizem que tem um bandido morto, mas o policial também se foi. Ele foi assaltado na porta de casa. Coitado! Estava saindo.

Rael.

— Eu preciso ir lá. — grito.

Puxo o meu braço com força. Não me preocupo com a mala ou com qualquer coisa. Eu preciso ir até lá. É o meu namorado. É ele.

— Não, dona. — o desconhecido tenta me impedir — Ninguém pode chegar perto.

Empurro-o.

— É o meu namorado. — tento me soltar — O policial do prédio é o meu namorado. Me larga! Ele estava indo me buscar.

— Calma! Por favor, só se acalme. Não tem mais nada que você possa fazer.

O que ele diz não me importa. A força vem de algum lugar que desconheço e consigo empurrar o homem muito maior do que eu. Saio correndo, deixando meus sapatos pelo caminho. Passo entre as pessoas, invado a barreira policial e com muita dificuldade, chego ao local.

Por um segundo, olho para o prédio. É o prédio que Rael me mostrou no maps. É o prédio dele.

Deus, por favor, não! Ele não!

— A senhora não pode passar. — uma policial tenta me impedir.

— Eu sou namorada dele. Me deixe passar, por favor.

Já não conheço o significado da palavra dignidade. Estou em frangalhos com a certeza de ter perdido tão precocemente o amor da minha vida.

— Qual o seu nome? — pergunta sem soltar os meus braços. Quero socá-la.

— Belinda. Meu nome é Belinda.

— Belinda, você está aqui pelo...

Nem a deixo terminar de falar.

— Mas que merda! Saia da minha frente. Eu sou namorada do Rael. É recente, mas eu estou te dizendo que sou namorada dele e preciso vê-lo.

Isso não pode ser real.

— Belinda.

Rael.

Ergo o olhar sem acreditar no som da sua voz. Meu coração congela por um breve instante e então acelera como uma locomotiva desgovernada.

Completamente ensanguentado e com o rosto transfigurado de tristeza, Rael aparece atrás da policial. Ela o vê e sai do meu caminho. Não tenho olhos para mais nada. só vejo a dor e o sofrimento nele. É tangível.

Mas ele está de pé. Ele não morreu e está bem aqui na minha frente.

— Você está vivo. — digo feliz.

— Estou.

Sua resposta curta e apática só me faz mais confusa.

— O que aconteceu? — vou até ele e seguro o seu rosto com as duas mãos — Meu bem, o que aconteceu com você?

Ele não responde. Não consegue dizer uma só palavra.

Rael me abraça, deita a cabeça no meu ombro como se fosse uma criança e chora. Não um choro contido e comum. Ele chora de verdade, colocando para fora toda a dor do mundo.

O que pode ter acontecido para ele estar assim?

Oh, Deus! Meu gigante está destruído e eu não entendo o motivo e não sei como parar a sua dor. Quero sofrer por ele, curar a sua ferida, mas não sei como.

Ficamos assim. Eu e ele em meio ao caos por segundos, minutos ou horas. Não consigo mensurar.

Quando o seu choro cessa, pergunto novamente.

— Rael, o que aconteceu?

Ele dá um passo para trás, ergue o olhar e responde.

— O Diniz veio me ver antes da viagem. Ele trouxe o Brutos para ficar comigo. — com a mão suja de sangue, ele limpa o rosto — Foi como sempre, conversamos, tomamos uma cerveja e ele saiu. A viagem dele com Débora e as crianças seria amanhã.

Oh não!

— Seria?

Não quero ouvir.

— Escutei dois disparos. Consegui acertar um dos desgraçados, mas o outro fugiu. — Rael abaixa a cabeça — Ele morreu nos meus braços, Belinda.

Que dor!

Voltamos a nos abraçar. Choramos e lamentamos juntos a perda brutal de uma pessoa tão querida. Rael explica que as testemunhas disseram que não foi um assalto. Os bandidos reconheceram Diniz como policial, deram meia volta e atiraram nele enquanto entrava no carro para ir embora. Foi sem chance de defesa, sem misericórdia.

Diniz morreu pelo simples fato de ser policial.

Aqueles homens, não pensaram no pai que eles estavam tirando dos filhos ou no marido que tomaram de uma esposa apaixonada. Eles simplesmente atiraram para matar. Um tiro pegou no carro e o outro no pescoço de Diniz, fazendo-o sangrar até a morte.

Na minha cabeça fica a pergunta:

Quem vai explicar para aquelas duas crianças que eu vi felizes jogando videogame, que o pai delas não vai mais voltar?

Adeus

Rael

Não foi fácil dar a notícia à Débora, mas alguém precisava fazê-lo e eu assumi a responsabilidade. Eu devia isso ao meu amigo. Me pareceu cruel deixar que alguém desse um telefonema ou que ela descobrisse pelos jornais que o homem que ela ama está morto.

Belinda entendeu a situação toda e foi para casa. Um amigo, que veio ao ouvir no rádio o que aconteceu, levou Brutos com ele até encontrarmos o momento oportuno para devolvê-lo a sua família.

Andei de um lado para o outro na frente da casa sem conseguir encontrar uma maneira de dizer o que fui dizer. Talvez eu nunca tivesse conseguido entrar, se um dos meninos não gritasse o meu nome, dizendo a mãe que o tio Rael estava lá.

Doze anos não é uma boa idade para entender certas perdas.

Débora passou pela porta com o mesmo sorriso que sempre me recebeu, mas os cinco passos que precisou dar até chegar ao portão foram suficientes para que ela compreendesse que algo estava mal.

Foi a missão mais difícil da minha vida.

O olhar dela se manteve fixo no chão durante o tempo em que contei, sem esconder nada, o que acabara de acontecer. Depois de engolir o rio de lágrimas que ameaçava saltar de seus olhos, focou nos filhos brincando de bola na garagem, então voltou seu olhar para mim pediu que eu ficasse com eles por alguns instantes. Eu fiquei.

Tirei os sapatos, corri, rolei no chão e vibrei a cada gol. Por uma hora brinquei com aqueles garotos, dando a eles mais um breve momento de alegria. Talvez o último por um longo tempo.

Quando a mãe deles retornou, provavelmente depois de se afogar em lágrimas trancada no quarto, foi o pior momento. Desejei

não estar ali. Desejei ter metade da força que vi naquela mulher, que mesmo sangrando por dentro, sustentava a dor dos filhos.

É, Diniz, você escolheu bem.

Saí de lá no meio da madrugada. O enterro ficou marcado para a tarde do dia seguinte. Eu precisava de um pouco de luz, de qualquer coisa que não fosse tristeza e lamento. Não voltei para casa.

— Como você está? — perguntou Belinda ao abrir a porta do seu apartamento para mim às 4h40min da madrugada.

— Tô precisando de você.

Recebi o abraço que tanto queria. Entramos, tomamos um banho juntos sem dizer uma só palavra e fomos para a cama. Estranhamente Belinda estava em silêncio e permaneceu assim até o dia seguinte. Suas mãos suaves acariciavam minhas costas e sua respiração me acalmava.

Ficamos assim. Juntos.

Às 10h28min me levantei. Belinda ainda dormia serena. Mesmo sem fome, resolvi preparar um café da manhã, muito mais para me distrair do que para comer. Cozinhar costuma ser um bom plano. Fiz croissant de chocolate para a minha menina sem saber se ela gosta, mas confiando que sim.

— Acordou cedo. — disse depois de bocejar. Ela ainda se espreguiçava na cama.

— Fiz algo gostoso para você.

Sorriu, animada.

Quanto poder em um simples movimento de lábios. O sorriso de Belinda deveria ser engarrafado e vendido como antídoto para todos os males do mundo.

Enrubescida, desvia o olhar e respira fundo. O que quer esconder de mim?

— O que foi? — pergunto e vou até ela. Paro diante da cama bagunçada.

— Nada.

— Mentira.

Ainda mais vermelha, Belinda se remexe na cama. O subir e descer do seu peito deixou clara a ansiedade. Ela me quer, não consegue esconder a vontade de se entregar a mim. O seu desejo me contagia, ascende meu corpo instantaneamente como uma chave. Tudo o que acontece da porta para fora desaparece.

— Eu sinto a sua falta. — diz manhosa, envergonhada pelo próprio querer — Acho que não é um bom momento, mas foi inconsciente. Desculpe.

— Está se desculpando por me desejar tão intensamente?

— Acho que sim.

Junto-me a ela na cama, cobrindo o seu corpo com o meu. Nos beijamos sem pressa. É o primeiro beijo que trocamos desde que ela viajou. Minha boca explora a dela profundamente, nossas línguas se esbarrando e aprofundando o contato até que não é mais apenas um beijo. É uma dança erótica.

— Isso é bom!

— É sim.

Ela brinca com a minha boca, sugando minha língua como se estivesse me pagando um boquete. Seguro o seu punho e guio sua mão até o meu pau por cima da bermuda. Ela o puxa para fora e faço o mesmo, metendo dois dedos dentro da boceta.

— Ah! — geme.

— Abra mais as pernas, Belinda. Assim...

Com um pouco de esforço, consigo pegar o preservativo na mesinha de cabeceira e com urgência o coloco. Estico seus braços para cima da cabeça. O movimento é um pouco bruto, assustando-a, mas logo compreende que estou no controle. Suas pernas arreganhadas são um convite. Seu olhar travesso é pior do que cachaça, viciante.

— Olha. — ordeno.

Belinda olha para baixo e vê meu pau forçando contra a sua boceta aberta. É uma visão incrível. Empurro firme sem ceder até que entro completamente. Um gemido longo e agudo escapa pela garganta de Belinda. É excitante. Empurro novamente, outra vez e mais vezes. Seus gemidos aumentam. Minhas entocadas ficam mais fortes e mais rápidas.

— Toma! — rosno em sua orelha, mordendo seu pescoço enquanto meto insanamente.

— Sim! Ah!

Giro nossos corpos, colocando Belinda montada sobre mim. Ela se desequilibra, mas logo apoia as mãos em meu peito e ensaia um movimento sutil. Seus seios fartos balançam. Deliciosos.

Empurro com força, arfando e admirando a beleza das reações de Belinda. Ela não se reprime, não se importa em ser vista tão vulnerável e excitada. Quanto mais tem, mais ela quer e mais se empenha em conseguir.

— Cavalga. Faça como se sentir bem, vou gostar de qualquer coisa que fizer.

Vejo seu rosto se iluminar.

Belinda apoia as mãos em seus joelhos abertos de cada lado do meu corpo, se empina toda e começa um vai e vem. É lento e indeciso, mas fascinante. Ela está se descobrindo, entendendo o que lhe dá prazer.

Não vou aguentar muito tempo assim.

Rapidamente toma gosto pela coisa. Testa novos movimentos, outras velocidades até que encontra o seu jeito preferido. A cintura esculpida ondula sobre mim hipnoticamente, prendendo o meu olhar e levando o meu juízo. Belinda geme alto prestes a chegar ao orgasmo.

De camarote, assisto à espontaneidade dos seus gestos. Suas pálpebras pesando, a cabeça tombando para atrás e as mãos tensas. Os biquinhos rosados são um espetáculo à parte, vivos e duros saltando no ritmo da cavalgada, hora frenética, hora suave.

— Rael...

— Eu sei. Goza, vai!

Ela tenta se mover mais rápido e eu ajudo com investidas profundas até que ouço o seu grito de satisfação. Foda! Não quero e não preciso me segurar, deixo acontecer e jorro dentro do preservativo.

Às 15h chegamos ao cemitério. O lugar está lotado. Diniz era um sujeito muito querido e respeitado por todos os que o conheciam, e até mesmo por quem não o conhecia diretamente. Entre oficiais e praças, ele era admirado por seu jeito simples.

— Débora, — abraço-a — eu não pude salvá-lo.

— Eu sei, Rael. Obrigada por tentar. Eder tinha você como um irmão e agradeço por ter ficado com ele até o fim.

— Conte sempre comigo.

Belinda cumprimenta Débora com um abraço carinhoso e emocionado. As duas se conhecem há pouco tempo, mas em momentos como este não há como não se emocionar, além de existir um elo especial entre nós que se estendeu a Belinda naturalmente.

Talvez as pessoas de fora não compreendam o que une uma corporação centenária como a nossa. Muito provavelmente os protocolos e cerimônias parecerão desnecessários, mas não são.

Antes de sair de casa, vesti a minha túnica e municei a minha arma com um pesar que até então desconhecia. Não é a primeira vez que enterro um irmão de farda. Infelizmente, na minha profissão, despedidas são mais frequentes que na maioria. O pior de hoje é conhecer tão intimamente os outros inocentes que sofrerão com a perda.

Ao lado da mãe, os gêmeos tentam parecer meninos grandes que aguentam a porrada. Com olhos inchados e bochechas molhadas, eles se mantêm firmes. Nunca vou esquecer do orgulho de Diniz ao falar dessas crianças. O muxiba sabia fazer filho bonito.

— O que vai acontecer agora? — pergunta Belinda ao ver a movimentação da guarda fúnebre. Dez soldados perfilados com fuzis nas mãos.

— Haverá uma salva de tiros.

— Tiros? — pergunta, alarmada.

— São de festim. Elas não podem te machucar.

A sequência de comandos é impactante. Todos os presentes se colocam em posição de respeito para a última homenagem. Em cada rosto, tristeza. Os dedos de Belinda apertam ao redor da minha mão quando ela escuta o primeiro comando.

— Em funeral. Preparar. Carregar. — o som do metal sobressai — Apontar. Fogo! — ouve-se o estampido dos tiros sincronizados na primeira salva. Então recomeça — Carregar. Apontar. Fogo! Carregar. Apontar. Fogo! Descansar... Armas. Ombros... Armas. Apresentar... Armas. Olhar à direita.

Após a salva de tiros, o corpo passa diante da guarda fúnebre. Seguimos em cortejo. Apesar da dor, sinto os dedos de Belinda acariciando o dorso da minha mão, dando-me conforto. Seguimos juntos em cortejo até o local do sepultamento.

— Quer ficar com os seus companheiros? Posso ir para casa e nos encontramos depois. — Belinda oferece. Ela sabe que não estou bem com o que aconteceu e quer me confortar de todas as formas.

Olho a minha volta. O clima pesado e os assuntos não me interessam.

— Quero te abraçar, colocar um filme qualquer e não ver o tempo passar. Me acompanha?

— Sempre, tenente.

— Então vamos, doutora. Não quero voltar aqui tão cedo.

Depois de me despedir e me colocar à disposição de Débora, deixamos o cemitério discretamente.

Duas semanas depois

Belinda

— Que bom que vocês chegaram! Eu queria ter ido buscá-los no aeroporto, mas hoje foi um dia importante aqui e não tive como pedir dispensa.

— Não se preocupe com isso, princesa. O motorista do seu tio nos buscou como sempre faz. — diz meu pai do outro lado da linha — Nos veremos a noite.

— Com certeza, pai. — olho no relógio — Preciso desligar.

— Só mais uma coisa. O policial vem com você.

Reviro os olhos.

— O policial tem nome, pai. Ele se chama Rael Baldotto Leão e não precisa ser chamado de policial o tempo todo. Pode chamá-lo de “meu genro”.

— Ele ainda não é meu genro.

Ah, como pode?

— Pai! — advirto-o

— Rodrigo é genro de Leônidas porque é casado com a sua prima. O policial é no máximo o namorado em fase de aprovação da minha filha. Vulgo, encosto.

Sei que ele está brincando.

— Fase de aprovação, doutor Bento. — rio baixo para não chamar atenção.

— E acho bom ele andar na linha se quiser passar.

— Não vou dizer mais nada. Tchau, pai.

— Tchau, Beli.

Mais duas horas e encerro o meu dia de trabalho. Junto minhas coisas, converso um pouco com Silva sobre a nova técnica aplicada na sedação de pacientes em estado terminal que praticamos. Coisas novas aparecem a todo momento e precisamos estar sempre atentos.

— O doutor Ushyro tem um HD infinito dentro daquela cabecinha oriental dele. O homem não esquece nada.

— Na próxima encarnação, venho japa. — diz Silva.

Uma residente de obstetrícia, vem correndo em minha direção. Levo um susto quando ela chega pegando no meu braço, superanimada.

— É Belinda, certo? — pergunta com as mãos sobre mim.

Olho para Silva sem entender e então para ela.

— Sim. — sorrio — E você é a Rachel. Acho que já nos conhecemos.

De certa forma acabamos conhecendo quase todo mundo, principalmente quem entra no mesmo ano. Eu sei quem ela é, só não temos nenhum contato.

— Já, já nos conhecemos. Eu li que o seu pai vai participar do Congresso Nacional de Parto Humanizado no centro de convenções. — os olhos dela brilham — Eu estarei lá. Acho que todo mundo que se prese estará lá. Por favor, consegue um minutinho com o doutor Bento Malamam para a gente.

Oi?

Olho por cima dos ombros dela e vejo uma galera. Pelo menos doze residentes de obstetrícia aguardando ansiosamente a minha resposta.

— Bem... eu não sei se ele veio com a agenda liberada.

— Só alguns minutos, por favor. — insiste, quase implorando.

— Posso tentar falar com ele e te mandar uma mensagem amanhã. — ela olha para trás e vibra. O pessoal se empolga também. — Eu não prometo nada.

— Claro... a gente entende.

Dito isso, ela sai e eu fico chocada com a sua cara de pau. E olha que eu sou a mestra do exagero.

— Entendi por que você escondia o sobrenome. — Silva comenta.

— Isso não é nada. Em BH todos os dias alguém me pedia um estágio ou emprego no hospital. As pessoas acham que sou uma extensão do MAH.

Atravessamos os corredores conversando até chegar na área externa.

Encostado no 01 está Rael, de braços cruzados, rosto sério e olhar focado. Seu semblante só suaviza quando me vê chegar. Despeço-me de Silva e corro até ele. Meu sorriso é escancarado e não faço a menor questão de esconder.

Que saudade eu estava!

Beijo sua boca. Agarro o pescoço e pulo em seu colo.

— Que saudade, tenente.

— Eu também estava, doutora. Morrendo de saudade de você. Mais beijos.

Há três dias não nos vemos, mas parece que faz semanas. Mesmo com as mensagens de texto, áudios e fotos que trocamos, ainda é difícil segurar a vontade de estar sempre junto e viver cada segundo lado a lado.

— Por que demorou tanto lá dentro?

— Estava conversando com Silva.

Ele ergue uma sobrancelha. Não importa o que eu diga, Rael sempre desconfiará das intenções de Silva comigo.

— Sobre técnicas de sedação em pacientes terminais. — esclareço.

— Ele quer é te sedar.

Acho graça do seu ciúme.

— Não adiantaria, porque eu sempre prefiro está bem ativa. — mordo seu lábio inferior — Estou ativa agora mesmo e louca para chegar em casa.

Rael confere se somos observados e puxa o meu corpo mais para perto de si, fazendo-me sentir seu membro.

— Será que fica feio chegar atrasado no jantar com os meus sogros? — lembro instantaneamente do meu pai dizendo que ele ainda não era sogro de ninguém e começo a rir. — O que foi?

— Nada, só lembrei de uma bobagem.

Não teve jeito, chegamos super atrasados à casa do tio Leônidas e da tia Sarah. Todos estão reunidos para o aniversário de Rodrigo, que celebra os seus quarenta anos.

Rael estaciona seu carro com todo o cuidado do mundo. Ele verifica se não há chances de algum desavisado esbarrar na lataria do seu 01. É admirável o seu apressamento pelo fusca. Entre utilitários e esportivos de luxo, o carrinho se destaca.

Da janela vejo um dos seguranças olhar desconfiado. Rael sai antes de mim e dá a volta para abrir a porta. É tempo o suficiente para o funcionário se aproximar.

— Esta área é para convidados. Prestadores de serviço devem estacionar lá nos fundos.

Não espero meu namorado abrir a porta e saio antes que ele tenha a chance de responder.

— Ele está comigo. — digo imediatamente.

Que vergonha. Rael deve estar constrangido com a situação.

— Senhorita Belinda. — o rapaz se espanta ao me ver — Desculpe... eu não...

Estou tão irritada, que altero o tom de voz.

— Seu julgamento foi muito preconceituoso.

— Sem problemas. — Rael interfere, puxando-me pela cintura — O negão aqui não se ofendeu. Só fica de olho no meu companheiro aí e bom trabalho.

Sou literalmente arrastada por ele até o caminho de pedras que leva ao jardim.

— Por que não me deixou dizer o que deveria ser dito?

— Porque não há razão para se aborrecer, Belinda. — ele me encara — Quantos negros estacionam fuscas no gramado do seu tio por semana?

Ele tem razão.

— Provavelmente nenhum.

— Exatamente. Não vou culpar o cara por isso. Pode ter certeza que não abaixo a minha cabeça para ninguém, mas sou esperto o suficiente para entender que nem tudo deve ser levado a ferro e fogo, esquentadinha.

Faço bico.

— Não sou esquentadinha.

Tirando os meus pés do chão, ele me levanta eu seus braços e abraço-o pelo pescoço. Um beijo rápido e outro profundo e longo.

— É esquentadinha sim. — morde meu lábio — Adoro te ver pegar fogo em cima de mim.

— Jura?

— Juro.

Quando entramos, a sala está cheia, todos conversando em voz alta e rindo sem qualquer preocupação. É um típico encontro de família, onde tudo e todos viram assunto. Damaris percebe a minha chegada e alerta a todos. Nos tornamos o centro das atenções em dois segundos.

— Finalmente! — grita Marco — Achei que ele ainda estava fugindo de você.

Sei bem a que ele se refere.

— Palhaço!

Eu e Rael entramos de mãos dadas e vamos até onde estão meus pais. Antes de chegar até eles, digo para que todos ouçam:

— Família, esse aqui é o Rael, meu namorado.

— Seja bem-vindo, policial! — mais uma vez Marco dá suas piruadas.

Todos riem do tom excessivamente respeitoso e caricato que meu primo usou para dizer policial. Até achei que poderia ser um problema, mas Rael se mostrou totalmente aberto.

— Pai, mãe, esse é o Rael. — apresento quando estamos frente a frente. — Rael, esses são meus pais, Bento e Safira. — Dou um beijo no rosto de cada um, Rael cumprimenta ambos com um aperto de mão.

Minha mãe me encara discretamente com aquele olhar de “uau! Ela gostou dele, está na cara. Não tem como não gostar.

— Então você é o ladrão de corações? — pergunta meu pai — Ainda não sei se é um prazer te conhecer, mas espero que seja.

Rael sorri e entende a brincadeira.

— Será um prazer, não duvido. Belinda fala com muito carinho de vocês. Eu estou feliz em conhecê-los.

Papai não perde tempo e solta uma enxurrada de perguntas sobre a vida pessoal e profissional do meu namorado. É uma verdadeira sabatina. Quero me enterrar em um buraco e só sair quando a sobremesa estiver servida.

Como tudo o que é ruim pode piorar, meu tio Leônidas se junta a nós e cospe questões piores.

— Você não tem uma ex mulher maluca ou filhos espalhados por aí, tem? — antes que Rael responda, ele completa — Militares tem aquela fama de uma mulher em cada canto ou de não durar com ninguém. Vejo que é mais velho que a minha sobrinha e já deve ter uma bagagem pesada.

Meu pai concorda com a cabeça. Ele não olha na minha cara, porque se olhasse veria que estou fervendo. Sem se importar com limites, acrescenta.

— Espero que o jeito da família não te assuste. Só estamos cuidando da nossa menina. Você deve entender que não é fácil ver

a minha bonequinha com um sujeito a tira colo. Daqui a pouco isso acaba e ela irá sofrer.

Agora chega! Ele está indo longe demais.

Inabalável, Rael permanece sossegado ao meu lado.

— Entendo. Não tenho nenhuma das duas coisas. — ele me puxa pela cintura possessivamente e beija a minha testa — Mulher eu só tenho uma e ela já é bastante para lidar. Filhos... vamos conversar melhor sobre isso depois que ela terminar a residência.

Carambolas! Ele disse que vamos conversar sobre filhos? Ah, eu ouvi isso.

Rael encara-os sem fraquejar, bebe um gole da bebida que minha mãe entregou para ele quando chegamos e continua:

— Doutor Bento, — seu tom é mais firme — eu cuidarei dela daqui para frente. Belinda já foi a sua bonequinha por um longo tempo, mas a partir de agora ela é a minha mulher. Vejo e admiro a preocupação de todos, no entanto, posso garantir que a minha presença será permanente.

Meu pai e tio Leônidas ficam tão chocados, que não dizem nada por cinco segundos. Acho que eles não esperavam por isso. Rodrigo, Marco e Matteo param o que estão fazendo para espiar a cena.

Será que eu devo me intrometer?

O silêncio assustador é quebrado pela voz altiva do meu tio.

— Eu falei que era o cara certo, porra! — solta a sua pérola.

— Mas eu precisava testar, meu irmão.

Como é?

— Pode servir o jantar. — tia Sarah grita em direção a cozinha — Os trogloditas terminar o teste com o rapaz.

— Graças a Deus! Que palhaçada. — agora é minha mãe que fala.

Marco, Matteo e Rodrigo caem na gargalhada. Damaris e Pérola tentam disfarçar, mas também estão se divertindo.

É isso mesmo? Todos sabiam desse teatro e ninguém me disse nada? Que horror!

— Pai, o que foi isso? — pergunto, indignada.

Ele ri, segura com uma das mãos no ombro de Rael demonstrando camaradagem.

— Princesa, eu vi esse homem sair com você daquele banco. Marco me contou que ele foi atrás de você mesmo quando achou que tinha levado um fora. Também movi uns pauzinhos e descobri que é um excelente policial. O que eu quero mais para a minha filha?

Uau! Me emocionei.

— Aquilo foi uma brincadeira. — ele se dirige a Rael — Entenda como um batismo.

Rael solta o ar e ri.

— Já tive batismos piores. Vou sobreviver.

Meu pai se vira para sair, mas olha para trás e alerta com o dedo em riste.

— Se machucar a minha princesa, arranco suas bolas e faço uma boceta. Sou ótimo com bocetas.

Depois que o meu pai sai, Rael fala na minha orelha.

— Eu deveria ter dito a ele o quanto sou bom com bocetas?

Fico vermelha na hora.

— Claro que não. — penso melhor — Espero que seja bom só com a minha, tenente.

— Pode apostar que sim.

O restante da noite é muito melhor do que eu esperava. Fiz planos, ensaiei respostas e até previ uma possível briga, caso meus pais não aprovassem o Rael. Nada disso aconteceu. Nem em meus melhores sonhos eu poderia imaginar uma noite mais divertida.

Ao redor da mesa, jantamos, conversamos e rimos por horas. Matteo e Pérola foram embora mais cedo, pois ele tinha cirurgia agendada para o outro dia. Combinamos de marcar uma noite animada de casais só com os primos em um barzinho ou numa boite. Meu namorado gostou da ideia. Ele se deu muito bem com Marco, Matteo e Rodrigo.

O clima entre Nina e o marido não parece um mar de rosas, mas pode ser só impressão minha.

Enquanto os mais velhos estão na área da piscina, nós continuamos na sala conversando. Marco está tentando convencer Rael a entrar em sociedade numa empresa de segurança particular. Mal o conheceu e já está cheio de ideias.

— Estou falando sério. — meu primo insiste — Tenho um amigo que trabalha com isso e parece ser muito lucrativo. Eu já cogitei algumas vezes, mas faltava um sócio com conhecimento e de confiança. Não posso simplesmente abandonar o hospital. Além disso, não entendo do assunto.

Não passou despercebido quando ele disse que Rael era de confiança.

Rael escuta o que ele diz, mas não parece nada disposto a mudar a sua vida.

— Marco, eu tenho uma profissão e uma carreira pela frente. Não me vejo administrando uma empresa. Gosto do que faço.

Rodrigo, que só observa, entra na discussão.

— Você não tem medo?

— Todo mundo tem medo. A diferença é que eu avalio os riscos, sei com o que estou lidando e como lidar. Fui treinado para fazer o que faço.

— Eu entendo, mas... Agora você tem alguém para quem voltar. Ouvi quando disse que pretende formar uma família com a Belinda. — Rodrigo apoia os cotovelos nas pernas — Eu teria medo de me colocar em risco assim todos os dias. Meus filhos precisam de mim.

O que Rodrigo fala toca em uma ferida aberta em Rael. Depois da morte de Diniz, alguma coisa mudou dentro dele. Talvez ainda seja uma mudança sutil, algo estremeceu. Todos os dias, depois do trabalho, ele passa para ver os meninos e tenta apoiar ao máximo como prometeu.

Para completar, a amiga que ele já havia mencionado, Olga, desapareceu. Dois dias após a morte de Diniz, Rael recebeu uma carta das mãos da síndica do prédio. No papel, que eu também li, a moça contou a sua triste história e se despediu, revelando que iria embora para se conhecer melhor e superar os seus traumas.

Acho que a minha chegada, a morte de Diniz e a carta de Olga estão empurrando o meu tenente para uma nova fase. O homem de três meses ficou no passado.

— Vou guardar essa proposta e pensar sobre ela. — Rael dá uma ponta de esperança a Marco.

— Já é um começo, seu polícia. — sacaneia.

— Vamos para casa? — sussurro em seu ouvido.

Chega de gente, chega de roupas.

— Vamos, doutora.

Epílogo

Dois meses depois

Belinda

Rael empurra a minha bagagem de mão para dentro do compartimento.

— O que tem ali dentro? — pergunta ao se sentar.

Estou massageando minhas mãos com um creme hidratante. O ar-condicionado do avião deixa a minha pele ressecada.

— Nada demais.

— Tijolos, bolas de chumbo ou trilhos de trem?

Não sei de onde ele tirou isso.

— Claro que não. Maquiagem, uma muda de roupa, o presente que comprei para a sua mãe. Só isso.

— Se você diz.

Ele passa o braço ao meu redor, me aconchego em seu peito, sentindo o calor que tanto amo.

A vida é mesmo surpreendente. Até o ano passado eu vivia o que tinham planejado para mim. Não que fosse ruim. Não era. A questão toda é que eu senti a necessidade de voar, buscar o caminho e de encontrar o destino final pelos meus próprios méritos.

Eu ainda não cheguei no final, mas estou apaixonada pelo caminho.

Há algumas semanas propus a Rael uma viagem. A nossa primeira viagem junto. Ele topou na hora e logo começou a cogitar rumos e rotas que gostaria de seguir. Com tudo arquitetado dentro da minha cabecinha, dei a ele a chance de me convencer a seguir suas ideias e até gostei bastante de muitas opções. No entanto, eu tinha outra coisa em mente.

Em um primeiro momento, Rael resistiu. Alegando todos os motivos possíveis e imagináveis, disse que não pretendia voltar ao

Tocantins e que deveríamos deixar o projeto mais para frente. Bem que ele tentou me convencer.

Não conseguiu.

Eu tenho o homem que preciso ao meu lado e não mudaria nada nele. O que desejo para ele é que esteja feliz e completo, sem lacunas escondidas. Venho de uma família grande, presente, intensa e marcante. Eu não precisaria incluir mais gente nessa loucura. Mas não é por mim, é por ele. Rael tem mãe e irmãos, ele tem uma família, origens.

Ele não pode se isolar e fingir ser um barco à deriva, porque ele não é. É evidente que existe um distanciamento, mas não precisa ser para sempre.

Algumas indiretas, muitos beijos e muitos orgasmos depois, estamos aqui. Voo 462 com destino ao aeroporto de Palmas.

— Minha mãe vai adorar a surpresa.

— Acha mesmo? — estou tão ansiosa — Será que ela vai gostar de mim?

— Ela já gosta de você.

— Rael, ela não me conhece. Como pode dizer que gosta de mim?

Ele dá de ombros.

— Porque ela sabe o quanto estou feliz, sabe que tudo na minha vida está melhor. Porque você me arrastou para os braços dela. Acredite, ela tem muitos motivos para gostar de você.

— Estou ansiosa.

— Estou vendo, doutora. — seus dedos se embrenham em meus cabelos, dominando meus movimentos — Vou te dar uma ocupação para passar o tempo.

Sua boca cobre a minha e ele dita a velocidade do beijo como quer. Sigo seus comandos, recebendo sua língua e lhe dando a minha em uma brincadeira safada. A cadeira ao lado está vazia, mas o voo é diurno e todos a nossa volta estão acordados.

Mas não importa.

Com os dentes, Rael segura meu lábio inferior e puxa. Depois devora minha boca de novo e de novo, distraíndo-me de qualquer ansiedade. Ele sabe como gosto e do que preciso.

— O que está fazendo? — pergunta com a boca colada em meu ouvido.

— Você não sabe o que estou fazendo.

Abro o botão e desço o zíper da sua calça. Adoro essa emoção.

— Seremos presos. — seguro o pau por baixo da jaqueta que está dobrada no colo dele cobrindo nosso segredinho — Faça valer a pena.

— Pode apostar.

Seguro seu membro por baixo da jaqueta. Está tão duro que meus dedos não se encontram, não fecham. É quente e posso sentir o pulsar do sangue como um tambor. Enterro minha cabeça em seu pescoço, na tentativa de ser discreta. Aperto. Começo a mover para baixo e para cima bem devagar, indo até a base e depois até a ponta.

— Se continuar com a tortura, chego morto em Palmas. — passo o polegar sobre a cabeça melada — Puta merda, Belinda!

A respiração dele me estimula. Saber da sua excitação me deixa molhada.

Cruzo as pernas e aperto, remexendo o quadril no assento.

Minha mão não para. Para cima e para baixo, apertando e afrouxando. Sem parar. Quanto mais rápido meus dedos trabalham, mais pesada é a respiração de Rael. Ele está quase lá, sei que está muito perto.

Olho ao redor. Ninguém nos observa. Com o poder das telas, todos a nossa volta estão mergulhados em seus próprios mundos. Celulares, tablets e computadores hipnotizam as pessoas a ponto de elas não perceberem o que fazemos tão perto.

— Me avise.

— Já estou pronto.

Uma última olhada rápida. Ninguém. Rael se dá conta do que pretendo fazer e tenta negar, mas é tarde. Abaixo-me, enfiando seu pau inteiro em minha boca até a garganta. O tesão é tão forte que não engasgo com todo o seu tamanho. Imediatamente o líquido quente jorra em três jatos espeços.

Levanto como se nada tivesse acontecido. Mas, por dentro estou pegando fogo.

— Isso foi... incrível! — ele diz antes de me beijar.

— Preciso ir ao banheiro.

Tento me levantar, mas Rael me impede.

— Nem pensar. — encaro-o — Eu resolvo isso.

A jaqueta muda de colo e começamos tudo outra vez.

Quando o avião taxia em Palmas, juntamos nossas coisas e nos preparamos para desembarcar. O plano é passar um final de semana com a família de Rael e depois uma noite em BH com a minha família. Conseguimos alguns dias livres e precisamos aproveitar. Com a rotina que levamos, não é sempre que nossas folgas coincidem.

Calço meu tênis, refaço o rabo de cavalo e retoco a maquiagem. Quero estar apresentável para conhecer minha sogra. Enquanto me esforço para espalhar o corretivo abaixo dos olhos com um espelhinho de mão, percebo que Rael me observa atentamente.

— Tudo bem?

— O que acha de morarmos juntos? — não digo nada — Pelo menos até você terminar a sua residência. Depois disso podemos começar a planejar algo mais formal.

Falta-me ar. Meu coração está batendo rápido demais e meus pulmões congelaram.

Rael segura a minha mão. No corredor, as pessoas começam a se levantar para deixar a aeronave.

— Belinda?

— Oi.

Ele segura o meu queixo com os dedos e me beija com delicadeza.

— Posso esperar a sua resposta por um tempo. Não tenho pressa, doutora.

— Não! — sibilo.

Os ombros dele travam e a expressão é triste.

— Tudo bem. — engole seco — Continuamos como estamos.

Sem jeito, Rael olha para os lados e cumprimenta as pessoas que passam.

— Tenente. — chamo-o de maneira carinhosa e ele me encara. Seus olhos ainda transmitem tristeza — Eu quis dizer que não precisa esperar a minha resposta. Eu quero morar com você. Acho que já fazemos isso há algum tempo na verdade.

Ganho mais um beijo. Esse sem delicadeza e com plateia. Não nos importamos.

— Tem certeza? — pergunta.

— Absoluta.

— Eu te amo, doutora.

— Eu te amo, tenente. — olho no fundo dos seus olhos — Estou entregue a você.

Fim!

Série Herdeiros Malamam

Matteo – entre o amor e o tormento 09/2017

Marco – entre o amor e o vício 03/2018

Luca – entre o amor e o sangue 08/2018

Marco 2 – à beira do precipício 11/2018

Belinda – entregue a você 06/2019

Nina (em breve)

Milena (em breve)

Antony (em breve)

Obrigada por chegar até aqui. Foi um prazer escrever este livro, mergulhar na história de Rael e Belinda e me permitir viver cada emoção, cada sensação do casal e demais personagens.

Até o próximo livro!